

P o l o n i c u s

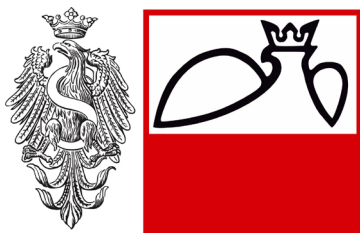
Revista de reflexão Brasil-Polônia

Edição semestral
Ano IX – 2/2018

CURITIBA - PR

Publicação da Missão Católica Polonesa no Brasil

A publicação é parcialmente financiada pela Associação *Wspólnota Polska*, com recursos provenientes da Chancelaria do Senado, no âmbito do projeto de apoio do Senado da Polônia aos poloneses e polônios no exterior



Przedsięwzięcie jest współfinansowane przez Stowarzyszenie „Wspólnota Polska” ze środków otrzymanych od Kancelarii Senatu w ramach sprawowania opieki Senatu Rzeczypospolitej Polskiej nad Polonią i Polakami za granicą

Fundo editorial / Fundusz wydawniczy:
Província da SOCIEDADE DE CRISTO

Ficha Catalográfica:

Polonicus : revista de reflexão Brasil-Polônia / Missão Católica Polonesa no Brasil - Ano 9, n. 17 (jul/dez. 2018) – Curitiba : v.; 23cm.
Semestral.
ISSN 2177 - 4730

1. Poloneses – Brasil – Periódicos.

Conselho Editorial:

Henryk SIEWIERSKI
Mariano KAWKA
Piotr KILANOWSKI
Renata SIUDA-AMBROZIAK
Zdzislaw MALCZEWSKI SChr

Conselho Consultivo:

Aleksandra SLIWOWSKA- BARTSCH – *Universidade Candido Mendes –
Rio de Janeiro*
Barbara HLIBOWICKA-WĘGLARZ – *Universidade Maria Curie-
Skłodowska – Lublin (UMCS)*
Benedykt GRZYMKOWSKI SChr – *In memoriam*
Cláudia R. KAWKA MARTINS – *Colégio Militar - Curitiba*
Edward WALEWANDER – *Universidade Católica de Lublin (KUL)*
Franciszek ZIEJKA – *Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)*
Jerzy MAZUREK - *Universidade de Varsóvia (UW)*
José Lucio GLOMB – *Ordem dos Advogados do Brasil-PR*
Marcelo PAIVA de SOUZA – *Universidade Federal do Paraná (UFPR)*
Marcin KULA – *Universidade de Varsóvia (UW)*
Maria Teresa TORIBIO BRITTES LEMOS – *Universidade Estadual do Rio
de Janeiro (UERJ)*
Regina PRZYBYCIEN - *Universidade Federal do Paraná (UFPR)*
Tadeusz PALECZNY - *Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)*
Thais Janaina WENCZENOVICZ - *Universidade Estadual do RS (UERS)*
Tito ZEGLIN – *Vereador da Câmara Municipal de Curitiba*
Tomasz LYCHOWSKI – *Instituto Brasileiro de Cultura Polonesa – Rio de
Janeiro*
Waldemiro GREMSKI – *Pontifícia Universidade Católica - PR*
Walter Carlos COSTA – *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*
Wojciech NECEL SChr – *Universidade de Card. S. Wyszyński de Varsóvia
(UKSW)*

Endereço da Redação:

Av. Pres. Franklin D. Roosevelt, 920
90230 – 002 Porto Alegre-RS. Brasil
tel (51) 3024-6504 ou (51) 99407-4242
E-Mail: revista@polonicus.com.br
www.polonicus.com.br

Coordenação editorial e editoração eletrônica

Zdzislaw Malczewski SChr

Revisão do texto e tradução do polonês

Mariano Kawka

Resumo em polonês

Mariano Kawka, Zdzislaw Malczewski SChr

Projeto da capa

Dulce Osinski
Claudio Boczon

Impressão

Odisséia Gráfica e Editora Ltda.
Fone: 51 3303-5558
www.graficaodisseia.com.br

Os originais dos artigos, publicados ou não,
não serão devolvidos.
Os artigos assinados são de inteira responsabilidade
de seus autores.

ISSN – 2177 – 4730

SUMÁRIO

EDITORIAL	11
<i>Wstęp</i>	17

POLÔNIA

Polska

LIBERDADE ALCANÇADA

PELA ORAÇÃO E PELA LUTA

<i>Carta pastoral do Episcopado da Polônia por ocasião do 100º aniversário da recuperação da independência da Polônia</i>	23
---	----

Wymodlona i wywalczona wolność. List pasterski Episkopatu

Polski z okazji 100. rocznicy odzyskania przez Polskę niepodległości

Jacek MOSKWA

UMA REVIRAVOLTA HISTÓRICA	31
--	----

Historyczny zwrot

Bernard KOŁODZIEJ SChr

“NO EXTERIOR, ALMAS POLONESAS ESTÃO

PERECENDO...”. O DESVELO DO CARDEAL AUGUSTO

HLOND PELOS POLONESES EMIGRADOS

38
„ Na wychodźstwie polskie dusze giną”. Zatróskanie kard. Augusta Hlonda o polskich emigrantów

Arcebispo Szczepan WESOŁY

A TRADIÇÃO FAMILIAR CRISTÃ

A herança preservada na Polônia

é um dom para a Europa

47

*Tradycja rodziny chrześcijańskiej. Dziedzictwo zachowane
w Polsce jest darem dla Europy*

ARTIGOS

Artykuły

Zdzisław MALCZEWSKI SChr

**A COMUNIDADE POLÔNICA BRASILEIRA
E A QUESTÃO DA INDEPENDÊNCIA DA POLÔNIA:
O EXEMPLO DO ENGAJAMENTO PATRIÓTICO DA
COLETIVIDADE POLONESA NO RIO DE JANEIRO 57**

Polonia brazylijska a kwestia niepodległości Polski.

*Przykład zaangażowania patriotycznego społeczności polskiej
w Rio de Janeiro*

Tomasz LYCHOWSKI

DATA MAGNA! 100 ANOS DE INDEPENDÊNCIA! 66

Wielka data! 100 lat niepodległości!

Mariano KAWKA

SAPORSKI E SUA OBRA COLONIZADORA 69

Saporski i jego praca osadnicza

Regina WEBER, Thaís WENCZENOVICZ

**MOBILIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA
DE “POLONESES” 86**

Współczesna mobilizacja “Polaków”

Iraci José MARIN

LÍNGUA POLONESA - ASPECTOS DIACRÔNICOS 115

Język polski – aspekty diachroniczne

Sergio SECHINSKI
AINDA QUE POUCO, "MÓWIMY PO POLSKU" 128
Chociaż mało, mówimy po polsku

Jerson FONTANA
**PERSONAGENS DE BRUNO SCHULZ
NO TEATRO DO BRASIL:
A TURMA DO DIONÍSIO ENCENA SANATORIUM** 135
*Bohaterzy Brunona Schultza w teatrze brazylijskim:
Grupa Dionísio przedstawia Sanatorium*

André DIAS
**SPK BRASIL:
UMA SAGA DE VITÓRIAS, SUCESSOS
E IMPORTANTES REALIZAÇÕES** 147
SPK Brazylia: saga zwycięstw, sukcesów i ważnych osiągnięć

POEMAS

Wiersze

Juliusz SŁOWACKI
UM PAPA ESLAVO 152
Słowiański papież

Wisława SZYMBORSKA
CONVERSA SOBRE O AMOR DA TERRA NATAL 158
Gawęda o miłości ziemi ojczystej

RESENHAS

Przegląd literacki

Piotr KILANOWSKI
INFORME DA CIDADE LETRADA
(NOVEMBRO 2017 – SETEMBRO 2018) 162
Raport z literackiego miasta

Anna JAMROZEK-SOWA
PLUTA, Aleksandra. *Droga do Rio.*
Historie polskich emigrantów, PWN,
Warszawa: 2017, pp. 248 182

CRÔNICAS

Wydarzenia

Natalia KLIDZIO
BRUNO SCHULZ:
O ENCONTRO ENTRE A LITERATURA POLONESA
E O TEATRO BRASILEIRO 192
Bruno Schulz: Spotkanie między literaturą polską i teatrem
brazylijskim

Zdzisław MALCZEWSKI SChr
VISITA DO BISPO WIESŁAW LECHOWICZ
ÀS COMUNIDADES POLÔNICAS BRASILEIRAS.
60 anos da presença e atuação da Sociedade de Cristo
no Brasil 196
Wizyta Biskupa Wiesława Lechowicza w brazylijskich wspólnotach
polonijnych. 60 lat obecności i postugi Towarzystwa Chrystusowego
w Brazylii

Everly GILLER, André HAMERSKI
V ENCONTRO MUNDIAL DOS POLÔNICOS

E POLONESES DO EXTERIOR. REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA	206
<i>V Światowy Zjazd Polonii i Polaków z zagranicy</i>	
 PROFESSORES DO BRASIL SÃO HOMENAGEADOS NA POLÔNIA	209
<i>Nauczyciele akademicy z Brazylii uhonorowani w Polsce</i>	
 <i>Mariano KAWKA</i> ENCONTRO POLÔNICO EM CURITIBA	210
<i>Spotkanie polonijne w Kurytybie</i>	
 FILMES DO EXÉRCITO BRASILEIRO SÃO EXIBIDOS EM FESTIVAL INTERNACIONAL NA POLÔNIA	215
<i>Prezentacja filmów wojska brazylijskiego na międzynarodowym festiwalu w Polsce</i>	
 <i>Zdzisław MALCZEWSKI SChr</i> A COMUNIDADE POLÔNICA DE PORTO ALEGRE PRESTA HOMENAGEM AO PAPA POLONÊS	217
<i>Wspólnota polonijna w Porto Alegre uczciła Papieża Polaka</i>	

Dedicatória

Dedicamos o presente número do nosso periódico, que é publicado nas proximidades das comemorações dos 100 anos da recuperação da independência da Polônia, aos nossos compatriotas, para que pelo seu engajamento, pelo seu trabalho, pela sua postura de vida contribuam para o crescimento do nosso país. As palavras abaixo citadas do cardeal Augusto Hlond sejam da nossa parte os votos para Polônia, nossa Pátria ou o país de origem de mais de 2 milhões de brasileiros em cujas veias corre o sangue polonês e que expressam o orgulho da sua ascendência.

“Queremos uma República que seja de todos, que seja nossa, não de um único clã. Não da esquerda, não da direita, não da nobreza, não contra a nobreza. Não popular, operária, camponesa, mas uma Polônia social. De todos. Nossa. Não uma Polônia de conflitos, de facções, de partidos. Não uma Polônia da qual todos queiram tudo, mas uma Polônia em que os cidadãos possam se realizar pelo seu próprio esforço, pelo seu próprio mérito”.

Card. Augusto Hlond, Primaz da Polônia

Dedykacja

Obecny numer periodyku ukazujący się w pobliżu obchodów 100. rocznicy odzyskania niepodległości Polski dedykujemy naszym rodakom, aby swoim zaangażowaniem, pracą, postawą życiową przyczyniali się do wzrostu naszego kraju! Cytowane poniżej słowa kard. Augusta Hlonda niech będą z naszej strony życzeniami dla Polski, naszej Ojczyzny, jak też kraju pochodzenia ponad 2 milionów Brazylijczyków, w których żyłach płynie polska krew, a którzy wyrażają dumę ze swego pochodzenia!

“Chcemy Rzeczypospolitej, która byłaby wszystkich, naszą, nie jednego klanu. Nie lewicowa, nie prawicowa, nie szlachecka, nie antyszlachecka. Nie ludowa, robotnicza, chłopska, lecz Polska społeczna. Wszystkich. Nasza. Nie Polska sporów, stronnictw i partii. Nie Polska, od której wszyscy wszystkiego by chcieli, ale taka Polska, w której obywatele dorabiać się będą własnym trudem, własną zasługą”.

Kard. August Hlond, Prymas Polski

EDITORIAL

A segunda metade do ano 2018, tanto para a Polônia como para a coletividade polônica no mundo, tem um grande significado na dimensão histórica religiosa, bem como cívica. No dia 16 de outubro ocorreu o 40º aniversário da escolha do arcebispo de Cracóvia cardeal Karol Wojtyła como papa, e no dia 22 do mesmo mês, a memória da solene inauguração do ministério do Sucessor de S. Pedro desse grande polonês, que no decorrer dos 27 anos do seu longo pontificado, muito ativo, mas também em vários aspectos assinalado pelo sofrimento, contribuiu para a queda do comunismo na Polônia e, pelo seu exemplo, também em outros países da Europa que então se encontravam sob a influência da União Soviética. Igualmente no dia 22 de outubro ocorreu o aniversário dos 70 anos da morte do cardeal Augusto Hlond, Primaz da Polônia, que serviu à Igreja na Polônia em momentos muito difíceis da sua história. Os poloneses, como Nação e como Polônia, como Estado, comemoram solenemente os 100 anos da recuperação da independência no dia 11 de novembro de 1918 – após 123 anos de domínio estrangeiro, de sofrimentos, de desnacionalização que infligiram à Polônia os Estados ocupantes –, quando após lutas, sangue derramado e também em consequência de esforços diplomáticos a Polônia novamente se encontrou no mapa dos estados livres e independentes do mundo. Em relação com esses aniversários tão importantes e sublimes acima citados, publicamos no presente número do periódico diversos textos para familiarizar os leitores com aqueles acontecimentos, que com certeza continuam a exercer influência nos poloneses de hoje e na coletividade polônica no mundo, e especialmente na nossa, presente há 150 anos na hospitaleira terra brasileira.

Convido, portanto, o prezado leitor a passar em revista as seções propostas e a sua rica problemática, apresentada pelos autores dos artigos publicados.

Na primeira seção, *POLÔNIA*, publicamos quatro textos que com certeza interessarão os leitores. O primeiro texto é a carta pastoral do Episcopado da Polônia endereçada aos fiéis na Polônia e no exterior por ocasião dos 100 anos da recuperação da independência da Polônia. Jacek Moskwa, em seu artigo, apresenta-nos a reviravolta histórica que ocorreu na história contemporânea da Igreja da Polônia pela escolha do cardeal Karol Wojtyła como sucessor de S. Pedro. O autor apresenta a realidade da Igreja, bem como da Santa Sé, juntamente com a sua política oriental direcionada aos países dominados pelo sistema comunista. Foi justamente João Paulo II que, durante a sua primeira visita histórica à Polônia em 1979, despertou em seus compatriotas o anseio da liberdade, o que trouxe como consequência a libertação do militante marxismo ateu em 1989. O Pe. Prof. Bernard Kołodziej SChr apresenta ao leitor a figura do cardeal Augusto Hlond, Primaz da Polônia, que, como protetor espiritual dos emigrantes poloneses, além do seu ministério pastoral em meio aos fiéis da Igreja na Polônia, expressava a sua solicitude pelos emigrantes poloneses. Por ocasião das festividades do Natal e da Páscoa, o cardeal Hlond enviava cartas aos compatriotas, encontrava-se com os emigrantes que visitavam a Polônia, além de ter fundado a congregação masculina Sociedade de Cristo, que tem por objetivo proporcionar a assistência pastoral aos compatriotas espalhados pelo mundo. Os pronunciamentos do cardeal Hlond são sempre atuais. É preciso voltar à leitura dos ricos textos do então Primaz da Polônia e através deles interpretar a atual realidade da Polônia, mas também da coletividade polônica no mundo. No dia 28 de agosto do ano corrente faleceu em Roma o arcebispo

Szczepan Wesoły – incansável pastor da comunidade polônica mundial. Ele era o delegado do Primaz da Polônia para a pastoral da emigração polonesa. Residia permanentemente em Roma. Por diversas vezes esteve no Brasil, visitando os núcleos polônicos. Com toda a consciência atesto, com base nos meus encontros com o pastor da comunidade polônica no mundo, que o arcebispo Szczepan Wesoły era um dos poucos que tão bem conhecia e compreendia a comunidade polônica brasileira. Para apresentar ao leitor os pensamentos e a riqueza espiritual do arcebispo Wesoły, e também para de alguma forma consolidar a sua memória, publicamos um texto de sua autoria a respeito da tradição cristã da família polonesa. A sua mensagem continua sendo atual, não apenas em relação à Europa, mas também em relação às nossas famílias polônicas no Brasil.

Na seção *ARTIGOS*, publicamos vários artigos interessantes relacionados com a atual realidade polono-brasileira. Em alusão aos 100 anos da recuperação da independência da Polônia, o redator do periódico analisa de forma sintética o engajamento da coletividade polônica em prol da independência da distante Polônia. O autor apresenta o exemplo concreto dos emigrantes no Rio de Janeiro em sua solicitude pelo bem do seu país de origem. Esse breve texto pode ser uma espécie de desafio ou de apelo para que alguém se disponha a fazer um estudo das comunidades polônicas em outras metrópoles brasileiras, tais como São Paulo, Curitiba e Porto Alegre, para mostrar de que forma elas expressaram naquele período o seu desvelo por uma Polônia livre e soberana. Tomás Lychowski, no seu característico estilo poético, lança um olhar para a independência reconquistada pela Polônia em 1918. Aproxima-se o aniversário dos 150 anos da vinda de um grupo de emigrantes poloneses ao Brasil. A autor do artigo seguinte, Mariano Kawka, lançando um olhar

para as razões de um grupo de poloneses da Baixa Silésia ter escolhido a vida de emigrantes, apresenta-nos a figura Edmundo Sebastião Woś Saporski, chamado Pai da Imigração Polonesa no Brasil. O envolvimento de Saporski em prol da colonização polonesa no Brasil no nosso país foi inestimável. Embora ele tenha empreendido muitos trabalhos visando ao desenvolvimento do Paraná, na análise da história da colonização polonesa não pode ser deixado de lado o seu grande papel nessa área. O texto seguinte nos é apresentado por duas intelectuais, Regina Weber e Thaís Wenczenovicz, que apresentam a atual mobilização polônica no Brasil. As autoras caracterizam a presença de líderes polônicos e o seu envolvimento em prol da divulgação de um melhor conhecimento das suas raízes étnicas pela coletividade polônica em nosso país. Em seu texto as autoras igualmente atentam para a atividade investigativa e jornalística de religiosos poloneses, que dessa forma extrapolam o seu estrito ministério pastoral. No último período as instituições estatais e científicas da Polônia dão cada vez maior atenção à questão do ensino da língua polonesa nos ambientes polônicos no mundo. Expressamos a nossa admiração diante de Iraci J. Marin, que, sendo um brasileiro de origem italiana, demonstra o seu interesse pela língua polonesa. No artigo que publicamos ele analisa os aspectos diacrônicos que ocorrem na língua polonesa. O texto seguinte, de Sergio Sechinski, é de certa forma uma complementação do artigo de Iraci J. Marin. Sechinski, que conhece o seu ambiente étnico, debruça-se sobre a atual realidade da utilização da língua polonesa por pessoas de origem polonesa residentes em Porto Alegre. No artigo seguinte, de autoria de Jerson Fontana, ator e diretor teatral, o autor partilha as suas observações a respeito da sua fascinação por Bruno Schulz e da adaptação da obra *Sanatorium*, que foi também apresentada na Polónia e na

Ucrânia. Graças às traduções de Henryk Siewierski e às obras de Bruno Schulz publicadas no Brasil, a sua poesia desperta o interesse em meio a leitores selecionados deste país. Por razões políticas, os soldados das forças armadas polonesas que durante a II Guerra Mundial lutaram no Ocidente escolhiam a vida de emigrados. Foram eles que fundaram no Brasil seções da Associação dos Combatentes Poloneses. André Dias apresenta em seu texto a saga de sucessos e de importantes empreendimentos desses combatentes poloneses.

Na seção seguinte, *POEMAS*, aludimos a dois importantes aniversários vivenciados na segunda metade de 2018. Apresentamos aos leitores dois poemas, apresentados em ordem cronológica. Em outubro rememoramos o aniversário dos 40 anos da eleição do cardeal Karol Wojtyła como papa e a solene inauguração do seu pontificado no Vaticano. Em alusão a esse aniversário, publicamos o poema de Juliusz Słowacki *Um papa eslavo*, traduzido para a língua portuguesa por Henryk Siewierski. Com certeza essa é a primeira publicação desse poema no Brasil. O poema seguinte alude aos 100 anos da recuperação da independência da Polônia. Muitas gerações de poloneses lutaram pela liberdade e independência do seu país. A luta, os esforços e até a morte sofrida nos levantes contra os ocupantes, no decorrer de operações bélicas, foram uma manifestação do patriotismo de um grande número de poloneses. Para relembrar o heroísmo e o patriotismo dessas pessoas, publicamos o poema *Conversa sobre o amor da terra natal*, de autoria de Wisława Szymborska. Eneida Favre nos forneceu a tradução do mencionado poema de Szymborska.

RESENHAS é a seção seguinte deste número do periódico. Piotr Kilanowski, em *Informe da Cidade Letrada*, apresenta as mais importantes publicações a respeito da literatura e da cultura polonesa que surgiram de novembro de

2017 a setembro de 2018. O autor enumera os livros, os periódicos acadêmicos, os artigos publicados tradicionalmente em formato de papel e relacionados com a mencionada temática. No informe podem ser encontrados também os *links* das publicações em portais ou blogues eletrônicos. Além disso, na mesma seção Anna Jamrozek-Sowa apresenta-nos uma resenha do livro de Aleksandra Pluta *Caminho para o Rio*. Nessa publicação se encontram histórias de emigrantes poloneses que escolheram o Rio de Janeiro como seu lugar de residência. Observe-se, ainda, que neste ano foi publicada também a edição em língua portuguesa dessa obra.

A última seção do periódico, *CRÔNICAS*, encerra algumas reportagens que analisam eventos especiais relacionados com a cultura, bem como eventos polônicos ou ocorridos na Polônia. Com certeza ocorreram também outros eventos merecedores de registro e de apresentação. Escolhemos apenas aqueles que nos pareceram os mais significativos para ser apresentados aos nossos leitores.

Superficialmente, de forma telegráfica, procurei analisar a temática da presente edição da nossa revista. Alimento a esperança de que o seu conteúdo servirá de estímulo para o aprofundamento da temática apresentada pelos nossos autores colaboradores.

Desejo-lhes uma agradável e estimulante leitura!

Zdzislaw Malczewski SChr
redator

W S T Ę P

Druga połowa 2018 roku tak dla Polski, jak też dla społeczności polonijnej w świecie ma duże znaczenie w wymiarze historycznym, religijnym, jak także i patriotycznym. 16 października przypadała 40-rocznica wyboru arcybiskupa Krakowa kard. Karola Wojtyły na papieża, a 22 tegoż miesiąca wspomnienie uroczystej inauguracji posługi Następcy św. Piotra, przez tego wielkiego Polaka, który przez 27 lat swojego długiego, bardzo aktywnego, ale także usłanego cierpieniem - w wielu aspektach - pontyfikatu przyczynił się do obalenia komunizmu w Polsce, a poprzez jej przykład i w innych krajach Europy będącej pod wpływami Związku Sowieckiego. Również 22 października minęła 70. rocznica śmierci kard. Augusta Hlonda, Prymasa Polski, który posługiwał Kościołowi w Polsce w bardzo trudnych chwilach jego historii. Polacy, jako Naród i Polska, jako Państwo uroczysto świętują 100 lat odzyskania niepodległości. 11 listopada 1918 roku - po 123 latach niewoli, cierpień, wynaradawiania, jakie przyniosły Polakom państwa zaborcze - po walkach, przelewanej krwi, a także w konsekwencji wysiłków dyplomatycznych Polska ponownie znalazła się na mapie wolnych, niepodległych państw świata. W związku z tymi tak ważnymi i podniosłymi wspomnianymi powyżej rocznicami publikujemy w obecnym numerze periodyku wiele tekstów przybliżających Czytelnikowi owe wydarzenia, które z pewnością nadal wywierają wpływ na współczesnych Polaków i społeczność polonijną w świecie, a w sposób szczególny naszą, obecną od 150 lat, tutaj w gościnnej ziemi brazylijskiej.

Zapraszam zatem Drogiego Czytelnika do spojrzenia na proponowane działy oraz ich bogatą problematykę ukazaną przez autorów zamieszczonych artykułów.

W pierwszym dziale *POLSKA* zamieszczamy cztery teksty, które z pewnością zainteresują czytających. Pierwszym tekstem jest list pasterski Episkopatu Polski skierowany do wiernych w kraju i za granicą z okazji 100. rocznicy odzyskania przez Polskę niepodległości. Jacek Moskwa w swoim artykule przybliżył nam historyczny zwrot, jaki nastąpił we współczesnej historii Kościoła Polski poprzez wybór kardynała Karola Wojtyły na następcę św. Piotra. Autor przedstawia rzeczywistość Kościoła, jak też Stolicy Apostolskiej wraz z jej polityką wschodnią nakierunkowaną na kraje ujarzmione przez system komunistyczny. To właśnie papież Jan Paweł II podczas pierwszej historycznej wizyty w Polsce w 1979 r. wzbudził w swoich rodakach pragnienie wolności, co w konsekwencji doprowadziło do uwolnienia się z jarzma wojującego ateistycznego marksizmu w 1989 roku. Ks. prof. Bernard Kołodziej SChr przybliżył czytelnikowi postać kardynała Augusta Hlonda, Prymasa Polski, który jako duchowy opiekun polskich emigrantów, poza swoją posługą duszpasterską wśród wiernych Kościoła w Polsce, wyrażał swoją troskę o polskich emigrantów. Z okazji świąt kardynał A. Hlond wysyłał okolicznościowe listy do rodaków, spotykał się z emigrantami odwiedzającymi Polskę, czy też zakładając zgromadzenie męskie Towarzystwo Chrystusowe, mające na celu służyć pomocą duszpasterską rozszanym po świecie rodakom. Wypowiedzi kard. Hlonda ciągle są aktualne. Potrzeba nadal powracać do lektury bogatych tekstów ówczesnego Prymasa Polski i poprzez nie interpretować obecną rzeczywistość Polski, ale także społeczności polonijnej w świecie. 28 sierpnia br. zmarł w Rzymie arcybiskup Szczepan WESOŁY - niestrudzony Pasterz Polonii świata! Był delegatem Prymasa Polski ds. duszpasterstwa wśród polskiej emigracji. Stale rezydował w Rzymie. Wielokrotnie przebywał w Brazylii odwiedzając ośrodki polonijne! Z całą

świadomością stwierdzam, na podstawie moich spotkań z pasterzem polonii świata, że arcybiskup Szczepan Wesoły był jedynym z niewielu, który by tak znał i rozumiał Polonię brazylijską! Dla przybliżenia Czytelnikowi myśli i bogactwa duchowego arcybiskupa Sz. Wesołego, a także w jakiś sposób utrwalenia jego pamięci, zamieszczamy jego tekst na temat chrześcijańskiej tradycji rodziny polskiej. Jego przesłanie jest ciągle aktualne nie tylko w odniesieniu do Europy, ale również do naszych polonijnych rodzin w Brazylii!

W dziale ARTYKUŁY zamieszczamy kilka interesujących artykułów nawiązujących do aktualnej rzeczywistości polonijno-brazylijskiej. Redaktor periodyku w nawiązaniu do 100. rocznicy odzyskania niepodległości Polski, w sposób szkicowy omawia zaangażowanie społeczności polonijnej na rzecz niepodległości odległego kraju. Autor daje konkretny przykład emigrantów polskich w Rio de Janeiro w ich trosce o dobro swojego kraju pochodzenia. Ten krótki tekst może być, pewnym wyzwaniem, czy zachętą, aby ktoś się potrudził, by przestudiować społeczności polonijne w innych metropoliach brazylijskich takich jak: São Paulo, Kurytyba, czy Porto Alegre i odzwierciedlić w jaki sposób wyrażały w tamtym okresie zatroskanie o wolną i suwerenną Polskę. Tomasz Łychowski w swoim charakterystycznym, poetyckim polocie spogląda na odzyskaną przez Polskę w 1918 roku niepodległość. Zbliża się 150. rocznica przybycia większej grupy emigrantów polskich do Brazylii. Autor kolejnego artykułu Mariano Kawka, spoglądając na racje przemawiające za wybraniem życia emigracyjnego przez Polaków z Dojnego Śląska, przybliża nam postać Edmunda Sebastiana Wosia Saporskiego nazwanego „ojcem polskiej emigracji w Brazylii”. Zaangażowanie Saporskiego na rzecz osadnictwa polskiego w tym kraju jest nie do przecenienia. Chociaż Saporski

podejmował wiele prac na rzecz rozwoju Parany to, jednak przy omawianiu historii polskiego osadnictwa, nie można pomijać w tej dziedzinie jego wielkiej roli. Kolejny tekst udostępniają nam dwie intelektualistki Regina Weber i Thaís Wenczenowicz przedstawiające współczesną polonijną mobilizację w Brazylii. Autorki charakteryzują obecność liderów polonijnych i ich zaangażowanie na rzecz rozpowszechniania lepszego poznania etnicznych korzeni przez społeczność polonijną w tym kraju. W swoim tekście autorki poświęcają również uwagę na działalność badawczą i publicystyczną polskich duchownych, wychodzących w ten sposób poza ścisłą posługę duszpasterską. W ostatnim okresie polskie instytucje państwowe i naukowe zwracają coraz więcej uwagi na kwestię nauczania języka polskiego w środowiskach polonijnych w świecie. Jesteśmy pełni podziwu dla Iraci J. Marina, który będąc Brazylijczykiem włoskiego pochodzenia, wykazuje zainteresowanie językiem polskim. W artykule, który publikujemy, wspomniany autor omawia aspekty diachroniczne występujące w języku polskim. Kolejny tekst, autorstwa Segio Sechinskiego jest pewnym uzupełnieniem artykułu I. J. Marina. Sergio Sechini znający swoje środowisko etniczne, pochyla się nad aktualną rzeczywistością posługiwania się językiem polskim przez osoby polskiego pochodzenia zamieszkujące w Porto Alegre, południowej metropolii brazylijskiej. Kolejny artykuł, autorstwa Jerson Fontana, aktora i dyrektora teatru brazylijskiego, dzieli się swoimi spostrzeżeniami o tym, jak zafascynował się Brunonem Schulzem i o adaptacji „Sanatorium”, które również przedstawiał w Polsce i na Ukrainie. Dzięki tłumaczeniom Henryka Siewierskiego i wydawanym w Brazylii dzieł Brunona Schultza jego poezja wzbudza zainteresowanie wśród wyselekcjonowanych czytelników w tym kraju. Żołnierze polskich sił zbrojnych

walczący podczas II wojnie światowej na Zachodzie, ze względu politycznych wybierali życie na emigracji. To oni tworzyli w Brazylii oddziały Stowarzyszenia Polskich Kombatantów. André Dias ukazuje w publikowanym tekście sagę sukcesów i wielu ważnych przedsięwzięć podejmowanych przez polskich kombatantów.

W kolejnym dziale *WIERSZE* nawiązujemy do dwóch ważnych rocznic przeżywanych w drugiej połowie 2018 r. Prezentujemy czytelnikowi dwie poezje. Umieszczamy je chronologicznie. W październiku wspominaliśmy 40. rocznicę wyboru kardynała Karola Wojtyły na papieża i uroczystą inaugurację jego pontyfikatu w Watykanie. W nawiązaniu do tej rocznicy publikujemy wiersz Juliusza Słowackiego „Słowiański papież” w tłumaczeniu na język portugalski przez Henryka Siewierskiego. Z pewnością jest to pierwsza publikacja tego wiersza w Brazylii. Kolejny wiersz nawiązuje do 100. rocznicy odzyskania przez Polskę niepodległości. Wiele pokoleń Polaków walczyło o to, aby ich kraj był wolnym i niepodległym. Walka, trudy, a nawet śmierć poniesiona w powstaniach przeciw zaborcom, w trakcie działań wojennych były przejawem patriotyzmu niezliczonej liczby Polaków. Dla upamiętnienia bohaterstwa i patriotyzmu tych ludzi zamieszczamy wiersz „Gawęda o miłości ziemi ojczystej”, autorstwa Wisławy Szymborskiej. Eneida Favre udostępniła tłumaczenie wspomnianego wiersza W. Szymborskiej.

PRZEGLĄD LITERACKI jest kolejnym działem obecnego numeru periodyku. Piotr Kalinowski w „Raporcie z literackiego miasta” omawia najważniejsze publikacje na temat polskiej literatury i kultury, jakie miały miejsce od listopada 2017 r. do września 2018 r. Autor wylicza książki, periodyki akademickie, artykuły wydane - tradycyjnie - papierowo, a związane ze wspomnianą tematyką. W raporcie

można znaleźć wskazane linki do publikacji na portalach czy blogach elektronicznych. Ponadto w tym samym dziale Anna Jamrozek-Sowa udostępnia nam recenzję książki Aleksandry Pluta „Droga do Rio”. W publikacji znajdują się historie polskich emigrantów, którzy wybrali Rio de Janeiro na miejsce swego osiedlenia. Należy odnotować, że w obecnym roku ukazało się także wydanie w języku portugalskim tej samej książki.

Ostatni dział periodyku WYDARZENIA zawiera kilka reportaży omawiających szczególne wydarzenia w związane z kulturą, a także wydarzeniami polonijnymi czy mającymi miejsce w Polsce. Z pewnością miały miejsce jeszcze inne wydarzenia zasługujące na ich wspomnienie i prezentację. Wybraliśmy tylko te, które wydawały się nam na bardziej zasługujące na ich przybliżenie naszym czytelnikom.

Pobieżnie, w sposób telegraficzny postarałem się omówić tematykę obecnego wydania naszego czasopisma. Żywię nadzieję, że jego treść będzie zachętą do pogłębiania zaprezentowanej tematyki przez naszych współpracujących autorów.

Życzę przyjemnej i pokrzepiającej lektury!

Zdzisław Malczewski TChr
redaktor

**LIBERDADE ALCANÇADA
PELA ORAÇÃO E PELA LUTA**
Carta pastoral do Episcopado da Polônia
por ocasião do 100º aniversário da recuperação
da independência da Polônia

Amados no Senhor, Irmãs e Irmãos!

Na Liturgia da Palavra de hoje Cristo aponta para os dois mandamentos mais importantes. O primeiro diz respeito ao amor a Deus, e o segundo, ao amor ao ser humano. No Evangelho de S. João lemos que “tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13,1). Cristo nos manifesta o amor do Pai que d’Ele recebe. E os discípulos, amando-se uns aos outros, imitam o amor de Jesus que eles também recebem (cf. CIC 1823). Jesus dessa forma nos convida à cooperação: “Como meu Pai me ama, assim também eu vos amo. Permanecei no meu amor” (Jo 15,9). E acrescenta: “Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei” (Jo 15,12).

No mandamento universal do amor a Deus e ao semelhante está inscrito o amor à própria Pátria. Esse amor se expressa na cotidiana honestidade cívica, na prontidão para o serviço e o sacrifício em prol do bem público e na solidariedade entre as gerações, na responsabilidade pelos mais fracos, que Deus coloca no nosso caminho. Uma forma especial de amor à Pátria é a defesa da sua soberania. No documento do Episcopado da Polônia intitulado *O formato cristão do patriotismo* lemos: “Para um cristão, o serviço à pátria terrena, da mesma forma que o amor à própria família, permanece sempre como uma etapa no caminho à pátria celestial, que graças ao infinito amor de Deus envolve todos os povos e nações na terra”.

Deixaram-nos um exemplo excepcional de um amor assim compreendido os nossos antepassados. Pela sua postura de vida eles confirmaram que o caminho para a Nação Polonesa recuperar a sua independência conduzia não apenas pela luta armada, pelos empenhos políticos, diplomáticos e pelo trabalho de várias gerações de poloneses, mas sobretudo pelo amor a Deus e ao próximo, pela fé perseverante e pela oração. Em 1918, por obra da Divina Providência e graças ao grande esforço de toda a Nação, após 123 anos de domínio estrangeiro renasceu a Polônia independente. Ela nasceu primeiramente nos corações e nas mentes dos nossos antepassados, que não queriam servir aos ocupantes.

Recordemos que a antiga República caiu em razão da prepotência das potências vizinhas, e também em razão das culpas e negligências da nobreza, especialmente de uma parte da aristocracia, de dignitários do Estado e de alguns hierarcas eclesiásticos. Especialmente dolorosos foram: os interesses particulares e o egoísmo da nobreza, a traição da Pátria por uma parte dos magnatas e a sua colaboração com os inimigos. Os sucessivos movimentos da Nação para a luta armada pela independência da Pátria – desde a insurreição de Kościuszko, passando pelo período napoleônico, pela Primavera dos Povos, pelos Levantes de Novembro e de Janeiro – não traziam resultados e provocavam a intensificada repressão da parte dos ocupantes, bem como a destruição da cultura polonesa e a perseguição da Igreja, que sempre tem apoiado as lutas nacionais pela recuperação da liberdade. Não podemos deixar de mencionar os levantes posteriores – o da Silésia e os da Polônia Maior, inscritos no tempo da formação do Estado Polonês.

Após a queda do Levante de Novembro, por inspiração divina, nos corações de um grupo de poloneses, entre os quais alguns emigrados em Paris, moldou-se a ideia

de que para a recuperação da liberdade era indispensável o renascimento religioso da Nação e a renovação moral com ele relacionada, bem como o trabalho pelo despertar da consciência nacional em amplas camadas da sociedade, principalmente em meio à população aldeã.

Um dos vícios mais ameaçadores da sociedade polonesa do século XIX era o pecado do alcoolismo, que destruía espiritual e moralmente e degradava fisicamente. A sobriedade da nação era uma grande preocupação da Igreja católica. Vale a pena mencionar aqui o Beato Frei Honorato Koźmiński, o Beato Edmundo Bojanowski ou o Pe. Aloísio Fick, pároco em Piekary Śląskie. As celebrações públicas, aliadas a retiros e missões, a penitência e as promessas de renúncia ao alcoolismo espalharam-se rapidamente pelas terras polonesas sob as três ocupações. Junto às paróquias surgiam irmandades religiosas envolvidas com a sobriedade.

Uma peculiar transformação moral em terras polonesas ocorreu no período de fevereiro a outubro de 1861. Essa transformação se manifestava em numerosas celebrações e procissões patrióticas, aliadas ao cântico *Deus, que a Polônia*. No Reino da Polônia, nos territórios da atual Lituânia, Bielorrússia e Ucrânia, bem como nas terras polonesas na área de ocupação prussiana (Polônia Maior, Pomerânia de Gdańsk) multidões de poloneses reuniam-se em santas Missas de caráter patriótico celebradas na intenção da Pátria e do seu sucesso. Dessa forma a Nação Polonesa expressou firmemente em forma religiosa a vontade de uma existência soberana.

Na segunda metade do século XIX, desempenharam um papel excepcional no renascimento cívico e religioso de amplas camadas da sociedade polonesa nas três áreas de ocupação os católicos religiosos e leigos que animavam irmandades, associações, sociedades etc. que congregavam os poloneses na defesa da fé católica, da língua pátria, do direito

de propriedade, bem como na ação caritativa, educacional, formativa, econômica e cultural. Essas agremiações se baseavam em valores cristãos e fortaleciam a formação espiritual, cívica e religiosa dos seus membros. Foi nesse caminho que nasceu a sociedade cívica polonesa, da qual participavam – ainda que em âmbitos diversos – todos os grupos nacionais civicamente conscientes, desde a aristocracia e os empresários até a pobre população aldeã e os operários. Do renascimento cívico polonês também participaram ativamente os cristãos de outras Igrejas, especialmente os evangélicos da Varmia, da Mazúria e da Silésia de Cieszyn. Nas lutas pela Polônia independente envolviam-se igualmente, em áreas diversas, os representantes de outras nações que residiam em terras polonesas no período das partilhas.

Deus revelava a Sua graça à Nação Polonesa enviando a ela uma mensagem através da Santíssima Virgem Maria. Por exemplo, nas aparições em Gietrzwald, em 1877, Nossa Senhora Imaculada convocava ao rompimento com os vícios, estimulava à mudança de vida e à recitação diária do rosário na intenção da liberdade da Igreja em terras polonesas na zona de ocupação prussiana, o que vinha aliado à oração por uma Polônia independente. Monte Claro, Kalwaria Zebrzydowska, Kalwaria Paclawska e outros santuários reuniam multidões de peregrinos de todas as zonas de ocupação, ecoando canções polonesas e orações com os acentos patrióticos nelas presentes, integrando espiritualmente a comunidade nacional. A memória dos antepassados e heróis falecidos, profundamente enraizada na tradição polonesa, aliada ao mistério pascal da ressurreição de Cristo, despertava também nos corações dos poloneses a esperança na ressurreição da Pátria do “túmulo do domínio estrangeiro”.

O Deus Misericordioso deu à Nação Polonesa no período das partilhas muitos santos e beatos cuja vida, oração, ministério pastoral e ação contribuíram para o despertar religioso, social e cívico dos poloneses. Entre as figuras de mais destaque importa enumerar o Santo Arcebispo Sigismundo Szczęsny Feliński, o Santo Irmão Alberto Chmielowski, o Santo Frei Rafael Kalinowski, o Beato Frei Honorato Koźmiński, o Santo Bispo José Sebastião Pelczar, o Santo Arcebispo José Bilczewski, o Beato Edmundo Bojanowski, o Beato Pe. Bronislau Markiewicz, a Beata Irmã Maria Ângela Truszkowska, a Beata Irmã Clara Ludovica Szczęsna, a Beata Irmã Bernardina Maria Jabłońska, a Santa Irmã Úrsula Ledóchowska, a Beata Irmã Maria Darowska. Em resposta aos sinais do tempo, com a ajuda divina instituíram eles muitas comunidades religiosas novas e dinâmicas, de hábito e sem hábito, que em grande medida contribuíram para o renascimento espiritual da Igreja católica e da Nação e assumiram o ministério em meio aos poloneses mais necessitados e mais pobres. O espírito da Nação Polonesa na busca da independência era também fortalecido pela postura dos primazes da Polônia, especialmente do Arcebispo Leon Przyłuski, do Arcebispo Floriano Stablewski e do Cardeal Edmundo Dalbor, que apoiavam a tradição e a dignidade da antiga República Polonesa.

Para o papel excepcional da cultura polonesa na preservação do espírito nacional e na recuperação da independência apontou S. João Paulo II. Em nenhum outro período a Nação Polonesa produziu tantos artífices geniais: escritores como Adam Mickiewicz, Juliusz Słowacki, Zygmunt Krasiński, Henryk Sienkiewicz; compositores, entres os quais se encontravam: Fryderyk Chopin, Stanisław Moniuszko, Feliks Nowowiejski; ou pintores: Józef Chełmoński, Jan Matejko, Artur Grottger, Stanisław Wyspiański. As suas obras,

que brotavam do espírito cristão e cívico, moldavam os corações e as mentes dos poloneses nas lutas por uma Pátria livre. No período das partilhas, desempenharam um papel inestimável na manutenção e na transmissão da fé católica e do polonismo as famílias polonesas, e de maneira especial as mulheres. Eram elas que inculciam nas gerações seguintes dos jovens poloneses o amor a Deus, à Igreja e à Pátria.

Os caminhos dos poloneses à independência motivados pela fé católica conduziam primeiramente ao fortalecimento da fé e ao renascimento moral e, a seguir, ao aprofundamento da consciência cívica. Ocorreu a subjetivação social, cívica e religiosa de amplas camadas da sociedade polonesa, sobretudo da população aldeã, dos artesãos e dos operários. As perseguições da parte dos ocupantes levaram a uma ligação mais profunda ainda da Igreja católica e de outras Igrejas cristãs com a Nação Polonesa.

Caras Irmãs e Irmãos!

A independência foi conquistada pelas orações, pelo trabalho e pela luta dos poloneses, que se tornaram interiormente livres, consolidados na fé e responsáveis pela Nação. No memorável novembro de 1918, grandes líderes da Nação e simples poloneses apresentaram-se juntos para a edificação da Polônia independente num momento histórico dado por Deus após a Primeira Guerra Mundial.

A independência recuperada há 100 anos não foi dada à Nação Polonesa de forma definitiva. Ela exige de cada geração de poloneses o desvelo pela Pátria. O aniversário comemorado nos convida a uma reflexão sobre o estado atual da Polônia e as ameaças à sua existência soberana. O afastamento da fé católica e dos princípios cristãos como o fundamento da vida familiar e nacional e para o funcionamento da Nação é a mais séria das ameaças, que uma

vez no passado já levaram à queda Polônia. As dependências que se alastram entre a geração jovem dos poloneses – o alcoolismo, as drogas, a pornografia, as ameaças decorrentes da internet, os jogos de azar etc. – conduzem ao enfraquecimento moral e espiritual da nação. Dentre os defeitos nacionais, manifestam-se cada vez mais os interesses particulares, o egoísmo individual e de grupos inteiros, a falta de desvelo pelo bem comum, a difamação e o menosprezo da fé católica, da tradição nacional polonesa e de tudo aquilo que constitui a nossa Pátria. A dolorosa história da nossa Pátria deve nos sensibilizar às ameaças da liberdade espiritual e da soberania da Nação.

As comemorações do centenário da recuperação da independência da Polônia nos estimulam, sobretudo, a demonstrar a Deus, que é o Senhor da História, a nossa ação de graças e a entoar o cântico do *Te Deum laudamus* – Nós Vos louvamos, ó Deus. O período da dominação estrangeira, que trouxe tantas dolorosas experiências, mostrou ser no final um tempo de provação, do qual os nossos antepassados saíram renovados, fortalecidos, assumindo a responsabilidade pelo destino da Pátria. A sua manifesta postura deixou um vestígio permanente na vida das gerações seguintes, que se defrontaram com novas ameaças de perda de uma existência independente. Rezando hoje pela bênção divina para uma Pátria livre e independente, entregamo-nos mais uma vez à Senhora de Monte Claro, Rainha da Polônia. Peçamos-Lhe sobretudo a Sua maternal proteção para os que detêm o poder na nossa Pátria e para todos os cidadãos preocupados com o bem comum. À Mãe do nosso Salvador confiamos todos os poloneses, especialmente os jovens, para que no espírito da fidelidade a Deus e ao Evangelho moldem o feliz futuro da nossa Pátria.

Dando graças a Deus pelo dom de uma Polônia livre, concedemos aos nossos compatriotas no País e no exterior a nossa bênção: em nome do Pai e do Filho, e do Espírito Santo.

Assinados: os Pastores da Igreja católica na Polônia presentes na 378ª Assembleia Plenária da CEP em Varsóvia, no dia 14 de março de 2018.

Confere:
Secretário-Geral da CEP

Esta carta deve ser lida aos fiéis durante a santa Missa no domingo 4 de novembro de 2018.

RESUMO – STRESZCZENIE

Z okazji 100. rocznicy odzyskania niepodległości Konferencja Episkopatu Polski przygotowała okolicznościowy list pasterski skierowany do wiernych. List był odczytany 4 listopada 2018 r. we wszystkich świątyniach katolickich w Polsce, a także w duszpasterskich ośrodkach polonijnych.

UMA REVIRAVOLTA HISTÓRICA*

Jacek MOSKWA**

Fazia parte de várias importantes congregações e regularmente era escolhido para a Secretaria dos Bispos. Gozava da confiança e da simpatia de Paulo VI, especialmente depois que, como metropolita de Cracóvia, forneceu-lhe um forte apoio à encíclica *Humane vitae*, contestada em numerosos círculos da Igreja. Em 1976, os cardeais de todos os dicastérios e os funcionários mais importantes a eles subordinados ouviram o seu retiro quaresmal para o papa e a Cúria Romana.

O conclave de agosto

O papa Paulo VI faleceu no dia 6 de agosto de 1978. O conclave se iniciou no dia 25 de agosto, no último dia em que – de acordo com as normas introduzidas por Paulo VI – após a morte do papa deviam ser iniciadas as eleições do seu sucessor. Dizia-se que a demora devia dar mais tempo para convencer os cardeais que chegavam das soluções propostas pelos seus colegas da Cúria. Pela primeira vez num conclave, a maioria era constituída por purpurados de fora da Europa. Dos 111 que vieram, 56 eram provenientes de outros continentes. Os europeus eram um a menos. Entre eles, havia

* O artigo original em polonês – *Historyczny zwrot* – foi publicado em *Gość niedzielnny*, 14/10/2018, pp. 3-4.

** Escritor e jornalista, autor de vários livros sobre a vida e a atividade de João Paulo II. Nos anos 1990-2005 foi correspondente de mídias polonesas. No artigo, utiliza-se de trechos do seu livro mais recente, *Tajemnice konklawe 1978* (“Os segredos do conclave de 1978”).

somente 27 italianos. Tornava-se claro que eles não podiam impor a sua vontade sem fazer alianças. No passado tinha sido diferente: 35 italianos para 62 em 1939; 18 para 53 em 1958 e 29 para 82 em 1963. Nas novas condições, a conquista da exigida maioria de dois terços, isto é, de 75 votos, parecia ser muito difícil.

Mas o conclave de agosto foi extraordinariamente curto. No entanto, o esclarecimento dos seus mecanismos não é nada fácil. Uma das divisões que nele se delinearum opunha os pastores aos cardeais da Cúria Romana, que é, como se sabe, a burocracia do mundo de mais longa duração, e muitas vezes é demonizada. Há décadas se travam discussões sobre a necessidade da sua reforma, das quais pouca coisa resulta. Os cardeais curialistas constituem a ponta do *iceberg*; atrás deles caminha um exército inteiro de funcionários de diversos níveis, na sua maioria, embora não somente, padres; na sua maioria, embora não somente, italianos. Eles constituem o fundamento da continuidade internacional dessa instituição; da uniformidade da doutrina religiosa e moral, da política de recursos humanos, da diplomacia nas relações com os Estados e da participação nos grêmios multinacionais.

Por outro lado, a verdadeira vocação da Igreja é a pastoral. As tensões entre as pessoas que a praticam e os funcionários da central eclesiástica ocorrem com frequência e são no fundo inevitáveis. Nos anos 60 e 70 do século XX, essas tensões diziam respeito, por exemplo, à soberania das Igrejas locais diante das decisões tomadas pela Santa Sé. Um exemplo disso poderia ser a reserva, e algumas vezes a oposição do primaz da Polônia cardeal Wyszyński diante da política oriental do Vaticano.

Apesar de todas essas divisões, durante a eleição de agosto assinalou-se – pelo menos assim interpretou a situação a maioria dos comentaristas italianos – a força que podia

decidir o resultado do conclave. Era o chamado centro *montiniano*, congregando os continuadores da linha do papa Montini. Esse centro contava cerca da metade dos presentes, e o ponto de referência era para eles o arcebispo de Florença cardeal Giovanni Benelli.

Quase exatamente um ano mais jovem que Karol Wojtyła, era no entanto, contrariamente a ele, um típico representante do aparelho diplomático e funcional vaticano. Ainda nos anos 40, havia exercido a função de secretário substituto pessoal do secretário de Estado Giovanni Battista Montini. Quando este, alguns anos depois, se tornou papa, confiou-lhe um cargo análogo ao lado dos cardeais: do italiano Cicognani e, depois dele, do francês Villot. Naquele tempo Benelli exerceu diversas funções nas nunciaturas apostólicas de diversos países.

Após a volta ao Vaticano, como substituto do secretário de Estado tinha um acesso ilimitado ao papa. Era considerado por todos como o seu principal colaborador, com influência nas mais importantes decisões. Isso lhe proporcionava bajuladores, mas também inimigos. Muitos historiadores julgam que Paulo VI também via nele um dos seus possíveis substitutos. Isso pode ser comprovado pelo fato de que um ano antes da sua morte nomeou-o cardeal e arcebispo de Florença.

No entanto há premissas para julgar que o próprio Benelli, um arguto e espirituoso toscano, tivesse ambições um pouco menores. Sabia que, como cardeal secretário de Estado, chefe do executivo pontifício, exerceria o poder real. Era esse o cargo que acima de qualquer dúvida buscava. Um sujeito baixo, atarracado, de rosto redondo e restos de cabelos brancos na cabeça fortemente calva, possuía poucos amigos próximos. Era conhecido por se realizar no trabalho administrativo – primeiramente no Vaticano, mais tarde em Florença.

Pragmático e centrista, disposto a concessões e a fazer alianças acima das divisões, não era, contudo, desprovido de princípios: não tinha por objetivo os interesses pessoais. Sua missão era a defesa do Concílio como herança de Paulo VI.

O cardeal Stefan Wyszyński, em suas notas *Pro memoria*, registrou que no conclave de agosto ocorreu o confronto da corrente “pastoral” com a curial. Os representantes da primeira eram o metropolitano de Gênova Giuseppe Siri e o patriarca de Veneza Albino Luciani. A outra era representada pelos cardeais Sergio Pignedoli e Sebastiano Baggio. O cardeal Pignedoli havia anos fazia parte dos altos funcionários da Cúria Romana. Em 1978 exercia o cargo de presidente da vaticana Secretaria dos Não Cristãos. Já por essa razão estava mais próximo da ala dos progressistas, interessados no diálogo entre as religiões. Mas nesse papel ele cometeu uma séria gafe, que lançou uma sombra na sua carreira. Em fevereiro de 1976, ao participar em Túnis de um seminário sobre o diálogo católico-islamita, aceitou o documento final daquela conferência, no qual havia áspersos ataques contra Israel, o que provocou uma tempestade na Europa Ocidental, nos Estados Unidos e no próprio estado judeu. O cardeal foi forçado a renegar aquele documento, e o desmentido foi publicado pelo diário vaticano *L’Osservatore Romano*. O hierarca permaneceu também naquele período na mira da sussurrada propaganda da direita, que o acusava de tendências homossexuais, o que significativamente restringia as chances da sua escolha. Um curialista até a medula dos ossos era também Sebastiano Baggio, em determinado momento Prefeito da Congregação dos Bispos, crucial para a política de recursos humanos da Santa Sé.

Já o primeiro turno do conclave demonstrou, no entanto, que o *centro montiniano* havia sofrido uma desintegração. O seu potencial líder, o cardeal Benelli, havia se

pronunciado já no início pelo patriarca de Veneza, Albino Luciani. Contribuiu dessa forma para a sua eleição.

A reprise de outubro

Como se sabe, o pontificado de João Paulo I durou pouco mais que um mês. No conclave seguinte, no mês de outubro, o candidato mais forte parecia ser o candidato derrotado das eleições passadas – o cardeal Giuseppe Siri. Ele tinha a fama de adversário das reformas introduzidas pelo Vaticano II. A perspectiva do afastamento das reformas conciliares sob o governo de um papa muito conservador induziu à ação os partidários do concílio.

Os adversários da candidatura conservadora, em consultas confidenciais, tentavam encontrar um adequado contracandidato. Parecia ser ele justamente o arcebispo de Florença. Mas as candidaturas italianas despertavam cada vez maiores restrições. Provocou a inquietação dos estrangeiros principalmente o burocrata vaticano Pericle Felici, mas também Giovanni Benelli encontrou a forte resistência do Terceiro Mundo.

Na imagem que resulta da reconstrução principalmente da diferença do número de votos que deviam ser dados aos diversos cardeais, intriga o contínuo surgimento de novos candidatos italianos (Ugo Poletti – vigário da diocese de Roma, Giovanni Colombo – metropolita de Milão e o já a mencionado Felici com o maior apoio). Todos eles, com a exceção do metropolita de Florença, estavam em idade avançada. Era como se a apresentação deles tivesse que comprovar que a Itália já não tinha condições de dar à Igreja o papa seguinte. Nessa situação, entre os eleitores amadureceu a convicção de que era preciso recorrer a uma candidatura de fora da Itália. Na última votação, votaram no candidato

polonês não somente os partidários da corrente “pastoral”, mas também os curialistas.

O destino da *Ostpolitik*

Que esperanças e receios associavam os cardeais da Cúria Romana e os funcionários a eles subordinados do aparelho da Santa Sé à escolha do cardeal de Cracóvia para o trono de sucessor de S. Pedro? Muitas coisas apontavam para o fato de que – contrariando as previsões das mídias mundiais – ele traria o confronto com o bloco dos países dominados pela União Soviética. Eles contavam antes com a continuidade da política definida como “política oriental do Vaticano”. O seu principal arquiteto e a sua figura simbólica era o secretário da Congregação dos Assuntos Extraordinários da Igreja, arcebispo Agostino Casaroli. A concepção por ele realizada pressupunha a garantia de um *modus vivendi* das Igrejas locais nos países do bloco soviético através de negociações e acordos com os respectivos governos. Tais acordos haviam sido assinados com a Iugoslávia, a Hungria e a Checoslováquia. No entanto o preço desse tipo de acordos era elevado. A liberdade de ação concedida às instituições eclesiásticas permanecia num nível extremamente modesto, e vinha acompanhada de uma total subordinação na esfera política. Os acordos entre os governos comunistas e a Santa Sé eram muitas vezes assinados sem se levar em conta a posição das autoridades eclesiásticas locais. Isso também fazia com que fossem afastadas da cena figuras incômodas, mas que simbolizavam a oposição ao totalitarismo, tais como o cardeal József Mindszenty na Hungria ou Josef Beran (que após deixar a Checoslováquia também foi nomeado cardeal).

Tal solução, que prejudicava a sua posição excepcional como primaz da Polônia, era temida pelo cardeal

Stefan Wyszyński. É conhecido o seu pronunciamento: *Vir Casarollensis non sum* [não sou uma pessoa (no estilo) de Casarolli]. As tensões no relacionamento do líder da Igreja polonesa com a Cúria Romana diziam respeito ao direito do primaz da Polônia de decidir sobre a nomeação para os cargos eclesiásticos cruciais. Temia ele que não somente seria privado dessas prerrogativas, mas até enviado a uma aposentadoria forçada. O cardeal Wojtyła, embora extremamente leal diante do seu irmão mais velho no episcopado, não participava dessas disputas. Da mesma forma que para as autoridades comunistas polonesas, também para os curialistas de Roma ele se apresentava como um hierarca mais “dócil” que Wyszyński.

Até certo ponto, isso aliás era verdade. É significativo que pouco tempo após a sua eleição, na véspera da sua primeira visita à Polônia, João Paulo II nomeou justamente Agostino Casarolli subsecretário de Estado e, após o término dessa peregrinação, cardeal secretário “pleno” de Estado.

De forma simbólica, mas aparente, o papa polonês aceitou dessa forma a “política do Leste” do Vaticano. Mas na realidade ele a negou, porque, a par das negociações conduzidas em seu nome com os governos, dirigiu-se diretamente à subjugada sociedade polonesa, despertando as suas aspirações libertárias.

RESUMO – STRESZCZENIE

Wybór arcybiskupa Krakowa kardynała Karola Wojtyły, podczas konklawe w 1978 r., na papieża Kościoła katolickiego był wydarzeniem bezprecedensowym. W wielu aspektach długi pontyfikat Jana Pawła II stał się również przejawem „nowości” wprowadzonej przez Papieża Polaka w jego posłudze pasterskiej.

**“NO EXTERIOR, ALMAS POLONESAS
ESTÃO PERECENDO...”**

**O desvelo do Cardeal Augusto Hlond
pelos poloneses emigrados***

*Bernard KOŁODZIEJ SChr***

No dia 22 de outubro deste ano se completará o 70º aniversário da morte do grande filho da Terra Silesiana, do salesiano, fundador da diocese da Silésia e seu primeiro bispo, arcebispo de Gniezno e Poznań, e desde 1946 arcebispo de Gniezno e Varsóvia, Cardeal Augusto Hlond, Primaz da Polônia – grande protetor dos emigrados poloneses.

Na Pátria renascida

O desvelo pelo bem espiritual dos emigrados poloneses e a falta de um afluxo permanente de padres poloneses para esses emigrados, especialmente durante as partilhas do país, após o renascimento do Estado polonês em 1918 tornou-se um grande problema nacional. Estavam interessadas numa solução positiva dessa questão as autoridades civis, mas especialmente o Episcopado da nossa Pátria ressuscitada após anos de domínio estrangeiro. Sentia-se especialmente responsável pelo estado espiritual dos emigrados poloneses o arcebispo de Gniezno e Poznań, que

* Artigo originalmente publicado em *Msza Święta*, n. 10/2018, p. 9-12.

** Diretor do Arquivo da Congregação Sociedade de Cristo em Poznań, professor da Universidade Adam Mickiewicz em Poznań, Polônia.

exercia ao mesmo tempo o ofício de Primaz da Polônia. Era a essas autoridades que se dirigiam as cartas provenientes dos aglomerados polônicos espalhados pelo mundo inteiro, com pedidos para que fossem enviados sacerdotes poloneses.

O Episcopado da Polônia renascida, sob a presidência do Cardeal Edmundo Dalbor, não podia também desconsiderar os pedidos dos poloneses de todo o mundo para que lhes fossem enviados padres poloneses. Quando após o ressurgimento da nossa Pátria surgiu a assistência consular polonesa, em quase todos os encontros dos bispos, especialmente nos anos 1919-1934, era abordado esse problema: onde conseguir padres para os emigrantes poloneses e como assegurar o seu contínuo afluxo à diáspora polonesa?

Em 1921, no encontro do Episcopado em Cracóvia, que foi presidido pelo Primaz Cardeal Dalbor, foi deliberado que o Primaz da Polônia “tomasse em suas mãos o assunto da organização da assistência aos emigrados de toda a Polônia e o levasse adiante”. Essa resolução é considerada como histórica, ao confiar ao Primaz da Polônia a direção da pastoral emigratória e o desvelo por garantir o constante afluxo de padres para os ambientes emigratórios. A partir de então a pastoral desses ambientes foi definitivamente vinculado com o ofício de primaz da Polônia.

Após a morte do Cardeal Dalbor em 1926, tornou-se arcebispo de Gniezno e Poznań o jovem ordinário da Silésia, o Bispo Augusto Hlond. Na função de Primaz da Polônia, como que de ofício ele assumiu a assistência aos emigrados poloneses. Difícil seria encontrar um candidato melhor para esse cargo, porque ele mesmo havia conhecido por experiência própria o difícil destino do emigrante, visto que por mais de vinte anos permaneceu fora da Pátria. Era oriundo da Silésia, onde anteriormente havia ocorrido a luta pela preservação da

língua polonesa na escola e na igreja. Compreendia perfeitamente o que significava não poder utilizar-se da língua pátria no cumprimento das práticas religiosas. Como salesiano, sensibilizava-se com o destino das pessoas pobres e abandonadas e, sendo inspetor salesiano em Viena, trabalhou igualmente entre os emigrantes poloneses. O novo Primaz com toda a energia envolveu-se então no trabalho relacionado com a garantia da assistência pastoral aos emigrantes poloneses.

Novo Primaz e novo protetor dos emigrados

Logo após a nomeação de Augusto Hlond como arcebispo de Gniezno e Poznań, ainda em 1926, o novo Primaz, sem esperar pelo encontro seguinte dos bispos poloneses, escreveu a todos os ordinários cartas informativas a respeito da trágica situação em meio aos emigrados poloneses e lembrou todos os compromissos anteriormente assumidos em prol desses emigrantes. O novo protetor dos emigrados, o Arcebispo Hlond, salientou mais ainda a motivação para enviar sacerdotes poloneses à diáspora emigratória.

Até que ponto o novo Primaz da Polônia se sentia responsável pelo estado espiritual dos emigrados, testemunha igualmente o fato de que já no dia 19 de abril de 1927 ele enviou uma correspondência ao governo polonês e a todos os núcleos diplomáticos e consulares poloneses no mundo com a seguinte informação: “Tenho a honra de atenciosamente informar que da parte do Episcopado da Polônia assumi a assistência à pastoral dos poloneses católicos que vivem no exterior. Em questões relacionadas com a assistência pastoral aos poloneses no exterior, queira a Legação da República da Polônia dirigir-se a mim”.

Uma correspondência de conteúdo semelhante foi dirigida aos bispos dos países em cujas dioceses residiam os poloneses. O fato de o Primaz Hlond ter assumido a assistência religiosa aos emigrados encontrou uma ampla repercussão na imprensa nacional e estrangeira. A imprensa enfatizava principalmente a necessidade de enviar padres e irmãs religiosas para o trabalho entre os emigrados e por essa razão – apesar do intensificado movimento missionário – recomendava-se a limitação no envio de padres às áreas missionárias.

A organização da assistência pastoral aos emigrados exigia não apenas apoio financeiro, mas também a dedicação de mais tempo a essa tarefa. Já não eram suficientes os encontros – ainda que frequentes – do Episcopado nem as Comissões Episcopais ou outras conferências. Todas as formas de assegurar sacerdotes aos emigrados mostraram ser paliativos. Ao relatar os assuntos da pastoral emigratória no encontro em Częstochowa em 1928, o Primaz Hlond afirmou que a pastoral dos poloneses no exterior exigia uma constante vigilância e proteção. Por isso pediu no Encontro dos Bispos que fosse instituída, sob a sua presidência, uma permanente Comissão do Episcopado para assuntos da Pastoral no Exterior. Na composição dessa comissão entraram os bispos: Adão S. Sapieha, Estanislau Łukomski e Teodoro Kubina. Todos eles estavam bem informados a respeito dos assuntos emigratórios.

Concretizando os propósitos do desenvolvimento da pastoral emigratória, no dia 13 de setembro de 1929 o Primaz da Polônia Cardeal Hlond reconheceu a Associação denominada “Assistência aos Compatriotas no Exterior” como católica e assumiu o seu patrocínio. Naquele mesmo ano o Cardeal Hlond foi o precursor do surgimento na Polônia da assistência pastoral aos marinheiros e passageiros de navios,

especialmente aos que viajavam como emigrados para além do oceano.

Em razão das insuperáveis dificuldades para assegurar o constante afluxo de padres poloneses aos ambientes polônicos, com frequência cada vez maior surgiria a ideia de fundar uma nova congregação que formasse padres para a assistência aos emigrados.

A respeito da sua decisão para a solução geral do problema da pastoral migratória o Primaz Cardeal Hlond informou os compatriotas congregados do mundo inteiro na abertura, em julho de 1929, do I Encontro dos Poloneses do Exterior. Disse então: “[...] Posso lhes assegurar que o Episcopado da Polônia, através do Primaz da Polônia, está se empenhando em conferir à pastoral no exterior uma nova forma organizacional. Se Deus quiser, em breve poderemos não somente satisfazer as diversas dores de vocês, mas responder a todas as suas necessidades religiosas e organizar o trabalho pastoral de tal forma que todo polonês residente no exterior saiba que em sua Pátria encontrará não apenas a assistência do Estado, cultural e cívica, mas também a religiosa [...]”.

Instituição da Sociedade de Cristo

Não querendo ainda fundar uma nova congregação religiosa, o Primaz da Polônia Cardeal Augusto Hlond, apesar da falta de apoio financeiro, decidiu fundar um seminário especial que formaria os sacerdotes para os emigrados. Dessa forma no dia 1 de outubro de 1929, junto ao Seminário Primacial em Gniezno, surgiu um outro, chamado Seminário Estrangeiro, e em Poznań, em Ostrowie Tumskie, foi adquirido um terreno para o prédio desse Seminário.

Em todas as publicações católicas na Polônia foi publicado o manifesto do Primaz Hlond relacionado com a construção do prédio do Seminário Estrangeiro em Poznań e um apelo por sacerdotes poloneses para os emigrantes: “No exterior, almas polonesas estão perecendo! Essa queixa chega à Polônia dos distantes centros dos nossos emigrados. Com essa acusação sobrecarrega o exterior a consciência da nação. Pedem e suplicam sacerdotes poloneses sete milhões de poloneses no exterior...”.

No dia 10 de maio de 1931 o Cardeal Hlond solicitou à Santa Sé que “para a intensificação e a melhor coordenação dos empenhos direcionados a assegurar a devida assistência religiosa aos emigrantes”, essa assistência fosse baseada numa ordem ou congregação e pediu a aprovação da Central da Pastoral Estrangeira. A decisão do Santo Padre foi rápida, porque já por uma correspondência do dia 26 de maio de 1931 Pio XI aprovou a Central da Pastoral Estrangeira e confiou ao Primaz Hlond o patrocínio à pastoral estrangeira, o primeiro título desse gênero na história da Igreja.

Em agosto de 1932 o Primaz da Polônia Augusto Hlond instituiu uma nova congregação religiosa: a Sociedade de Cristo, cujo objetivo era e continua sendo a assistência pastoral aos emigrados poloneses. Em novembro de 1932 a Comissão do Episcopado polonês informou oficialmente os ordinários sobre o surgimento da nova Congregação religiosa, que a partir de então se dedicaria à pastoral emigratória. Foi anunciado também que no âmbito da Fundação Potulicki a nova Congregação tomou posse do palácio e dos 25 hectares do parque dos condes Potulicki em Potulice e que também assumiu todos os ativos do já existente Seminário Estrangeiro.

O Primaz Hlond não foi apenas o fundador formal da nova Congregação, mas o seu instituidor de fato. Ele mesmo redigiu para essa Congregação os estatutos que com clareza e

precisão definiam todos os aspectos da sua vida e atividade. Definiu a sua tarefa principal como: “o apostolado em prol dos compatriotas fora das fronteiras do país e, portanto, sobretudo a atividade pastoral e religiosa entre eles e, na medida das necessidades e das possibilidades, também a assistência social e cultural a eles”.

Como protetor dos emigrados poloneses, juntamente com a Central da Pastoral Emigratória o Cardeal Augusto Hlond tornou-se o eixo da assistência espiritual para todos os nossos compatriotas. Após a fundação da nova Congregação para as necessidades dos emigrados, ele já podia olhar mais tranquilamente para o futuro da pastoral polônica.

Envolvimento pessoal do Primaz

O Cardeal Primaz visitou pessoalmente muitos agrupamentos polônicos, introduzindo neles a paz, o amor do espírito religioso e cívico. Por empenho seu surgiu a Missão Católica Polonesa em Bruxelas, abrangendo a Dinamarca e a Holanda. Promoveu a bênção das igrejas polonesas em Londres e Budapeste, junto às quais surgiram casas de assistência aos poloneses idosos. Instituiu a Casa Polonesa em Jerusalém, na qual, além de um padre polonês, trabalhavam as Irmãs Elisabetanas polonesas. Participou de muitos congressos eucarísticos e de Cristo Rei, sendo também legado pontifício. Sempre encontrava tempo para se encontrar com a comunidade polônica local e elevar o seu moral. E após a volta à Polônia publicava manifestos à nação, a fim de sensibilizar a sociedade polonesa às necessidades dos emigrados. Simbólico tornou-se o manifesto cuja introdução se transformou em lema: “No exterior, almas polonesas estão perecendo!”. O Cardeal Hlond envolvia de especial solicitude os emigrantes por ocasião das festas do Natal. Ele compreendia que era

justamente então que os compatriotas se sentiam mais abandonados. A partir de 1933 enviava a eles pelo rádio uma mensagem natalina.

A assistência aos emigrantes poloneses organizada pelo Cardeal Hlond era apresentada como um modelo em outros países que igualmente possuíam um grande contingente de emigrados.

O Primaz da Polônia Cardeal Augusto Hlond foi o inquestionável pai espiritual da nação polonesa e o protetor espiritual dos emigrados poloneses. Durante a II Guerra Mundial vivenciou pessoalmente o destino do emigrante-exilado polonês fora das fronteiras da Pátria subjugada, não podendo voltar ao seu país. Acreditava inabalavelmente que a Polônia renasceria. Num discurso à nação no Vaticano, exclamava: “Não pereceste, Polônia, porque Deus não morreu; e tu ressuscitarás, minha Mártir Polonesa!”.

Com Maria rumo à santidade

Após a guerra, no dia 8 de setembro de 1946, na realidade política polonesa modificada, em Monte Claro entregou toda a nação à proteção da Mãe Santíssima, e essa solenidade congregou uma multidão de mais de um milhão de poloneses.

Ao morrer no dia 22 de outubro de 1948, pronunciou palavras proféticas: “[...] rezai, a vitória virá por Maria! [...] amei a Polônia e no céu rezarei por ela”.

Duas congregações religiosas: os salesianos, dos quais era membro o Primaz da Polônia Cardeal Augusto Hlond, e os religiosos da Sociedade de Cristo, cujo fundador foi igualmente ele, propuseram em 1992 o início do seu processo de beatificação. Atualmente o processo foi concluído, e ao Cardeal Hlond já cabe o título de Venerável Servo de Deus.

O Primaz da Polônia Cardeal Augusto Hlond, a quem reconhecemos como o Protetor dos Emigrados Poloneses e seu Pai Espiritual, aquele que traçou o caminho para a pastoral polonesa no mundo, talvez possa ser por nós chamado Padroeiro dos Emigrados Poloneses.

RESUMO – STRESZCZENIE

We współczesnym Kościele katolickim w Polsce postać kardynała Stefana Wyszyńskiego, Prymasa Polski, wydaje się być dobrze znaną. Jednak, aby lepiej zrozumieć ducha i posługę kard. S. Wyszyńskiego trzeba sięgnąć do postawy życiowej i bogactwa pozostawionych tekstów przez jego poprzednika kardynała Augusta Hlonda.

W związku z 70. rocznicą śmierci Prymasa Polski, kard. A. Hlonda warto sięgnąć do bogactwa jego nauczania oraz patriotyzmu. Tekst ks. prof. Bernarda Kołodziejka TChr, który zamieszczamy powyżej, z pewnością przybliży naszym czytelnikom pasterza Kościoła w Polsce, który również wykazywał wielką troskę o polskich emigrantów. Kto wie, czy po beatyfikacji kard. A. Hlond nie zasłuży sobie na tytuł patrona polskiej emigracji?

**A TRADIÇÃO FAMILIAR CRISTÃ
A herança preservada na Polônia
é um dom para a Europa**

Arcebispo Szczepan WESOŁY

O tema que me foi atribuído deveria ser abordado por alguém que reside na Polônia. Eu vivo praticamente fora da Polônia. Tenho pouca experiência, não muita, sobre a família dos emigrados que vivem fora da Polônia. É certo que essa família, pelo menos nas primeiras gerações, vive com base na herança trazida da Polônia. Mas vive em condições diferentes. Essa experiência poderia ser um dom, desde que os outros quisessem aceitá-lo. Um dom pode ser aceito, mas também pode ser rejeitado. Não sei se a Europa vai querer aceitar as nossas experiências adquiridas. Receio que a “Europa”, entre aspas, não esteja aberta à aceitação de dons espirituais e éticos.

Apesar de tudo, podemos fazer uma breve reflexão sobre a experiência da família polonesa emigrada e em geral.

I

No encontro do Santo Padre com a população da Silésia durante a sua segunda peregrinação à Polônia, em 1983, o Papa João Paulo II disse:

A família é a primeira e a fundamental escola do amor social. É preciso fazer de tudo para que essa escola continue a ser ela mesma. Ao mesmo tempo, porém, a família deve ser a tal ponto forte em Deus, ou seja, no amor mútuo de todos, que consiga permanecer como um baluarte para o ser

humano em meio a todas as correntes destruidoras e dolorosas experiências.

A família é uma escola. Sobretudo uma escola de amor. Poderíamos dizer, a propósito, que o afastamento de Deus, que é amor, é igualmente um afastamento do autêntico amor. Onde não há Deus, não existe o verdadeiro amor, que é um dom. Existem então sucedâneos do amor, que falam do amor, mas pensam em fruição. E fazem isso só de forma marginal.

A família é uma escola, e a tarefa da escola não é somente transmitir o conhecimento, mas, de maneira geral, educar.

Em diversas culturas a família tem adquirido diversas formas. Mas sempre a família tem sido considerada como o ambiente adequado para a educação dos filhos. A Polônia, em sua tradição e cultura, tem a esse respeito uma experiência especial e excepcional.

Por um período de mais de cem anos a Polônia perdeu a sua existência estatal autônoma, mas a nação continuou existindo e promoveu contínuos movimentos para a recuperação da independência. As estruturas estatais impostas pelos ocupantes eram direcionadas à desnacionalização, visto que tanto a Rússia imperial como a Prússia protestante posicionavam-se da mesma forma contra a Igreja católica. Ocorreu um acoplamento entre a fé e a nacionalidade. A preservação da fé estava relacionada com a preservação da consciência nacional, e a preservação da consciência nacional estava relacionada com a preservação da fé. Esse acoplamento realizava-se sobretudo, para não dizer exclusivamente, dentro da família.

Na então predominante civilização agrária, a propriedade baseada na família era ao mesmo tempo, como

diríamos hoje, uma unidade produtiva. Todos os membros da família colaboravam na produção, ou seja, trabalhavam na propriedade. As crianças, desde pequenas, também eram envolvidas nessa tarefa, por exemplo apascentando o gado etc. Participavam, portanto, no crescimento do bem-estar da família.

As condições climáticas existentes na nossa área favoreciam muito a criação dos laços familiares. Os invernos eram longos, as noites de inverno também longas. Era um tempo passado na transmissão das tradições familiares, na narrativa do passado histórico, na transferência de conhecimentos religiosos, especialmente na catequese. A intensificação da capacidade de ler fazia com que nas longas noites muitas vezes fossem lidos em voz alta os livros escritos “para os lares”. As tradições familiares eram transmitidas pelos mais velhos, visto que em geral a família se compunha de várias gerações.

Com o advento da industrialização, ocorreram importantes mudanças. O trabalho na fábrica não dependia das condições climáticas. As horas de trabalho eram longas, e o trabalho, exaustivo. Os baixos salários faziam com que em idade muito jovem as crianças fossem trabalhar, por exemplo, em fiações, mas também em outras áreas da indústria. Quando, por exemplo, um menino apascentava o gado, ele podia ler ou estudar. Na fábrica tais possibilidades não existiam. A diversidade das horas na indústria impossibilitava propriamente passar o tempo em comum. Restava somente o domingo, e este era utilizado para as vivências familiares comuns. Houve um grande desenvolvimento da vida organizacional, visto que havia o problema da utilização do tempo livre. A vida organizacional em grande medida se baseava nos acontecimentos históricos e nas festas do ano

litúrgico. Os teatrinhos amadores tinham um repertório histórico e religioso.

O período da independência da Polônia foi breve. Durante a ocupação não havia muitas diversões, mas novamente havia as longas noites, visto que em muitas localidades havia o toque de recolher, o que favorecia o encontro da família, a transmissão de notícias e tradições tão importantes na educação.

No período do pós-guerra, o comunismo imposto determinou igualmente uma educação de acordo com a sua ideologia. Mas, quanto a isso, um grande antídoto era a família formada por diversas gerações. As crianças voltavam da escola quando os pais ainda se encontravam no trabalho. Em casa se encontrava a avó. As crianças contavam o que tinham ouvido na escola, e a avó muitas vezes se apressava em corrigir: “Eu vou lhes contar como era...”.

As atuais condições civilizacionais na realidade se voltam contra a família. O trabalho dos pais fora de casa, os meios de comunicação, principalmente a televisão, a escola com frequência reduzida apenas à transmissão de conhecimentos – tudo isso cria um vazio ideológico. A juventude preenche esse vazio ideológico com diversas festinhas, concertos pop, variados tipos de substâncias alucinantes e busca de diversões, entre as quais as mais comuns são aquelas de caráter sexual. Tudo isso se opõe à educação familiar do tipo tradicional. Com muita frequência a casa se transforma em hotel, ou seja, em lugar de pernoite e restaurante, em lugar de alimentação. Não existe muitas vezes o ambiente da convivência, porque os pais não têm tempo. O novo arcebispo de Milão, o Cardeal Tettamanzi, em seu primeiro sermão estimulava os pais a dedicar mais tempo a seus filhos. Aliás, as frequentes mudanças de lugar de trabalho e as consequentes mudanças de lugar de residência fazem com

que a casa não seja aquele lugar permanente onde são preservadas as lembranças familiares, as tradições que as pessoas gostam de reviver.

Na realidade, nas últimas semanas tenho visto, pelo menos na imprensa italiana, informações a respeito de que as mulheres que estão envolvidas no trabalho profissional e que conquistaram nele elevadas posições profissionais sentem a não realização da sua feminilidade. Afirmam que não realizaram a sua feminilidade, que só pode ser realizada pela maternidade, e para elas isso já é tarde demais. Se isso é o começo de certas mudanças na mentalidade ou na civilização, não sei. Ou talvez isso seja apenas a avaliação de uma pequena minoria?

II

A tarefa primordial da família é a educação. Em muitos países são concedidas diversas formas de subsídios, visto que se considera que a apropriada educação na família serve ao bem de toda a sociedade, que ganha cidadãos responsáveis.

A família é uma comunidade especial, embora de antemão se saiba que os seus membros a abandonarão. Eles precisam se afastar das famílias para fundar as próprias famílias. Mas, quando existe um vínculo apropriado na família, é grande a probabilidade de que o mesmo aconteça na nova família.

Na *Carta aos jovens*, que o Santo Padre escreveu em 1985 por ocasião do Ano da Juventude, proclamado pela ONU, o Papa disse:

A história da humanidade tem transcorrido desde o início – e vai transcorrer até o fim – através da família. O indivíduo

ingressa nela pelo nascimento, que deve aos pais, ao pai e à mãe, para num momento oportuno “abandonar” esse primeiro ambiente de vida e amor e ingressar num novo. Ao abandonar o pai e a mãe, cada um e cada uma de vocês, ao mesmo tempo, de certa forma os leva dentro de si, aceita a múltipla herança que neles e na família tem o seu começo e a sua fonte direta. Deixando dessa forma a família, permanece com a herança que assume e que liga permanentemente com aqueles que a transmitiram e aos quais tanto deve. E ele mesmo – ele e ela – continuarão a transmitir essa herança.

A introduzir os divórcios, o mundo laicizado infelizmente destrói aquilo que deve ser essa herança, que a pessoa deve continuar a transmitir. A Professora Mary Ann Glendon, de Harvard, que representa a Santa Sé em diversos encontros organizados pela ONU, em uma das suas entrevistas disse: “Como se pode ser um bom pai, quando a criança não vê o pai em casa e ouve a respeito dele somente opiniões negativas? Como se pode edificar um relacionamento permanente entre o homem e a mulher quando o homem não se encontra em casa, ou a mulher não se encontra em casa? Que tipo de herança se pode transmitir?”.

A família se compõe do pai e da mãe. No formato clássico – como se poderia dizer – o pai se empenha por assegurar a existência material da família, e a mãe governa a casa, cria um ambiente apropriado e educa os filhos. Hoje, quando a mãe assume compromissos profissionais fora de casa, muitas vezes não se sabe quem exatamente sustenta materialmente a casa e quem se preocupa com a educação dos filhos.

Essa composição ideal foi abalada, e propriamente falar da família como de um santuário doméstico parece em muitos casos ser irreal. E isso não apenas em razão da falta de

fé, mas mais ainda em razão do abalo de toda a estrutura familiar, ou seja, da própria instituição da família.

Sabemos todos muito bem que existem no mundo forças, extremamente influentes, que tentam com todos os meios possíveis restringir a ação da Igreja, para não dizer mais. Mas, quando se tenta solapar a missão da Igreja ou a existência da Igreja, é preciso primeiro dissolver a família. Após as conferências da ONU no Cairo e na China, não existe oficialmente nem o próprio conceito de família. Fala-se apenas de “união de pessoas”. Não existe a família, e por isso não existe também a transmissão dos valores dentro dela. Mas o Concílio fala que a família é a primeira transmissora da fé, o que mais tarde é complementado e aprofundado pela catequese. Dificilmente nos podemos espantar com a laicização.

O Papa diz que a família deve “permanecer como um baluarte para o ser humano, em meio a todas as correntes destruidoras e dolorosas experiências”. Essas dolorosas experiências são também dolorosamente vivenciadas pelas famílias emigradas.

III

Quando emigrada, a família é necessariamente bicultural. Uma é a cultura do lar, e outra é a cultura da escola, da universidade ou do lugar de trabalho. O biculturalismo conscientemente cultivado é uma grande riqueza. Digo conscientemente cultivado, visto que uma abordagem inadequada conduz muitas vezes à rejeição da cultura do lar, ou da cultura do país de residência. E isso conduz muitas vezes à deformação da personalidade, visto que ela não se desenvolve com base numa convivência

harmoniosa, mas na negação ou na rejeição ou condenação de uma das culturas.

Uma compreensão inadequada do biculturalismo pode conduzir à perda da fé. Quando a fé se relaciona com a cultura do lar, a rejeição dessa cultura conduz com frequência à rejeição da fé.

O desenvolvimento apropriado do biculturalismo transcorre de forma correta quando há um ambiente adequado na família. E isso se relaciona com o tempo que os pais dedicam aos filhos e com o exemplo dados pelos próprios pais.

Numa família emigrada os avós desempenham um papel e uma tarefa educacional importantíssima. Com muita frequência, para não dizer sempre, ambos os pais trabalham. Muitas vezes o ambiente em casa é de nervosismo, especialmente quando a mulher, além do trabalho profissional, tem de cuidar da casa. Uma preocupação constante é a falta de tempo. Os pais com frequência estão atarefados, ao passo que os avós têm tempo quando se cultiva a família formada de várias gerações. Muitas vezes tenho ouvido os nossos jovens dizerem que lhes é mais fácil entenderem-se com os avós do que com os pais. Porque os avós têm tempo, sabem ouvir com paciência, podem dar conselhos. Naturalmente, podem também ocorrer dificuldades quando os avós querem impor os seus pontos de vista e se intrometem na vida familiar dos jovens, o que pode provocar situações tensas. Basicamente, porém, uma família formada por várias gerações tem uma influência educacional muito positiva.

O desenvolvimento da Europa, queiramos ou não, vai conduzir à convivência de culturas. O biculturalismo é hoje um fenômeno muito frequente, visto que o trabalho profissional força à emigração, pelo menos temporária. As

experiências da família emigrada podem ajudar a encontrar soluções adequadas. A família, tanto na Polônia como no exterior, tem preservado e transmitido a fé, o conhecimento do passado nacional e a tradição. Isso tem acontecido, especialmente na Polônia, quando houve a tentativa de impor uma outra ideologia e de deturpar o passado.

O papel educativo da família é insubstituível. Mas a família deve ser forte pelo amor mútuo, ou seja, forte com Deus. Somente então preservará os valores da fé e da cultura. Temos a experiência histórica de que, apesar das tentativas de impor uma outra cultura e outros princípios, a família foi capaz de resistir. Não permitiu que lhe fosse imposta uma outra ideologia, apesar das muitas tentativas e muitas ameaças.

Muitas famílias não aceitaram a visão anticristã. O que significa que é possível opor-se. É possível preservar a própria identidade. Na vida doméstica e familiar podemos muito bem opor-nos aos pontos de vista não cristãos, com base na experiência do passado. Se os outros estarão dispostos a seguir o mesmo caminho, não sei. Como crentes, temos as orientações que nos dá o Papa: “Em meio a todas as correntes destruidoras”, a família deve permanecer como uma permanente instituição educacional e “um baluarte para o ser humano”.

RESUMO – STRESZCZENIE

Arcybiskup Szczepan Wesoły, delegat Prymasa Polski ds. duszpasterstwa polskiej emigracji w środowisku Polonii świata dał się poznać jako człowiek bezpośredni, dyspocyjny wobec Polaków żyjących na emigracji.

Arcybiskup Szczepan Wesoły - niestrudzony Pasterz Polonii świata zmarł 28 sierpnia br. w Rzymie. Wielokrotnie przebywał w Brazylii odwiedzając ośrodki polonijne! Był

jedynym, który najlepiej znał i rozumiał Polonię brazylijską!

Najlepszą formą upamiętnienia Jego postaci jest przybliżanie jego tekstów. Zamieszczony artykuł arcybiskupa Szczepana Wesołego jest poświęcony polskiej rodzinie starającej się o zachowanie swoich wartości religijnych i patriotycznych. Mimo, że Autor odnosi się w tekście do Europy, to jednak, podtrzymywane wartości rodzin polonijnych w Brazylii mogą także ubogacać miejscowe społeczeństwo.

**A COMUNIDADE POLÔNICA BRASILEIRA
E A QUESTÃO DA INDEPENDÊNCIA
DA POLÔNIA:
O EXEMPLO DO ENGAJAMENTO PATRIÓTICO DA
COLETIVIDADE POLONESA NO RIO DE JANEIRO**

*Zdzislaw MALCZEWSKI SChr**

Os assuntos poloneses sempre têm encontrado no Brasil muita simpatia, compreensão e apoio. Isso se tem manifestado de forma especial durante os acontecimentos trágicos na história da Polônia. Tenho aqui em mente o período das partilhas, das guerras ou dos esforços armados empreendidos pelos poloneses que tinham por objetivo a recuperação da independência perdida. Os imigrantes poloneses que se estabeleciam não se afastavam das suas raízes e, apesar da distância que os separava da terra natal, manifestavam o interesse pelo destino do seu país e, na medida do possível, quando chegavam até eles apelos pedindo diversas formas de ajuda, eles demonstravam a sua sensibilidade à sorte da nação subjugada.

Neste artigo eu gostaria de apenas sinalizar de que forma a coletividade polonesa que vivia no Brasil, e especialmente a residente na antiga capital do País, no Rio de Janeiro, demonstrou a sua preocupação com o destino da sua pátria subjugada. Concentro, portanto, a minha atenção na questão do engajamento dos imigrantes poloneses no Rio de

*Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil e redator de *Polonicus*.

Janeiro no sentido de que a Polônia se tornasse um estado livre, soberano e independente.

É preciso enfatizar mais uma vez que a coletividade polonesa que vivia no Rio de Janeiro se apressou não apenas em proporcionar a ajuda material à sua pátria quando ocorria tal necessidade, mas também se empenhou por apoiar o seu país em seus esforços e em sua luta pela independência.

Quando em 1897 ocorreu a decisão sobre a dissolução da organização polonesa *Zgoda* (Concórdia), foi decidido que o dinheiro obtido da venda do seu patrimônio seria transferido ao Museu em Rappersville e destinado aos objetivos do Tesouro Nacional¹.

No dia 27 de março de 1905 um grupo de imigrantes poloneses que residiam na antiga capital do Brasil fundou o “Comitê de ajuda”, com o objetivo de coletar donativos destinados a apoiar a Polônia. Os organizadores desse Comitê eram dois poloneses, S. Wolski e A. Raduszewski. Faziam parte da administração dessa nova organização: João Kowalski – presidente, Félix Wojciechowski – secretário, Miguel Michalski – tesoureiro. O “Comitê de ajuda” mantinha contato permanente com o comitê revolucionário do partido social-democrata em Cracóvia, ao qual eram enviados os auxílios financeiros coletados entre os poloneses que residiam na então capital brasileira².

Outros exemplos selecionados da postura e do desvelo da coletividade polonesa no Rio de Janeiro por uma Polônia livre. No dia 9 de fevereiro de 1913 os membros da Sociedade de Assistência e Cultura, durante uma reunião dessa

¹ E. PŁUŻAŃSKI. Historia organizacji społecznych w Rio de Janeiro. In: *Zbiór materiałów historyczno-informacyjnych z okazji Powszechnej Wystawy Krajowej w r. 1929 w Poznaniu*, Rio de Janeiro, 1929, p. 5, dat.

² *Gazeta Polska w Brazylii*, 13 de abril de 1905, p. 2-3.

organização, tomaram a decisão de organizar uma coleta de dinheiro destinada aos objetivos do Tesouro do Exército Polonês. Posteriormente, no dia 6 de maio de 1916, durante uma sessão solene em honra da Constituição de 3 de Maio, foi apresentada a proposta de ser organizada uma coleta de dinheiro para a ajuda à Polônia. Com o tempo, uma coleta semelhante foi também realizada entre os amigos brasileiros. Em prol das vítimas da guerra na Polônia foi coletada a soma de 1.096,50 mil-réis. Essa soma foi enviada a Henryk Sienkiewicz, diretor do Comitê Polonês na Suíça. Em resposta a um apelo encaminhado por Henryk Sienkiewicz, foi realizada outra coleta de dinheiro para vítimas especiais da I Guerra Mundial, a saber, às crianças sem teto na Polônia. O dinheiro coletado foi enviado a Lausanne. A mencionada Sociedade obteve um recibo assinado por Henryk Sienkiewicz. Convém assinalar que a ação da coleta de dinheiro promovida por essa organização perdurou durante todo o período da I Guerra Mundial³.

Durante a I Guerra Mundial a mencionada Sociedade acolhia e prestava assistência na cidade aos soldados voluntários poloneses que viajavam para a frente de guerra na França, e alguns membros dessa organização, como o seu presidente Vicente Ciałżyński, juntaram-se como voluntários ao primeiro grupo recrutado⁴.

No início de 1917, quando a questão da independência da Polônia despertava um interesse cada vez maior não

³ Arquivo da Sociedade Polonia no Rio de Janeiro. *Polskie Towarzystwo Samopomocy i Oświaty 1910-1917*, p. 55, 81-82, 86, 91-94, 101; E. PŁUŻAŃSKI, art. cit., p. 12-13, dat.

⁴ M. IGNATOWICZ. *Polonia brazylijska wobec odzyskania niepodległości Polski w r. 1918*. In: H. FLORKOWSKA-FRANCIĆ; M. FRANCIĆ; H. KUBIAK (red.). *Polonia wobec niepodległości Polski w czasie I wojny światowej*, Wrocław, 1979, p. 142.

apenas na arena internacional, mas também no Brasil e no seio da coletividade polonesa no Rio de Janeiro, ocorreu a necessidade de ser criada uma nova instituição polonesa, que desse conta das exigências do momento. Segundo os propósitos, a nova organização polonesa assumiria a responsabilidade pela condução dos assuntos consulares e diplomáticos dos poloneses, bem como cuidaria do recrutamento de voluntários para o Exército Polonês que se formava na França. A Sociedade de Assistência e Cultura não possuía, no entanto, as adequadas competências para a solução desse tipo de assuntos que surgiam, nem poderes para representar os interesses de toda a coletividade polonesa no Rio de Janeiro. Por isso, no dia 27 de junho de 1917 foi iniciada a elaboração das normas com base nas quais devia surgir na cidade o Comitê Nacional Polonês. Segundo a ideia apresentada por Eduardo Płuzański, com o objetivo de instituir o Comitê, os idealizadores do surgimento desse comitê foram: Kosiński, Przybylski, Teodorkowski e Zaremba. No dia 8 de julho de 1917, em cooperação com a Sociedade de Assistência e Cultura e na sua sede, realizou-se a assembleia geral dos poloneses, da qual participaram 150 pessoas. Durante esse encontro ocorreu a criação do Comitê Nacional Polonês e a aprovação dos seus estatutos. Como presidente do Comitê foi escolhido Tiago Kosiński, como vice-presidente – Venceslau Teodorkowski, como secretário – Valentim Przybylski e como seu substituto – João Niżyński. E os componentes do conselho eram: Leonardo Kaczmarkiewicz, Eduardo Płuzański, Teodoro Pfeiffer e Estanislau Leszczyński. Para a instituição do Comitê colaboraram também Oscar e Osvaldo Przewodowski, advogados brasileiros que lhe asseguravam a assistência legal. O Comitê entrou na composição do Comitê Polonês Central no dia 16 de dezembro de 1917. A função de presidente dessa organização central era

exercida naquele tempo por Casimiro Warchałowski. Convém assinalar que tanto o Comitê Central Polonês como o Comitê Nacional Polonês contavam com o apoio de Rui Barbosa, que em território brasileiro e na arena internacional apoiava a questão de uma Polônia livre e independente⁵.

Não gostaria de me repetir expressando o meu respeito pessoal, a minha admiração e a minha gratidão ao estadista brasileiro que Rui Barbosa permanece sendo em meu coração e na minha mente, mas sobretudo na memória nacional polonesa. Quero apenas aqui assinalar que por ocasião dos 90 anos da morte desse influente político brasileiro, juntamente com a Profa. Renata Siuda-Ambroziak, publicamos em Curitiba em 2013 uma brochura bilíngue dedicada a esse incansável e fiel Amigo da Polônia Independente⁶.

É preciso assinalar que durante toda a sua atividade o Comitê Nacional Polonês no Rio de Janeiro não exigiu de ninguém a ajuda material. Manteve-se com as suas próprias forças e após o encerramento da sua atividade entregou ao

⁵ Z. DOBOSIEWICZ; W. RÓMMEL. *Polonia w Ameryce Lacińskiej*, Lublin, 1977, p. 45; T. SKOWROŃSKI. Páginas brasileiras sobre a Polônia, Rio de Janeiro, 1942, p. 43; E. PŁUŻAŃSKI, art. cit., p. 12-13, dat.

Como observa W. Breowicz, o Comitê Central Polonês, instituído durante a assembleia do dia 16 de dezembro de 1917 em Curitiba, não desenvolveu uma atividade mais significativa. As filiais desse Comitê que atuavam em Porto Alegre, no Rio de Janeiro, em São Paulo e Irati reuniram alguns recursos, no entanto, agindo isoladamente, com o tempo decaíram. Cf. W. BREOWICZ. *Ślady Piasta pod piniorami*, Warszawa, 1961, p. 157.

⁶ Z. MAŁCZEWSKI; R. SIUDA-AMBROZIAK. *Tributo dos poloneses à Águia de Haia no 90º aniversário da morte de Rui Barbosa / Hold Polaków dla Orła z Hagi w 90. rocznicę śmierci Rui Barbosy*, Curitiba, 2013.

governo polonês a importância de 7.350 mil-réis (dos quais 2.405 mil-réis foram enviados ao cônsul Kazimierz Gluchowski em Curitiba, e 404 mil-réis foram gastos como ajuda aos voluntários que voltavam da guerra, dispensados do serviço militar pelo governo polonês)⁷.

Neste ponto merece uma ênfase especial o fato do reconhecimento, pelo governo brasileiro, do Comitê Central Polonês como o órgão oficial da Polônia, o que resulta de uma correspondência do então ministro das relações exteriores do Brasil, Nilo Peçanha, ao ministro francês Paul Claudel, do dia 17 de agosto de 1918⁸.

Digno de registro é o fato de a assembleia da coletividade polonesa ter sido organizada no dia 16 de setembro de 1917 na sede da Sociedade de Assistência e Cultura, localizada na Rua do Senado, 215. Participaram daquela assembleia 57 pessoas. A reunião realizou-se sob a presidência de Vicente Ciałyński. Tiago Kosiński – presidente do Comitê Nacional Polonês – apresentou aos participantes do encontro o tenente Henryk Abczyński, delegado do estado-maior do Exército Polonês na França. Durante a mencionada assembleia foi proclamada uma resolução que expressava os sentimentos patrióticos dos poloneses residentes no Rio de Janeiro. O texto da resolução proclamada tinha o seguinte teor: “A Colônia Polonesa no Rio de Janeiro, reunida em assembleia geral no dia 16 de setembro de 1917, após ouvir a palestra pronunciada pelo Delegado do Estado-Maior do Exército Polonês, tenente Henryk Abczyński, a respeito dos fatos relacionados com a organização do Exército Polonês, desse principal e único fundamento da existência de uma Pátria livre, unida e independente – decide por unanimidade:

⁷ E. PŁUŻAŃSKI, art. cit., p. 13.

⁸ Cf. T. SKOWROŃSKI. *Páginas...*, op. cit., p. 49-50.

1. expressar a profunda convicção de que somente pela instituição de uma força nacional própria os filhos da Polônia há séculos dispersos conquistarão a unidade, a liberdade e a independência da Pátria, para novamente ocupar o lugar que lhes cabe entre os povos livres, fiéis guardiões dos sublimes ideais da liberdade e da justiça;
2. reconhecer como indispensável que a Colônia Polonesa estabelecida neste país com todas as forças e recursos colabore com a criação de uma Força Armada Polonesa, que reconhece no Exército Polonês instituído na França;
3. confirmando o mandato conferido pela Assembleia Geral do dia 8 de julho ao Comitê Polonês no Rio de Janeiro, recomendar-lhe que em sua atividade tenha sobretudo em mente a necessidade indispensável acima apontada”⁹.

Neste ponto é preciso observar e ao mesmo tempo enfatizar que a instituição e a atividade do Comitê Nacional Polonês não dificultou o desenvolvimento da Sociedade de Assistência e Cultura. Muito pelo contrário, a ação do Comitê exerceu uma influência maior na ação social dessa Sociedade, baseada nos princípios de um patriotismo corretamente entendido. Ocorreu até um aumento do número dos sócios, bem como a melhoria material dessa organização. Estreitou-se a colaboração e a proximidade da Sociedade com o Comitê. Geralmente o vice-presidente do Comitê era o presidente da mencionada Sociedade. O período da atividade do Comitê (1917-1920) assinalou-se na Sociedade sobretudo pela tarefa de organizar o ensino da língua polonesa e de tomar providências para a abertura da Casa Polonesa, na qual os novos imigrantes poloneses pudessem encontrar um lugar de moradia e uma adequada forma de ajuda e assistência¹⁰.

⁹ Arquivo da Sociedade Polonia no Rio de Janeiro. Polskie Towarzystwo Samopomocy i Oświaty 1910-1917, p. 100.

¹⁰ E. PŁUŻAŃSKI, art. cit., p. 13-14.

Com o surgimento do Estado Polonês, o Comitê Central Polonês é dissolvido. A Sociedade de Assistência e Cultura recebe o caixa do Comitê juntamente com a soma de dinheiro que este havia coletado para a construção da Casa Polonesa no Rio de Janeiro. Esse dinheiro foi enviado à Polônia com o objetivo de obter um empréstimo nacional¹¹.

Os imigrantes poloneses que residiam na então capital do Brasil empreenderam variados esforços que tinham por objetivo apoiar o seu país de origem em suas aspirações à plena liberdade. Quando os sonhos dessas gerações polonesas, dos levantes empreendidos contra os ocupantes, das lutas e guerras, do engajamento político trouxeram os esperados resultados e a Polônia se encontrou novamente entre os países livres do mundo, a coletividade dos imigrantes no Rio de Janeiro envolveu-se na comemoração da liberdade. No dia 11 de dezembro de 1918 foi organizada uma solene comemoração da Independência da Polônia¹².

Dando-se conta da difícil situação material da Polônia nos tempos das lutas pela sua independência, bem como no decorrer dos acontecimentos relacionados com a I Guerra Mundial, embora ela mesma estivesse enfrentando dificuldades, a coletividade polonesa no Rio de Janeiro foi capaz de se mobilizar e de organizar a ajuda material para a Pátria que sofria e que lutava pela sua soberania!

RESUMO – STRESZCZENIE

Walka o wyzwolenie Polski spod jarzma zaborców kosztowała bardzo wiele ofiar ze strony tych, którzy na ołtarzu Ojczyzny składali także swoje życie. Emigracja polska

¹¹ Idem, art. cit., p. 13-14.

¹² Idem, art. cit., p. 14.

| Artigos

wyrażała również – w różny sposób – swoją miłość do Polski. W powyższym tekście autor bardzo szkicowo ukazuje zaangażowanie polskich emigrantów i ich potomków w Rio de Janeiro na rzecz niepodległości Polski.

DATA MAGNA! 100 ANOS DE INDEPENDÊNCIA!*

*Tomasz LYCHOWSKI***

É uma figura luminosa deste acontecimento o Marechal Józef Piłsudski, Pai da Independência da Polônia. Deste país, para nós tão longínquo, mas tão próximo do coração. Tão orgulhoso de sua história milenar.

Existem homens providenciais, que surgem no lugar certo e no tempo certo. Que mobilizam a todos em sua volta. Que pensam grande. Que enxergam longe. Pensam grande porque não pensam exclusivamente neles mesmos! Vivem um ideal. O encarnam. Arrebatam multidões que veem nesses líderes um ideal para o qual vale a pena viver. Viver e lutar – e vencer.

Aos nossos antepassados Piłsudski devolveu a identidade pátria. Antes de 1918 eles eram apátridas em sua própria terra, submetidos à força à russificação e à germanização. Uma nação com riquíssima história, mas que por mais de um século deixou de existir como país independente. Terra de um cidadão oprimido, ao qual, naquela época, foi tirado o direito de poder orgulhosamente afirmar: “Sou polonês!”.

Raramente se menciona o papel que Piłsudski desempenhou ao frear o avanço e a conquista do Ocidente pelos bolcheviques. Mas, inegavelmente, sem a vitória na Batalha do

* Texto apresentado na comemoração da independência da Polônia na Sociedade Beneficente Polônia, no Rio de Janeiro (11.11.2018).

** Poeta, pintor, polônico. Conselho Consultivo de *Polonicus*.

Vístula, a Europa teria sucumbido ao imperialismo da ideologia marxista.

Todavia, haverá historiadores que vão acrescentar a essa inegável façanha, comandada pelo Marechal Piłsudski, um outro feito, uma outra vitória. O fato de hoje podermos comemorar a independência da Polônia depois de mais de 120 anos de seu desaparecimento do mapa do mundo, nós o devemos a outro polonês ilustre: o Papa Karol Wojtyła, hoje São João Paulo II. Primeiro papa não italiano em 455 anos. A sua contribuição para a queda do regime comunista já faz parte dos livros de história. Os seus esforços em prol da liberdade e da democracia mudaram a geopolítica do mundo. Se isso não tivesse acontecido, se a Polônia ainda estivesse sob o jugo comunista, não poderíamos comemorar esta data de maneira tão festiva. Não se poderia mencionar o nome do Marechal Piłsudski. O seu nome tinha sido banido da história oficial do regime comunista, um regime que durou por mais de quarenta anos. O Papa polonês inspirou o “Solidarność”, que, sem derramar uma só gota de sangue, acabou derrubando esse regime opressor. Uma a uma as peças do dominó opressor iam caindo e, com elas, o emblemático Muro de Berlim.

Mas, certamente, a sua grande contribuição à Igreja e ao mundo foi, entre muitas outras coisas, o valor cristão do perdão. Perdoando ao criminoso Mehmet Ali Agca, que tentou tirar-lhe a vida, ou pedindo perdão pelos malfeitos dos filhos infiéis da Igreja ao longo dos séculos, ele lembrou a todos nós esse grande, esse precioso dom do cristianismo: não julgar, não condenar. Perdoar sempre.

Dois grandes poloneses, duas almas grandes. Nós, poloneses brasileiros e brasileiros poloneses, recebemos deles este legado, este desafio: pensar grande a Polônia, pensar grande o Brasil.

11 de novembro de 2018.

RESUMO – STRESZCZENIE

Zaangażowanie Polaków w walce o odzyskanie niepodległości kraju zasługuje na wielki szacunek i podziw ze strony każdego, kto zainteresowany jest historią naszego kraju. Autor wyrażając dumę bycia Polakiem ukazuje dwóch bohaterów naszego narodu: marszaka Józefa Piłsudskiego i papieża Jana Pawła II.

SAPORSKI E SUA OBRA COLONIZADORA

Mariano KAWKA*

O sesquicentenário da imigração polonesa ao Brasil, a ser comemorado em 2019, vem precedido de outro aniversário extremamente significativo e digno de ser lembrado e celebrado: o centésimo quinquagésimo aniversário da vinda ao Brasil, em 1868, de Sebastião Edmundo Wos Saporski, tido como o “Pai da Imigração Polonesa no Brasil”, título que lhe cabe de forma indiscutível pelo seu pioneirismo e pela iniciativa de ter trazido para cá o primeiro grupo de imigrantes da Polônia, que deram início à colonização polonesa no Brasil.

A colonização de que aqui se trata é a colonização coletiva, maciça, de certa forma coordenada e organizada, porque antes dela já se registra a presença de um significativo número de poloneses no Brasil. Entre os primeiros que a História registra encontram-se Cristóvão Arciszewski, que veio ao Brasil em 1629 juntamente com os holandeses que na época ocuparam o Nordeste brasileiro, e o Pe. Alberto Męciński, que esteve por algum tempo no Brasil em 1631, em sua viagem ao Japão.

Um número significativo de poloneses se deslocou ao Brasil no período posterior às partilhas da Polônia, após a queda de Napoleão e, principalmente, após os fracassados Levantes (como os de Novembro de 1830 e de Janeiro de 1863). Muitos poloneses que participaram desses movimentos,

* Professor, tradutor, lexicógrafo, membro do Conselho Editorial da revista *Polonicus*.

sentindo-se inseguros na Polônia ocupada por potências estrangeiras, buscaram refúgio em terras estrangeiras, inclusive no Brasil. Entre estes havia militares, engenheiros e profissionais em áreas diversas que prestaram grandes serviços ao Brasil.

Os pioneiros

Parece ser oportuno, nesta oportunidade, recordar os nomes de alguns deles, informando a data da sua vinda ao Brasil: Roberto Trompowski veio ao Rio de Janeiro em 1829 e foi residir em Santa Catarina. Sua família forneceu ilustres descendentes, principalmente aqueles que se destacaram na área militar: o marechal Roberto Leitão de Almeida Trompowski (que em 1962 foi confirmado pelo presidente João Goulart como o patrono do ensino militar brasileiro) e seu filho Armando Figueira de Almeida Trompowski. O engenheiro e geólogo André Przewodowski se estabeleceu na Bahia em 1839 e ali construiu prédios, pontes e instalações portuárias. Da mesma família Przewodowski destacam-se Estanislau – engenheiro naval e oficial da marinha brasileira que participou da Guerra do Paraguai, e Oscar – jurista e cientista político. No mesmo ano de 1839 veio o médico Pedro Napoleão Luís Czerniewicz (Chernowicz), que foi um dos fundadores da Academia de Medicina do Rio de Janeiro e escreveu em português manuais sobre ciências médicas. Contribuiu significativamente para a exploração do Brasil Florestan Rozwadowski, que veio ao Brasil em 1850, em companhia dos filhos Antônio e Otaviano, tornou-se major do exército brasileiro e realizou medições topográficas na Amazônia. Jerônimo Durski veio ao Brasil em 1851 e se tornou conhecido como eminente pedagogo.

Após o ano de 1863, que assinalou na Polônia um histórico levante sufocado, aparece no Brasil uma série de refugiados poloneses, entre os quais se destacam, por exemplo, o engenheiro Bronislau Rymkiewicz, que veio em 1870 e trabalhou na construção da estrada de ferro São Paulo-Santos. No mesmo ano veio o engenheiro Alexandre Brodowski, que também trabalhou na mesma área e cujos méritos são atestados até por um município paulista que leva o seu nome. Ainda naquele ano veio o general Antoni Dołęga-Czerwiński, que fundou em Goiás a Fazenda Polônia. Em 1876 veio ao Brasil o Pe. Ludovico Miguel Przytarski, que foi um dos primeiros padres poloneses no Paraná. Nesse mesmo período, vieram ao Brasil o Pe. Antônio Zielinski (em 1867) e Sebastião Edmundo Wos Saporski (em 1868), os idealizadores da imigração polonesa ao Brasil.

O Pe. João Pitoń, que a esse respeito realizou pesquisas no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, apresenta uma lista de 143 poloneses que aportaram no Brasil antes do início da imigração maciça¹.

Um outro aspecto a ser destacado, e para o qual o mesmo Pe. Pitoń chama a atenção, é o fato de que, quando se fala da imigração polonesa ao Brasil, não nos podemos esquecer dos nomes poloneses que aparecem nas listas dos imigrantes alemães que se estabeleceram no Rio Grande do Sul, desde 1824. Naturalmente, esses imigrantes são registrados como alemães, mas entre eles encontram-se nomes e sobrenomes tipicamente poloneses. (Nomes como: Mieczysław, Mirosław, Wanda; sobrenomes como: Białek, Bilski, Gudowski, Pokorny etc.). Isso se deve ao fato de que, durante o recrutamento dos imigrantes, já naquela época juntaram-se ao movimento migratório numerosas famílias

¹ PITOŃ, J. U źródeł polskiej emigracji w Brazylii. *Kalendarz Ludu 1973*, pp. 95-100.

polonesas procedentes da Silésia, de Poznań ou da Pomerânia, que na época se encontravam sob a ocupação prussiana².

Como se percebe, antes da data simbólica de 1869 muitos poloneses já haviam aportado no Brasil. Mas Saporski teve o mérito de dar início a uma imigração programada nitidamente polonesa e promovida em escala coletiva. É nisso que se encontra a sua originalidade e é dessa ação que decorrem os seus méritos.

Em busca de melhores perspectivas

Sebastião Vos nasceu no dia 19 de janeiro de 1844 na aldeia de Siołkowice, perto de Opole, no sudoeste da Polônia, região conhecida como Silésia. Seus pais foram: Simão Woś e Edviges Kampa. Os Woś tiveram dez filhos – 4 rapazes e 6 moças. Sebastião era o segundo entre os rapazes.

Quando Sebastião atingiu a idade escolar, foi enviado por seus pais a Opole, para ali estudar, o que deveria garantir-lhe um futuro mais promissor. Como aquela região se encontrava então sob o domínio prussiano, esses estudos teriam de realizar-se em alemão, que o pequeno Sebastião teve que aprender.

Entretanto, problemas de saúde forçaram-no a interromper os estudos antes do exame de madureza. Como a enfermidade persistisse, os médicos lhe aconselharam a mudança de clima. Ele devia procurar um clima quente. Foi isso que o obrigou a adotar o estado de emigrante.

A caminho da nova pátria, Sebastião Vos mudou de nome, tornando-se Edmundo Saporski. Essa mudança se deu pelo desejo de fugir ao serviço militar na odiada Prússia, opressora da sua pátria.

² Idem. Jak stara jest emigracja polska w Brazylji. *Kalendarz Ludu 1964*, pp. 227-229.

Chegando a Londres, em 1867, Saporski não tinha um destino escolhido. Casualmente embarcou no navio *Emma*, que carregava trilhos para a Argentina. Imaginava que, tendo estudo o latim e o francês, não lhe seria difícil aprender a língua espanhola.

Durante a viagem *Wos Saporski* travou conhecimento com o novo continente em Paranaguá e Guaraqueçaba, de onde o navio levaria madeira para o Uruguai.

Em Montevideú, despediu-se dos marujos e desembarcou como imigrante. Ali se encontrou com alguns compatriotas, que lhe conseguiram o emprego de garçom num clube suíço-alemão de importadores. Mas Saporski convenceu-se em breve de que o Uruguai não era para ele mais que um ponto na viagem rumo ao desconhecido.

O que deu um novo rumo à sua vida foi a amizade que travou com um alemão de Brunswick, chamado Frederico. Este já tinha sido proprietário de um restaurante em Porto Alegre, no Brasil. Tendo-se mudado para o Uruguai, ali não teve sorte. Frederico já fora viúvo e casara-se de novo com uma viúva cujo primeiro marido havia sido um polonês. Dessa forma, Edmundo tornou-se como um filho adotivo deles.

Os primeiros passos na nova pátria

Em 1868 os três embarcaram num navio que fazia escala na Ilha de Santa Catarina. Para o casal, isso foi como uma volta à pátria, e Sebastião sentia-se mais seguro na companhia deles.

De Desterro (atual Florianópolis), dirigiram-se a Blumenau, para a colônia fundada pelo farmacêutico Dr. Hermann Blumenau. No entanto, o Dr. Blumenau encontrava-se então na Europa, e Frederico em breve faleceu.

Mas Sebastião continuou em companhia de sua mãe adotiva. Trabalhou primeiro como auxiliar de inspetor na construção de uma estrada. Logo depois abriu uma escolinha, onde começou a dar aulas, naturalmente em alemão. Assim, em 1868 Saporski viu-se estabelecido no centro da colonização alemã.

Foi nessas circunstâncias que ele começou a pensar na possibilidade de trazer imigrantes poloneses ao Brasil. Nomes poloneses podiam ser encontrados já em meio aos alemães que vieram a São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, em 1824. Da mesma forma que no Uruguai, também em Blumenau o próprio Saporski relata em suas *Memórias*³ que havia encontrado poloneses da Silésia e da Pomerânia. Ele foi testemunha de como eram germanizados esses imigrantes eslavos em Blumenau.

Esses mesmos problemas preocupavam na época uma outra pessoa com quem Saporski se encontrou. Tratava-se do Pe. Antônio Zieliński, que era uma figura enigmática, inclinada mais à contemplação do que à ação. Natural de Lvov, veio ao Brasil após passar pelo México e pelos Estados Unidos, onde entrou em contato com a colônia polonesa no Texas. No Brasil, ele estabeleceu um bom relacionamento na corte de D. Pedro II, no Rio de Janeiro. Foi destinado a Blumenau, onde lhe foi confiada a paróquia de Gaspar. Mas foi recebido friamente e com desconfiança, antes como intruso e espião que como pastor. E o fato era que também ele estava pensando em trazer imigrantes poloneses ao Brasil.

³ Saporski escreveu as suas *Memórias* em português, no final da década de 1920. O Consulado Geral da Polônia, em Curitiba, providenciou a sua tradução para o polonês, e a obra foi publicada nessa língua em Varsóvia, em 1939. A versão em português foi publicada em 1972, em *Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa*, vol. VI, pp. 9-99.

Planos ambiciosos e arriscados

Ambos elaboraram um memorial ao Imperador, pedindo uma concessão para a colonização polonesa. O documento foi assinado por eles e enviado ao Rio de Janeiro.

A resposta veio em breve, por intermédio do governador da Ilha do Desterro, com a data de 11 de maio de 1869. O Ministério da Agricultura aceitava a oferta com carinho e pedia que os requerentes indicassem um lugar escolhido para a colônia. Após muitas pesquisas e ponderações, a escolha recaiu sobre o Paraná. Na época muito se falava sobre um relatório elaborado pelo engenheiro Antônio Rebouças, então publicado pela imprensa e que continha uma descrição do interior paranaense. Para Saporski e para o Pe. Zieliński, o relatório do engenheiro vinha confirmar descrições mais antigas, legadas por descobridores e noticiários jornalísticos, que provinham de imigrantes de Joinville e Blumenau radicados em Curitiba.

A notícia da fundação de uma colônia polonesa foi recebida com desdém pelos chefes da colônia de Blumenau, que logo tomaram providências para que o projeto não fosse adiante. A primeira vítima foi o professor, que foi afastado do cargo. Caluniado como se fosse um traidor, ele se refugiou junto ao pároco de Gaspar. Certa noite, a casa paroquial foi atacada. O padre conseguiu escapar, depois de apanhar bastante. A comissão da igreja, sentindo-se incapaz de resistir, procurou salvar o padre facilitando-lhe a fuga. Um grupo de paroquianos embarcou em três canoas e conseguiu levá-lo até Itajaí, de onde o sacerdote tencionava embarcar para o Rio de Janeiro. Ele prometeu manter contato por correspondência, mas foi inútil esperar qualquer sinal de vida e, depois, qualquer notícia dele.

Foi em meio a essa situação tensa que, pouco antes da trágica noite, veio a Gaspar uma notícia secreta, mas com bastante atraso, sobre um grupo de imigrantes poloneses que se dirigiam para o sul de Blumenau, ou seja, para Brusque.

Em seus registros, o próprio Saporski se refere diversas vezes à vinda desse primeiro grupo de imigrantes. Em 1869 desembarcaram em Itajaí 16 famílias polonesas da Alta Silésia, que haviam feito a viagem no navio *Victoria*. Essas famílias foram transportadas para a colônia de Brusque, nas margens do Itajaí Mirim, onde ocuparam os 16 lotes de terra anteriormente abandonados pelos irlandeses. Em Brusque, os imigrantes em breve começaram a sentir os rigores do clima. Sentiam calor insuportável, e a alimentação era inadequada, o que, somado ao constante receio dos ataques dos índios, tornou a atmosfera insuportável. Eles faziam o impossível para emigrar dali quanto antes, como fizeram os irlandeses. Os poloneses não desejavam voltar ao Velho Mundo. Queriam apenas mudar-se para um lugar de clima temperado, que sabiam existir, porque sobre isso haviam sido informados por cartas⁴.

Segundo o *Almanaque de Zdanowski* (1902),

As 16 famílias citadas, não esperando a demarcação das terras destinadas à colônia, aportaram, em agosto de 1869, em Itajaí, donde foram enviadas para Brusque. Pouco depois vieram mais 16 famílias, que o Sr. Saporski encontrara na mesma colônia em dezembro do mesmo ano. Saporski, sabendo da vinda de seus patrícios, dirigiu-se através de florestas e estepes, frequentemente visitadas pelos índios, passando por Brusque e Gaspar, para Sixteen

⁴ NIKODEM, Pawel. Saporski – O Pioneiro dos Semeadores. *Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa*, vol. I, ano 1970, pp. 72-73.

Lots. Os poloneses ali estabelecidos muito se alegraram ao saber de Saporski que havia terreno reservado para eles na província vizinha do Paraná. Requereram logo ao Imperador que os transferisse e concedesse terrenos para as 32 famílias⁵.

Infelizmente, à mudança dos imigrantes opunham-se obstáculos que pareciam intransponíveis. Os responsáveis pela imigração proibiam isso categoricamente. Só o Imperador podia permiti-lo. Mas era necessário redigir um pedido escrito e levá-lo pessoalmente. Em vista disso, o Saporski redigiu pessoalmente o pedido e o assinou junto com todos os colonos. A seguir viajou ao Rio de Janeiro, onde conseguiu uma audiência com o Imperador.

O grupo de imigrantes de Brusque contava com 164 pessoas, vindas em dois turnos. Compunha-se de 32 famílias, com 64 pais e 100 crianças, visto que todos eles eram casais novos.

A opção pelo Paraná

Em busca de uma solução definitiva, Saporski deu um passo capital: fixou residência no Paraná, em companhia de sua mãe adotiva. Em 1870 estabeleceu-se em Curitiba, onde começou a trabalhar como professor. Deixou em Gaspar o seu amigo Francisco Motzko como contato.

Em Curitiba Saporski logo estabeleceu contato com autoridades e pessoas ilustres da cidade, como o pároco Pe. Agostinho Machado Lima, o presidente da província do Paraná Dr. Venâncio José de Oliveira Lisboa, o vice-presidente da província Dr. Agostinho Ermelino de Leão e o fiscal da

⁵ Apud: Idem, p. 73.

Câmara Municipal Aurélio Campos, funcionário que ocupava um posto-chave.

Após muitos esforços e diligências da parte de Saporski, os colonos poloneses de Brusque finalmente obtiveram a autorização para se fixarem nos arredores de Curitiba (Paiva, Mercês e Pilarzinho). O lugar escolhido para a colônia polonesa estava situado na região norte da cidade, a meia hora de viagem do centro. O terreno era pouco montanhoso, com boa mata e solo fértil, ótimo para a agricultura. Chamava-se Pilarzinho, hoje um bairro da capital paranaense. Os colonos poloneses ali se estabeleceram no início de outubro de 1871. O próprio Saporski, em seus escritos, não informa a data exata vinda deles. Mas o Pe. João Pitoñ fornece uma informação mais exata, informando que essa transmigração dos imigrantes poloneses, que viajaram de navio de Itajaí a Antonina, se realizou entre os dias 30 de setembro e 9 de outubro de 1871⁶. Naquele ano, o Paraná tinha 125 mil habitantes, e Curitiba – 8 mil.

Para estabelecer os novatos, prestou inestimáveis serviços o Sr. Aurélio Campos. Aos homens garantiu trabalho na conservação das ruas. Para as mulheres procurou serviços domésticos e de jardinagem, junto a seus amigos. Graças a ele iniciou-se sem demora a demarcação dos lotes, no que Saporski também tomou parte, exercitando-se como agrimensor.

A imigração se intensifica

Esse foi o início da imigração polonesa ao Paraná, que se consolidaria com a fundação da colônia Abranches em 1873 e da colônia Santa Cândida em 1875, e que nos anos seguintes

⁶ PITOÑ, Jan. Saporski w ramach dat. *Kalendarz Ludu 1971*, p. 74.

se transformaria num movimento maciço que se estendeu também aos outros estados do Brasil meridional e ao qual no final do século XIX se deu o nome de “febre brasileira”. Esse movimento arrefeceu nos anos da Primeira Guerra Mundial, mas prosseguiu nos anos seguintes, mesmo após a recuperação da independência da Polônia em 1918, e só foi interrompido pela eclosão da Segunda Guerra Mundial. O intenso movimento migratório da Polônia ao Brasil no final do século XIX e início do século XX se originou em grande parte pela iniciativa pioneira de Saporski, que dedicou a isso praticamente toda a sua vida.

Após ter-se estabelecido no Paraná e ter trazido ao estado a primeira leva de imigrantes, em 1874 Saporski foi diplomado pelo Ministério da Agricultura, no Rio de Janeiro, como agrimensor. Isso lhe possibilitou um trabalho mais bem remunerado na firma Pereira, Alves, Bendaszewski & Cia., estabelecida em 1874, que se dedicava à promoção e à realização da imigração polonesa ao Brasil e para a qual Saporski realizou trabalhos de medições de terras em diversas localidades do Paraná. O movimento migratório provocado pela ação dos agentes dessa companhia deu origem a novos núcleos poloneses na região de Curitiba (Órleans, Santo Inácio, Dom Pedro, Riviere, Dona Augusta, Lamenha, Tomás Coelho, Murici, Zacarias, Inspetor Carvalho) e, posteriormente, no interior do Paraná.

Saporski também subia na escala do êxito. Encontramo-lo na qualidade de Diretor de Colonização, primeiramente em São Mateus do Sul, nos anos 1890-92, e depois em Vera Guarani, nos anos 1910-11.

Nos intervalos, eram outras obras que demandavam a colaboração técnica de Saporski. Ele trabalhou na demarcação das vias de comunicação no Paraná e participou da construção

de ferrovias. Nesse período, no seu trabalho profissional ele já contava com a colaboração de seus filhos Pedro e Edmundo.

Ampla visão, múltiplas realizações

No dia 25 de novembro de 1885 Saporski adotou a cidadania brasileira com o nome de Sebastião Edmundo Vos Saporski.

O ano de 1912 trouxe o reconhecimento dos seus méritos. Ele foi eleito deputado estadual para o biênio 1913-1915, sendo então chamado então “mensageiro dos colonos”. Naquela época o número dos imigrantes poloneses no Paraná já chegava a 100 mil.

A esposa de Saporski, Maria de Oliveira Saporski, provinha da tribo dos carijós. Era o primeiro matrimônio celebrado entre um polonês e uma descendente dos tupis.

Sebastião Edmundo Vos Saporski atingiu idade patriarcal. Residia numa casinha no Alto das Mercês, à sombra das palmeiras, donde contemplava como num sonho as suas duas pátrias, Brasil e Polônia, que a seu exemplo construíram seu porvir de amizade e colaboração. Alcançou o dia em que ressurgiu a Polônia livre, e ele, pelos seus méritos no campo social, no dia 9/11/1924 foi homenageado com a condecoração “Polonia Restituta”.

Durante os 65 anos de sua vida no Brasil, Saporski participou praticamente de todas as iniciativas e atividades culturais empreendidas no seio da colônia polonesa, bem como nas necessárias intervenções junto às autoridades brasileiras. Em 1890 esteve envolvido da fundação da Sociedade Tadeusz Kościuszko, a mais antiga do Brasil, e que funciona até hoje em Curitiba. Em 1892 participou da sociedade acionária do primeiro jornal polonês no Brasil, o *Gazeta Polska w Brazylia* (Jornal Polonês no Brasil), do qual foi

redator. Esse jornal circulou em Curitiba até 1941. Entre as suas realizações esteve a localização de cerca de 60 mil imigrantes poloneses no Paraná. Ele realizou as medições das terras em que esses imigrantes foram estabelecidos no período 1871-1912. Participou também da construção de rodovias e ferrovias, inclusive da ferrovia Paranaguá-Curitiba. Uma das suas grandes iniciativas foi tentar, junto com Teófilo Rudzki, introduzir o consumo da erva-mate na Polônia. Com esse objetivo Rudzki viajou à Polônia para coordenar a propaganda do produto, que começou a ser consumido em grande quantidade. Essa iniciativa não teve êxito em razão da oposição do Conde Orlov, membro da família do czar, e que detinha o monopólio da importação do chá preto da Índia.

Fazendo e contando a História

Além de ser o fundador dos primeiros núcleos da colonização polonesa no Brasil, Saporski foi também o seu primeiro cronista. Ele se dava conta da obrigação que lhe cabia de registrar por escrito os acontecimentos de que participou ativamente. Demonstrou com isso que, além das habilidades profissionais de engenheiro e agrimensor, também não lhe faltava a aptidão para o manuseio da pena.

Já citamos acima o jornal *Gazeta Polska w Brazylji*, de cuja fundação participou e do qual foi redator nos anos 1893-1894. A fundação desse jornal foi o ponto de partida para uma rica e diversificada atividade jornalística no seio da colônia polonesa nas décadas seguintes.

No almanaque alemão editado em Curitiba intitulado *Curitybaner Deutscher Volkskalendar* (Almanaque Popular Alemão de Curitiba), ano 1896 (o segundo ano da edição), encontramos nas páginas 30-37 um amplo ensaio intitulado “Die polnische Einwanderung und Kolonien in Paraná” (A

imigração e a colonização polonesa no Paraná). O editor do almanaque, impresso na tipografia do *Der Beobachter* (O Observador), era Anthon Schneider, que tinha um relacionamento amistoso com os poloneses. Embora o artigo não tenha assinatura, o que conferiria ao texto a característica de um editorial, é certo que ninguém além de Saporski seria capaz de fornecer informações tão detalhadas. Uma tradução polonesa desse texto foi publicada no periódico paulistano *Przegląd Polski* (Revista Polonesa), n. 4/1960.

O *Almanaque de Feliks Zdanowski*, Porto Alegre, 1902, publicou nas páginas 26-31 o artigo “*Kilka słów o S. E. Saporskim*” (Algumas palavras sobre S. E. Saporski). Trata-se de uma concisa biografia, repleta de datas e fatos, que o diligente editor obteve de Saporski, o qual até no distante Rio Grande do Sul era visto como uma personalidade digna de ser retratada.

O texto “*Notatki z imigracji polskiej w Brazylii*” (Notas sobre a imigração polonesa no Brasil), foi escrito em polonês. Trata-se de uma nova redação do artigo acima citado “*A imigração e a colonização polonesa no Paraná*”, com dois acréscimos: a) uma tabela com a relação cronológica das colônias (que eram 35) e com o número de pessoas na fundação (892); b) a declaração da Câmara Municipal de Curitiba do dia 15/10/1873 sobre os colonos de Pilarzinho. Saporski redigiu essas notas em 1920 e entregou-as ao Consulado da Polônia em Curitiba. O texto só foi publicado no *Almanaque da Gazeta Polska* em 1939, pp. 35-41.

No ocaso de sua vida, para a redação das *Memórias*, já acima referidas, querendo deixar um registro para os descendentes, Saporski utilizou-se da língua portuguesa. O texto inicia-se com a viagem à América do Sul e interrompe-se, em 1912, quando o autor estava envolvido na colonização nas margens dos rios Ivaí e Iguaçu. As *Memórias* foram

inicialmente publicadas em tradução polonesa, em Varsóvia, em 1939, com o título *Pamiętnik*. A versão portuguesa só foi publicada em 1972⁷.

Manifestações de reconhecimento

O primeiro cônsul da Polônia em Curitiba após a recuperação da independência da Polônia em 1918, Kazimierz Gluchowski, faz a ele uma dedicatória no seu livro *Wśród pionierów polskich na Antypodach*⁸, publicado em Varsóvia em 1927: “Ao eminente Senhor Edmundo S. Saporski, Pai da Colonização Polonesa no Paraná, dedica o presente trabalho – o Autor”.

O patriarca faleceu no dia 6 de dezembro de 1933. Faltavam-lhe 47 dias para atingir os 90 anos. Foi sepultado no Cemitério Municipal, em Curitiba. Não longe dali, na praça adjacente à igreja de S. Ana, no bairro de Abranches, encontra-se sobre um pedestal o busto de Sebastião Edmundo Was Saporski, o “Pai da Colonização Polonesa no Paraná”. O solene descerramento desse monumento ocorreu no dia 22 de dezembro de 1953, dentro das comemorações do centenário da emancipação política do Paraná. Sobre uma placa de bronze foi colocado o seguinte texto: “Edmundo Sebastião Was Saporski organizou a imigração polonesa descortinando-lhe os horizontes da Nova Pátria – Brasil. Homenagem e gratidão dos que o seguiram. 19/12/1958”. Numa segunda placa podemos ler a dedicatória: “Sebastião Edmundo Was Saporski

⁷ Cf. nota 3.

⁸ Este livro foi publicado em tradução portuguesa de Mariano Kawka: *Os poloneses no Brasil*. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005.

‘Pai da Colonização Polonesa no Paraná’. Homenagem do povo de Curitiba no centenário da imigração. 1871-1971”⁹.

O Sesquicentenário da imigração polonesa ao Paraná deverá servir de ensejo para o fortalecimento dessas homenagens a Saporski, o eminente pioneiro e líder social que descortinou a milhares de imigrantes poloneses uma nova Pátria – o Brasil.

Bibliografia:

DADOS históricos sobre a imigração polona no Paraná. *Brazil Polonia*. Rio de Janeiro, n. 6, jan. 1922, pp. 5-8.

EDMUNDO Saporski, Nestor da Colonia Polona no Paraná. *Brazil Polonia*. Rio de Janeiro, n. 7, fev. 1922, pp. 15-17.

GLUCHOWSKI, Kazimierz. *Os poloneses no Brasil*. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2015.

MALCZEWSKI, Zdzisław. *Ślady polskie w Brazylii / Marcas da presença polonesa no Brasil* (edição bilíngue). Warszawa / Varsóvia: Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich UW / Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego w Warszawie, 2008.

MALCZEWSKI, Zdzisław; WACHOWICZ, Ruy C. *Perfis polônicos no Brasil*. Curitiba: Vicentina Gráfica e Editora, 2000.

MAZUREK, Jerzy. *A Polônia e seus emigrados na América do Sul (até 1939)*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016.

NIKODEM, Paweł. Wspomnienie o naszych pionierach. *Kalendarz Ludu 1961*. Curitiba, 1961, pp. 55-57.

_____. Zapiski Wosia Saporskiego. *Kalendarz Ludu 1966*. Curitiba, 1966, pp. 167-170.

_____. Saporski – O Pioneiro dos Semeadores. *Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa*, vol. I. Curitiba: Imprimax Ltda., 1970, pp. 57-92.

⁹ MALCZEWSKI, Zdzisław. *Ślady polskie w Brazylii / Marcas da presença polonesa no Brasil*. Warszawa / Varsóvia, 2008, pp. 188-189.

PITONÍ, Jan. Jak stara jest emigracja polska w Brazylii. *Kalendarz Ludu 1964*. Curitiba, 1964, pp. 221-229.

_____. Saporski w ramach dat. *Kalendarz Ludu 1971*. Curitiba, 1971, pp. 74-80.

_____. U źródła emigracji polskiej w Brazylii. *Kalendarz Ludu 1973*. Curitiba, 1973, pp. 89-101.

SAPORSKI, Sebastião Edmundo Vos. Memórias. *Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa*, vol. VI. Curitiba: Gráfica Vicentina Ltda., 1972, pp. 9-99.

URBAŃSKI, Edmund Stefan. *Sylwetki polskie w Ameryce Łacińskiej w XIX i XX wieku*, vol. II. Stevens Point, WI, USA: Artex Publishing, Inc., 1991.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. Saporski: um pioneiro polono-paranaense. *Projeções – Revista de estudos polono-brasileiros*. Curitiba, Ano II - 2/2000, n. 4, pp. 107-146.

RESUMO – STRESZCZENIE

Chociaż obecność pojedynczych Polaków odnotowuje się w Brazylii od XVII wieku (np. Krzysztof Arciszewski), w większej ilości pojawiają się oni w XIX w., szczególnie po powstaniach w latach 1830 i 1863. Do ich liczby należy Sebastian Edmund Woś Saporski, który przybył do Brazylii w 1868 r. Jemu zawdzięcza się rozpoczęcie grupowej i masowej emigracji do kraju Krzyża Południa począwszy od 1869 r., kiedy pierwsza grupa 16 rodzin polskich przybyła do stanu Santa Catarina. Wkrótce przybyła druga grupa 16 rodzin. Dzięki staraniom Saporskiego w 1871 r. ci emigranci osiedlili się w Paranie, w pobliżu Kurytyby, na kolonii zwanej Pilarzinho. W latach następnych powstały nowe kolonie, w okolicach Kurytyby, w głębi Parany oraz w stanach Santa Catarina i Rio Grande do Sul, obejmujące dziesiątki tysięcy polskich emigrantów. W ciągu 65 lat swojego pobytu w Brazylii Saporski przyczynił się do wzmożenia i utrwalenia emigracji polskiej, zasługując na miano „Ojca” osad polskich w Brazylii.

MOBILIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA DE “POLONESES”

*Regina WEBER**

*Thaís WENCZENOVICZ***

Este artigo dá continuidade ao texto “Agentes étnicos religiosos e laicos entre os poloneses” (WEBER, 2015), tanto em termos cronológicos quanto por observar formas de ação étnica entre imigrantes poloneses e descendentes, a partir de um quadro teórico que reconhece a importância de “agentes”, “líderes” ou “mediadores” na promoção e na manutenção de identidades étnicas. ¹ Como afirma Siuda-Ambroziak (2000, p. 97), a consciência da identidade “produz-se sob a influência de fatores externos e internos”, entre estes, “da presença de líderes interessados na difusão de conhecimentos das raízes da comunidade”. Mais que difundir-lo, alguns personagens ocupam-se em produzir conhecimento sobre o grupo, ao mesmo tempo em que constroem a imagem deste grupo (as “representações”), onde o passado, a história e a memória são convocados a formatar uma identidade em harmonia com as ações do presente, destinadas a congregar o maior número de indivíduos, conjurando a dispersão. São estes personagens que estão sendo aqui denominados “intelectuais étnicos”.

Ao se falar em “intelectual étnico”, é preciso ter clareza que esta expressão é uma generalização feita a partir da constatação de que vários estudiosos da temática étnica

* UFRGS.

** UERGS.

¹ Sobre o assunto, ver Weber (2014).

referiam, em suas pesquisas, a ação de personagens que eles denominam “intelectuais”. A expressão tem se mostrado recorrente em estudos sobre afrodescendentes, destacando, portanto, o “intelectual negro”, e, neste sentido, as observações de Guimarães (2004, p. 281) para esclarecer seu uso da expressão, ainda que bastante breves, são pertinentes às abordagens deste artigo: “A palavra ‘intelectuais’, por seu turno, será usada no sentido de liderança moral, cultural e política, à maneira de Gramsci”. Em outra passagem, o autor esclarece que este sentido gramsciano identifica os “pequenos intelectuais”, distinguindo-os dos “grandes intelectuais negros”, pois estes últimos fazem cultura no sentido universalista do termo, enquanto os primeiros afirmam sua cultura de origem como diversidade cultural. É este o sentido do termo “intelectual” empregado neste artigo, destacando operações mentais e práticas que afirmam uma cultura da qual são egressos aqueles que as manifestam.

Retomando brevemente o panorama da ação étnica polonesa do início do século XX até a década de 1970 (WEBER, 2015), este artigo, que observa as últimas décadas do século XX e a primeira década do século XXI, aponta, a par da continuidade da presença vicentina, a projeção de membros da Sociedade de Cristo (*Towarzystwo Chrystusowe*), e seu protagonismo na Missão Católica Polonesa no Brasil; a criação da entidade nacional BRASPOL; e os intercâmbios com universidades polonesas.

Em várias passagens deste artigo, referindo-se a instituições ou personagens poloneses católicos, serão apontadas ações que “extrapolam” ou estão “além” do universo religioso. Tais afirmações são uma ênfase de que o texto se propõe, justamente, abordar iniciativas de religiosos que se situam em esferas que não são as das práticas doutrinárias, ritualísticas e assistenciais que operam no

universo do espiritual. Estas ações, longe de serem extemporâneas às entidades religiosas, são recorrentes e longevas. Referindo-se às características da política ultramontana de Roma para o Brasil de fins do século XIX e princípio do seguinte, Ernesto Seidl (2004, p. 85) conclui que “a perspectiva de um mercado praticamente inexplorado à realização de empreendimentos eclesiásticos os mais variados punha o Brasil na linha de expansão do catolicismo romanizado e de novas congregações ‘empreendedoras’”. Os “empreendimentos” eclesiásticos “variados” conduziram, no início do século XX, em Porto Alegre, a “círculos de intelectuais católicos”, em torno de religiosos “intelectualmente notáveis” (SEIDL, 2004, p. 129).

O termo “polônico” é um jargão utilizado contemporaneamente em denominações e textos da própria comunidade de poloneses no Brasil, e, tudo indica, serve para evitar tanto a dubiedade de “polonês”, que remete a uma nacionalidade não partilhada por descendentes de imigrantes, como às polêmicas em torno ao uso do termo “polaco”, o qual, em determinadas situações foi carregado de conotações negativas.² Significado diferente tem “polonidade” (eventualmente, “polonismo”), que tem um caráter de conceito, correlato a “germanidade” e “italianidade”.

Ação étnica católica

Segundo dados disponíveis, em final do século XX, trabalhavam no Brasil em torno de três centenas de padres

² Ulisses Iarochinski (2003), ao mesmo tempo em que mapeia as circunstâncias históricas que, no Brasil, foram revestindo o termo “polaco” de significados negativos, propõe, em uma clara postura de afirmação étnica, que se volte a utilizar o termo como sinônimo de “polonês”, o qual, segundo o autor, é seu significado original.

poloneses (MALCZEWSKI, s/d). O catolicismo polonês, em vários momentos históricos, esteve associado a movimentos de resistência política, seja no período de domínio por potências vizinhas, Áustria, Rússia e Prússia, das quais apenas a primeira era católica, seja a partir do momento em que o regime comunista é implantado sob a tutela da União Soviética. A ação dos missionários poloneses, que vieram ao Brasil desde o final do século XIX, foi reforçada pela criação da Missão Católica Polonesa no Brasil, a pastoral dos imigrantes poloneses no país, por ato papal em 1952. O primeiro reitor da Missão foi um religioso da Congregação da Missão (*Congregatio Missionis*), nome da ordem dos vicentinos.

Entre os meios pelos quais os vicentinos deram suporte à rede de relações que se estabeleceu entre as entidades religiosas e personagens laicos vinculados entre si pelo pertencimento étnico, estão suas iniciativas no âmbito editorial e de manutenção de acervos históricos.³ Realizaram paciente trabalho de arquivistas e historiadores, recolhendo e produzindo uma documentação que atualmente se encontra em sua sede em Curitiba e na sede-matriz, em Cracóvia, beneficiando os pesquisadores contemporâneos tanto no Brasil quanto na Polônia. Citando um exemplo, veja-se o registro biográfico do Pe. Francisco Chylaszek, que faleceu no Brasil em 1942: “A sua vasta correspondência conservada nos Arquivos de Cracóvia e Curitiba dá provas de seus horizontes amplos e abertos para o futuro, dos seus planos e de suas realizações” (BIERNASKI, 2003, p. 21). Um dos primeiros historiadores acadêmicos a utilizar o acervo vicentino foi Ruy Wachowicz, neto de imigrantes poloneses, o qual, no final da década de 1960, integrava o corpo docente do curso de história da Universidade Católica do Paraná e apresentava suas

³ Maiores detalhes sobre a atuação vicentina estão em Weber (2015).

pesquisas sobre poloneses na recém fundada Associação Nacional dos Professores Universitários de História, a ANPUH (WACHOWICZ, 1969). Na década de 1970, Wachowicz tornou-se professor da Universidade Federal do Paraná, realizando pesquisas sobre imigração polonesa para o Brasil até sua morte, no ano 2000, sempre contando com o acervo vicentino.

Atuando como uma espécie de curador deste acervo está o Padre Ladislau Biernaski, que, em 1978, quando foi publicado o livro *75 Anos da Presença dos Padres Vicentinos*, era o Superior Provincial da Congregação, e foi o autor da Apresentação e provável coordenador da equipe de pesquisa da referida obra. Biernaski configura um “guardião da memória”⁴, tanto religiosa quanto étnica, pois redige memórias dos vicentinos poloneses e preserva um acervo sobre imigração polonesa, o qual é franqueado aos pesquisadores. Os vicentinos continuariam a ter presença entre os imigrantes poloneses nas últimas décadas do século XX, mesmo com a redução dos missionários após a década de 1950. Entretanto, na liderança étnico-religiosa (polonesa e católica), observa-se o crescente protagonismo da Sociedade de Cristo.

A congregação religiosa que, a partir de 1968, adota o nome de Sociedade de Cristo Para os poloneses Emigrados, foi fundada pelo Primaz da Polônia, em 1932, com a finalidade do ministério pastoral entre os emigrados poloneses, e, segundo Malczewski (2000, p. 74-75), seus membros corresponderiam, no final do século XX, a um quinto dos padres poloneses que exerciam ministério no Brasil, trabalhando em prol dos fiéis de ascendência polonesa, seja se inserindo na estrutura de igrejas

⁴ A expressão é tomada de Seidl (2004), que situa o “guardião da memória” entre os “letrados” da Igreja católica, vinculados à imigração alemã ou italiana.

locais, seja promovendo pastorais. Trata-se, portanto, de uma ordem religiosa fundada em um estado nacional contemporâneo e voltada a populações dele egressas. A chegada dos missionários às paróquias de Dom Feliciano e Guarani das Missões, no Rio Grande do Sul, em 1958, marca o início das atividades no Brasil e na América do Sul.

Vários acontecimentos sinalizam que a década de 1970 presenciou um crescimento da força institucional da Sociedade de Cristo. Sua sede foi transferida para Curitiba em 1971, onde foi construída uma casa Provincial, que serviria de sede à Província da América do Sul (Província de Nossa Senhora Imaculada), que compreende a atividade pastoral no Brasil, Argentina e Uruguai, cujo decreto de ereção foi assinado em dezembro de 1977 (MALCZEWSKI, 2007). Em 1973, a reitoria da Missão Católica Polonesa no Brasil, por indicação do Primaz da Polônia, passou a ser ocupada por um membro da Sociedade de Cristo.

Os párocos da Sociedade de Cristo participaram ativamente de movimentos de emancipação de localidades habitadas por população de origem polonesa, como Dom Feliciano, emancipado em 1963, e Áurea, emancipada em 1987 (MALCZEWSKI, 2002, p. 124, 129). Os novos municípios resultantes destes atos políticos têm uma forte demarcação étnica, o que potencializou tanto a ação da congregação religiosa polonesa quanto as manifestações culturais laicas de viés étnico. Outra ação política que mobilizou a coletividade polonesa do Rio Grande do Sul foi a manifestação, no início dos anos oitenta, contra a construção da barragem Machadinho, que faria submergir Carlos Gomes (outrora denominada Nova Polônia), localidade cuja paróquia era administrada por padres da sociedade (id., p. 128).

A afirmação de um caráter “polonês” à ação da Sociedade de Cristo é aspecto previsto pelo próprio estatuto

da congregação, o que encontraria obstáculos no enfraquecimento do idioma polonês ao longo das sucessivas gerações, na dispersão da comunidade polonesa nas cidades grandes e na própria integração dos imigrantes na sociedade local, que contribuiu para o esquecimento de muitas tradições polonesas.¹¹⁵ Mesmo que o endosso da “herança cultural pátria” fosse, para os padres da Sociedade de Cristo, apenas um meio para atingir a meta da evangelização, o fato é que eles, de modo semelhante a missionários e missionárias de outras ordens que os precederam, contribuíram para fomentar uma identidade étnica na América, ao intensificar o exercício de costumes religiosos poloneses e incentivar manifestações culturais tais como associações, grupos folclóricos, ensino de língua polonesa e manutenção de programas radiofônicos específicos poloneses. Esta “postura patriótica” obteve o reconhecimento do Estado polonês, que concedeu a Cruz da Ordem do Renascimento da Polônia⁶ a quatro padres da Sociedade em atividade na América do Sul.

Além de ocupar espaços (clericalis e sociais) anteriormente abertos por outras congregações religiosas polonesas, a Sociedade de Cristo abriu novos espaços sociais, o que é visível nas realizações centralizadas pela sede provincial em Curitiba. O incentivo à fundação da Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil, a BRASPOL, e o estabelecimento de vínculos com universidades da Polônia,

⁵ A dificuldade de realizar a pastoral em língua polonesa, num país que já estaria na sétima geração de imigrantes, teria motivado críticas de que as tarefas da Congregação não estariam sendo cumpridas na Província Sul-Americana (MALCZEWSKI, 2007).

⁶ Ordem da *Polonia Restituta* ou Ordem da Polônia Renascida, é uma das mais altas condecorações da Polônia. Foi criada em 1921, logo após o renascimento da Polônia (Segunda República).

que resultou, por exemplo, na edição da revista *Projeções*, aproximou o clero polonês das esferas laicas.

A BRASPOL

A Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil – BRASPOL – constitui um caso onde é intenso o peso dos elementos religiosos em uma entidade federativa de cunho étnico. A propensão dos missionários poloneses a incentivar manifestações de “polonidade” justifica-se tanto pelo fato de o catolicismo na Polônia ter adquirido uma marca “nacional”, pois ali a recorrente contraposição católica à ideologia comunista era reforçada pelo viés antirruso, quanto, sobretudo, pelo fato de a maior parte de seus fiéis serem descendentes de imigrantes poloneses. Se “o componente religioso como elemento central na elaboração da identidade social” (SEIDL, 2004, p. 89) de comunidades camponesas é recorrente, determinadas circunstâncias históricas vieram realimentar esta associação na década de 1980 entre os poloneses urbanos e rurais do Sul do Brasil.

A eleição, em 1978, de Karol Wojtyła, para o cargo de Sumo Pontífice, cujo longo pontificado, como Papa João Paulo II, se prolongou até 2005, viria a reforçar a influência religiosa sobre os descendentes de imigrantes poloneses em vários lugares do mundo, contribuindo, ao mesmo tempo, para fomentar sua identidade étnica, o que fica bastante visível na América meridional. O jornal polonês *Lud*, fundado pelos vicentinos na década de 1920, destacava que o “novo papa da igreja universal” era “de nacionalidade polonesa e advindo de um país onde imperava o comunismo” e assinalava sua trajetória religiosa em Cracóvia, cidade sede da congregação

vicentina.¹²⁷ Em sua viagem ao Brasil, em 1980, Curitiba foi a capital escolhida para um “Encontro das Etnias”, e, na “Santa Missa”, onde a pregação versaria sobre a contribuição dos imigrantes, os poloneses e ucranianos teriam em torno a mil representantes, conjunto três vezes maior que o dos italianos ou dos alemães.⁸ João Paulo II evitava apresentar-se como um papa “polonês”, o que fica explícito na “Mensagem do Papa à etnia polonesa”, publicada pelo *Lud*; contudo, o jornal polonês não deixava de destacar que Wojtyła era “o primeiro papa polonês”.⁹ Considerada um “renascimento do polonismo” (SIUDA-AMBROZIAK, 2000, p. 97), a fundação da BRASPOL é situada no contexto da vinda do papa ao Brasil (WACHOWICZ, 2000, p. 123), ainda que efetivamente fundada uma década após este acontecimento.

Na década de 1980, a fundação do movimento Solidariedade, contemporâneo à abertura política no Brasil, trouxe a Polônia novamente para os noticiários internacionais brasileiros. Mesmo sendo um movimento de resistência civil, ele não deixou de ter o apoio católico, pois se tratava de resistir ao governo comunista. O jornal *Lud*, editado em Curitiba e distribuído em outros estados do Brasil, publicava periodicamente a coluna “Um Caminho de Esperança”, assinada pelo sindicalista Lech Wałęsa, líder do *Solidarność*.¹⁰

Entidades federativas polonesas, reunindo associações de vários locais e regiões do Brasil, existiram em vários momentos, com destaque para as associações escolares e de

⁷ *Lud*, “João Paulo II, o novo papa da Igreja” 24/10/1978, nº 3.600.

⁸ *Lud*, “Visita do Papa”, 03/06/1980, nº 3.679.

⁹ *Lud*, “Mensagem do Papa à etnia Polonesa”, 08/07/1980, nº 3.684; *Lud*, “O primeiro papa polonês”, 1º/07/1980, nº 3.683, p. 10.

¹⁰ Veja-se, por exemplo, a edição de 19 de dezembro de 1989, p. 7, que contém a coluna de número 64.

agricultores.¹¹ Não eram unicamente religiosas, no entanto os registros indicam a recorrente presença dos vicentinos nas organizações das primeiras décadas do século. Em 1989, um ano antes da fundação da BRASPOL, foi criada a Federação das Associações Étnico-Polonesas do Brasil – POLBRAS, a qual, a deduzir das informações disponíveis, tinha um caráter mais laico. Sua origem foi a Sociedade União Juventus (antiga JUNAK), fundada no final do século XIX no dia 3 de maio, considerada data nacional da Polônia.¹³ As duas entidades coexistiram durante a década de 1990, sendo a POLBRAS a responsável pela organização do II Congresso Polônico da América Latina, em Curitiba, em 1996.

A BRASPOL resultou da convergência de ações da Missão Católica Polonesa no Brasil, cujo reitor – Benedykt Grzymkowski, pertencente à Sociedade de Cristo –, após três anos de “contatos insistentes”, obteve adesão à ideia de construção de uma entidade representativa, e da Congregação da Missão (vicentinos), que acolheu as reuniões do final da década de 1980 em sua sede de Curitiba. Ainda que resultante de mobilização de religiosos, estas reuniões iniciais contaram com a presença de personagens laicos, entre os quais os irmãos Rízio Wachowicz, que fora atuante na Sociedade União Juventus, e Ruy Wachowicz, então professor universitário vinculado à Universidade Federal do Paraná, cuja reitoria cedeu seu auditório para a realização da assembleia de fundação em janeiro de 1990.¹⁴ No ano de 2008, a entidade

¹¹ É possível mapear as associações através de seus periódicos, cuja existência foi registrada por Pitoń (1971).

¹³ “A unidade enfim”, *Lud*, n. 1181, 10/07/1990; “Na data nacional da Polônia, o 92º aniversário da União Juventus”, *Lud*, 12/06/1990, p. 7-8.

¹⁴ Neste mesmo ano teria início a Terceira República Polonesa, com a eleição de Lech Wałęsa para a presidência do país.

somava 334 comunidades que contavam com um núcleo vinculado à central. Esta vinculação religiosa e laica, reconhecida pelos estatutos da Representação Central ¹⁵, permanece atualmente, dispondo sua página virtual de vinhetas que destacam assuntos religiosos e personagens de clero. Um dos seus fundadores e ex-presidente, Rízio Wachowicz (2000, p. 123), afirmou que as entidades a ela filiadas contribuem na “conservação da Cultura, Fé e Identidade étnica da coletividade polônica no Brasil”.

Perfil semelhante, congregando líderes laicos e religiosos, terá a USOPAL, União das Sociedades e Organizações Polonesas na América Latina, fundada em novembro de 1993, durante o I Congresso Polônico na América Latina, realizado em Buenos Aires e Montevideú, cujos cargos de presidente e vice-presidente, no ano 2000, eram ocupados, respectivamente, pelo cônsul honorário do Uruguai e pelo Reitor da Missão Católica no Brasil, Benedykt Grzymkowski, o incentivador da BRASPOL (DEMBICZ, MALINOWSKI, 2000, p. 126-127). Os Congressos Polônicos seguintes ocorreram em Curitiba (1996), Punta del Este (1998) e novamente em Curitiba, em 2000. João Paulo II, que sempre se mostrou atento a seus conterrâneos em diáspora, em sua maioria católicos, enviou mensagem aos participantes deste IV Congresso Polônico da América Latina, organizado pela BRASPOL em Curitiba. ¹⁶

A BRASPOL, dentre suas atuações, apoiou a edição de obras relativas à memória da imigração polonesa, como o

¹⁵ Art. 5º - Da BRASPOL poderão tomar parte: [...] b) As Organizações Cíveis e as Entidades Religiosas oriundas da comunidade polono-brasileira ou a ela ligadas, e que se disponham a cumprir o presente Estatuto (BRASPOL, Estatuto, disponível em <http://www.braspol.org.br>, acesso em 26/03/2014.

¹⁶ Ver *Projeções*, n. 3, v. II/1, 2000, p. 100.

estudo sobre um núcleo de imigrantes poloneses em Santa Catarina (SCHALINSKI, RODYCZ, 2002) e a narrativa de Thaís Wenczenovicz (2010) sobre crianças polonesas. A entidade também tem contribuído na divulgação de publicações neste gênero. O papel da BRASPOL na afirmação de uma identidade étnica polonesa no Brasil foi tema de pesquisa sociológica acadêmica, conduzida por Elżbieta Budakowska (2014), da Universidade de Varsóvia. Em suas passagens por Porto Alegre, em 2012 (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS) e em 2014 (Feira do Livro), as palestras da autora tiveram tradução de um membro do núcleo local da Braspol, o que aponta uma interface entre um movimento étnico e atividades de cunho cultural-científico.

Publicações e Intercâmbios acadêmicos

No início da década de 1970, os *Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa*, que divulgaram memórias e documentos sobre a imigração polonesa, os quais se constituíram numa preciosa fonte para os estudos sobre o tema acessível em português, foram resultado da colaboração de intelectuais e padres, sobretudo vicentinos, que se dedicavam ao registro histórico das comunidades camponesas e urbanas de imigrantes poloneses (WEBER, 2015). No final da década de 1990, esta parceria entre leigos e religiosos também estará presente na edição de uma revista periódica e no estabelecimento de intercâmbios com universidades polonesas. Como foi comentado acima, a partir dos anos 1970, o protagonismo religioso polonês projetou membros da Sociedade de Cristo. Para as iniciativas de cunho mais intelectual da década de 1990, o destaque é Zdzislaw

Malczewski. A trajetória de Zdzislaw Malczewski SChr¹⁷, desde que chegou ao Brasil em 1979, tem passado pela ocupação de diferentes posições, que indicam a amplitude de ação do clero voltado ao imigrantes: sacerdote, provincial, reitor e editor.

O sacerdote que chegou ao Brasil em 1979, com 29 anos, esteve no Rio Grande do Sul nos primeiros dez anos de sua atividade missionária, atuando posteriormente como pároco no Rio de Janeiro e, a partir de 2004, em Curitiba.¹⁸ Paralelamente, dedicou-se a atividades que vão definindo um perfil intelectual, extrapolando o âmbito religioso propriamente dito. Seu retorno à Polônia, para cursar doutorado em Ciências Humanas na área de História na Universidade Adam Mickiewicz em Poznań¹⁹, concluído em 1995 com uma tese sobre a presença polonesa no Rio de Janeiro, foi um passo significativo neste sentido, pois granjeia legitimidade acadêmica a outras atividades às quais Malczewski vinha se dedicando, tais como colaborador do Instituto Biográfico Polônico na França e, em instâncias da Igreja, correspondente permanente da Rádio Vaticano (desde 1991), colaborador da Agência Católica de Informações em Varsóvia (1995-1999).

¹⁷ Como é usual entre clérigos que pertencem a uma ordem religiosa, Malczewski assina seu nome com um complemento que identifica sua congregação.

¹⁸ As informações que seguem foram retiradas, salvo outra indicação, do livro *Perfis Polônicos no Brasil* (WACHOWICZ, MALCZEWSKI, 2000, p. 246) e do site da *Polonicus* (<http://www.polonicus.com.br/site/>), organizado pelo próprio Malczewski.

¹⁹ Poznań, onde se encontra a Casa Central da Sociedade de Cristo, tem também o Seminário Maior (Seminário Estrangeiro) da Sociedade de Cristo, onde Malczewski fez sua formação religiosa (MALCZEWSKI SChr, 2007).

Em 1995, Malczewski passou a ocupar o cargo mais importante da Sociedade de Cristo na América do Sul, o de “Provincial”, mantendo-se nesta função até 2004. Em 1996, recebeu, juntamente com seu companheiro mais velho de congregação Benedykt Grzymkowski, a Cruz da Ordem do Renascimento da Polônia, outorgada pelo presidente da República da Polônia. Foi durante a gestão de Malczewski como provincial que foi fundada, em 1999, a revista *Projeções*, dedicada aos “estudos polono-brasileiros”, como uma parceria da Sociedade de Cristo com o Centro de Estudios Latinoamericanos (CESLA), da Universidade de Varsóvia e com a BRASPOL. Malczewski foi sempre o editor (redator-geral) da revista.

Em 2009, Malczewski assumiu o cargo de reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil²⁰, função que ocupa até o presente momento, acumulando com a de pároco em paróquia de Curitiba. É durante sua gestão como reitor que foi criada, em 2010, a *Polonicus*²¹ – Revista de reflexão Brasil-Polônia, que sucede a *Projeções*, encerrada no ano anterior. Houve mudança nos financiadores da revista, agora editada unicamente pela Missão Católica, mas o cargo de redator-geral permanece com Malczewski, que foi incentivado por intelectuais polônicos e leigos vinculados à Missão Católica Polonesa no Brasil, a continuar seu trabalho editorial (MALCZEWSKI, 2010, p. 11).

²⁰ Enquanto os reitores anteriores foram nomeados por cardeal da Santa Sé (1952) e pelo Primaz da Polônia (1973), a indicação de Zdzislaw Malczewski SChr ocorreu por meio de relações entre os episcopados da Polônia e do Brasil.

²¹ *Polonicus* é o nome tanto da revista, quanto do site onde a mesma está disponível, no qual são divulgadas também notícias e artigos, alguns deles extraídos de edições da *Polonicus*. O próprio Malczewski é o editor do portal e autor de vários textos ali divulgados.

Sua atuação como escritor e pesquisador obteve reconhecimento de instituições não religiosas, nas quais é admitido como membro: Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, Conselho Mundial de Pesquisas sobre os Poloneses no Exterior, Associação Mundial de Herança Cultural da Comunidade Polônica, União dos Escritores Poloneses no Exterior (Londres), e Academia de Literatura Polonesa e Eslava Adam Mickiewicz (fundada em 1897 em Bolonha e reativada em 1973, em Lublin) (MALCZEWSKI, 2008). Malczewski pode ser situado numa tradição dos religiosos que foram historiadores amadores, e vai além, pois, revelando sua formação acadêmica de historiador, e seu trânsito por universidades europeias, contextualiza o estabelecimento de vínculos com universidades da Polônia, por parte da Sociedade de Cristo, como uma promoção de pesquisas e publicações “científicas”:

Além de desenvolver a atividade pastoral, a nossa Província promove uma cooperação regular com a Universidade de Varsóvia e a Universidade Jagiellônica²² de Cracóvia na área do desenvolvimento de pesquisas científicas a respeito dos núcleos polônicos no Brasil. Como resultado dessa atividade, foram publicados trabalhos científicos de pessoas que na área da Província realizaram as suas pesquisas (MALCZEWSKI, 2007).

Ele é, sem dúvida, um “intelectual étnico”. Por suas iniciativas (editor, pesquisador, vínculos com pesquisadores universitários), conjugadas à sua formação acadêmica em ciências humanas, ele se aproxima do intelectual acadêmico,

²² Uma das primeiras teses concluídas por um descendente de imigrante de poloneses do Rio Grande do Sul foi a de Bernardete Popoaski, que se doutorou em 1998 na Universidade Jagellônica da Cracóvia.

ou seja, dos intelectuais no sentido estrito do termo. E, por atuar em instituições vinculadas a um grupo étnico específico, e por se destacar por um papel de liderança na produção discursiva sobre este grupo, ele constitui um intelectual “étnico”. A forma como é apresentada aos leitores a revista *Polonicus* (que sucede a *Projeções* em 2010), corrobora esta interpretação, pois, além de situá-la na longa lista de jornais e revistas poloneses no Brasil existentes desde 1892, enfatiza que “nossa nova publicação pretende igualmente entrar na linha dos periódicos de natureza científica cujo objetivo tem sido apresentar a história e as conquistas da coletividade imigratória e polônica no Brasil” (MALCZEWSKI, 2010, p. 11). A trajetória de Malczewski exemplifica um caso de “agentes religiosos cuja relação com a ‘cultura’ e as instâncias produtoras de bens culturais, notadamente o universo editorial, lhes consolidaram posição estratégica no seio da esfera intelectual” (SEIDL, 2004, p. 282).²³

Intelectuais leigos vinculados à imigração polonesa também têm sido muito atuantes, como é o caso de Ruy Wachowicz, anteriormente comentado, e do lexicógrafo e tradutor Mariano Kawka, filho de imigrantes poloneses, o qual já na década de 1970 havia participado na publicação dos *Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa* e, na década de 1980, além de colaborar com o jornal vicentino *Lud*, foi o autor de dicionários (português/ polonês e polonês/português)

²³ Entretanto, a faceta “étnica” obscureceu a faceta “intelectual” na crítica feita pelo missionário a dois pesquisadores não “poloneses”, a autora de uma tese de doutorado, que expõe preconceitos sofridos pelos poloneses, e seu orientador, que comenta a produção bibliográfica sobre a imigração polonesa. Uma visão parcial da polêmica pode ser localizada no blog de René Gertz, disponível em <http://www.renegertz.com/noticias/notas/62-diferenca>, aceso em 18/06/2015.

(WACHOWICZ, MALCZEWSKI, 2000, p.168). Henrique Siewierski, professor do Instituto de Letras da Universidade Federal de Brasília, que emigrou para o Brasil em 1986, por sua contribuição para a popularização no Brasil do conhecimento da literatura polonesa, recebeu a medalha de mérito concedida pelo Ministério da Cultura da Polônia (WACHOWICZ, MALCZEWSKI, 2000, p. 348). Wachowicz, Kawka e Siewierski, entre outros, comparecem como autores e conselheiros editoriais ou consultivos nas revistas *Projeções* e *Polonicus*, sedimentando a rede de relações entre intelectuais laicos e religiosos que, direta ou indiretamente, contribui para a afirmação de uma identidade étnica polono-brasileira.

Mais recentemente amplia-se a presença de autores leigos nas publicações sobre imigração polonesa e nas reflexões sobre questões de identidade étnica e, dentro destas publicações, têm crescido o número daquelas que são resultados de pesquisas desenvolvidas em âmbito acadêmico (WEBER; WENCZENOVICZ, 2012).

Os primeiros programas de intercâmbios internacionais, os quais conectaram universidades de Varsóvia e Cracóvia com os meios acadêmicos de Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo, iniciaram em meados da década de 1990; e, no ano 2000, foram assinados acordos de cooperação entre a Universidade de Varsóvia e três universidades brasileiras, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e a Universidade Federal do Paraná (DEMBICZ, 2000, p. 45). Nestas parcerias internacionais, o Centro de Estudos Latino-Americanos (CESLA) é a instituição polonesa mais evidente nas décadas em foco. Criado nos últimos anos do regime comunista, em 1988, “quando Polonia experimentaba una época de acelerados cambios sistémicos”, o Centro tinha como uma das suas

principais atividades “La investigación científica a través de proyectos individuales de nuestros cuadros así como programas nacionales e internacionales”²⁴, e se inseria num quadro de outros centros de estudos regionais da Universidade de Varsóvia, como os encarregados das pesquisas sobre os continentes asiático e africano (KUCZKOWSKI, 2012, p. 91). Em 2004 firmou-se um acordo entre o Mestrado de Integração Latino-Americana (MILA) da Universidade Federal de Santa Maria e o CESLA, durante a realização do Simpósio Internacional Fronteiras na América Latina: Desenvolvimento e Integração, promovido pela parceria de ambas as instituições (KUCZKOWSKI, 2012, p. 95).

O que este artigo busca destacar é que os intercâmbios acadêmicos entre o Brasil e a Polônia, mesmo que não privilegiem os descendentes de poloneses ou aqueles que estudam temáticas relativas à Polônia²⁵, têm o efeito de potencializar a ação étnica da comunidade emigrada. Neste sentido destaca-se que em uma de suas viagens de pesquisa ao Brasil, Andrzej Dembiczy, fundador e principal incentivador do CESLA, sugeriu a parceria desta instituição com a Província Sul-Americana da Sociedade de Cristo que resultou na fundação da *Projeções*, editada conjuntamente por CESLA,

²⁴ Ver América Latina Portal Europeo, disponível em <http://www.red-redial.net/centro-de-investigacion-1093.html>. O CESLA de Varsóvia não é o primeiro nem o único centro de estudos sobre América Latina da Polónia. Um dos mais antigos foi o Instituto de Historia da Academia de Ciencias de Polonia (Polska Akademia Nauk - Instytut Historii), que, na década de 1970 editava a revista *Estudios Latinoamericanos*, posteriormente (1995) editada pela Sociedade Polonesa de Estudos Latino-americanos (Polskie Towarzystwo Studiów Latynoamerykanistycznych).

²⁵ Veja-se, por exemplo, os eixos temáticos do CESLA descritos por Claudio Kuczowski (2012, p. 96), que fez intercâmbio na Polónia.

BRASPOL e Missão Católica, como visto acima.²⁶ Dembicz, que faleceu em 2009, coordenava um grupo de pesquisa sobre a presença polonesa na América Latina (KUCZKOWSKI, 2012, p. 97). Em termos dos pesquisadores participantes dos intercâmbios, pode-se citar Regina Przybycien, que atua em Literatura Comparada (Literatura norte-americana, brasileira e polonesa) e que desde 2009 é professora visitante de Literatura Brasileira na Universidade Jagiellônica de Cracóvia.²⁷

Outras instituições da Polônia que têm recebido estudantes brasileiros ou onde atuam pesquisadores que realizam viagens de estudos no Brasil são o Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos da Universidade de Varsóvia, onde atuam Jerzy Mazurek (Departamento de Língua e Cultura Luso-brasileira) e Krzysztof Smolana (Departamento de História de Cultura da Espanha e Ibero América)²⁸ e o Museu da História do Movimento Popular Polonês, também em Varsóvia, que, conjuntamente, editaram uma coletânea com textos de Mazurek (2009) e dois pesquisadores da imigração polonesa para o Brasil, Márcio de Oliveira (UFPR) e Thaís J. Wenczenowicz (UERJ). O Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos também foi

²⁶ Projeções, “Editorial”, v.X/1, n.17, 2008. O financiamento de instituições universitárias polonesas para a edição de periódico deixou de existir, o que deve ter contribuído para o fim da *Projeções*; entretanto, sua sucessora, a *Polonicus*, conta com acadêmicos poloneses no Conselho Consultivo.

²⁷ CNPQ, Currículo Lattes, Regina Maria Przybycien. Disponível em <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4787878U0#ProducaoBibliografica>. Acesso em 29/05/2015.

²⁸ Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos da Universidade de Varsóvia (Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich Uniwersytetu Warszawskiego). Disponível em <http://iberystyka-uw.home.pl/content/view/123/120/lang,pt/>, acesso em 29 de maio de 2015.

responsável pela edição bilingue do livro *Marcas da Presença polonesa no Brasil*, de Malczewski (2008). O Estado Polonês da Terceira República também esteve presente nestes intercâmbios; várias edições da revista *Projeções* receberam subsídios dos Consulados da República da Polônia (Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro).

Trocas intelectuais incentivam a realização de congressos, do que é exemplo o Simpósio Internacional da Etnia Polonesa no Brasil, realizado na Universidade Regional Integrada, em Erechim (RS), em 2001, cujas palestras principais foram publicadas em uma edição da revista *Projeções* de 2002. Esta fermentação nas décadas recentes deu ensejo às edições do evento denominado Vitrine Literária Polônica no Brasil, cuja primeira edição ocorreu em Curitiba em 2007, com organização da BRASPOL e do Consulado Geral da Polônia ²⁹ Como pode ser visto pela programação da terceira edição do evento³⁰, realizada em Porto Alegre, sob os auspícios do núcleo local da BRASPOL e com o apoio do Consulado Geral da Polônia (Curitiba) e da Sociedade Polônia de Porto Alegre, o evento reuniu pesquisadores acadêmicos e pesquisadores e agentes culturais não vinculados a instituições universitárias.

Comentários finais

É perceptível a existência de uma rede laico-religiosa polonesa no final do século XX, centralizada por instituições

²⁹ Ver o portal Polonicus – Atividades, disponível em <http://www.polonicus.com.br/site/atividades.php>. Acesso em 29 maio de 2015.

³⁰ III Vitrine Literária Polônica. Disponível em https://3avitrineliterariapolonica.files.wordpress.com/2011/11/programa_novissimo.jpg, acesso em 29 de maio de 2015.

religiosas com sede em Curitiba, com alcance em outros estados e crescentes vínculos com instituições universitárias da Polônia. Mesmo com este acento clerical, o fenômeno não deixa de refletir o aumento das classes médias urbanas oriundas da imigração. Os intelectuais, a despeito de sua vocação laica, beneficiam-se destas redes, seja pelo acesso a fontes de pesquisa, seja pela publicação de artigos, ou ainda pela facilitação de intercâmbios acadêmicos.

A presença do clero, institucionalmente organizado, é longa entre os imigrantes poloneses no Brasil, cujo caso exemplar é atuação vicentina desde o início do século XX. Entre outros fatores, a ênfase organizacional e a estrutura hierárquica da Igreja favorece a coesão do clero enquanto grupo social. Vários religiosos poloneses dedicaram-se e dedicam-se, para além de suas atividades clericais, à produção de textos de pesquisa em ciências humanas, espaço que, em sociedades ocidentais modernas, foi crescentemente ocupado por personagens laicos, em que pese o fato de as instituições religiosas nunca terem deixado a esfera da educação. Este fenômeno não é peculiaridade dos poloneses no Sul do Brasil, haja vista a longa parceria de intelectuais acadêmicos com religiosos, que podem também ser professores universitários, em favor de estudos sobre imigração italiana e na promoção de uma “italianidade” no Rio Grande do Sul (MOCELLIN, 2008). O caso polonês, entretanto, apresenta algumas peculiaridades que foram, neste artigo, relacionadas à história da Polônia. O revigoramento da identidade polonesa na América a partir da eleição de Karol Wojtyła para o papado continuou a ter desdobramentos, refletindo-se, por exemplo, na criação do Centro de Estudos Polono-Brasileiros Karol

Wojtyła (CEKAW), vinculado à Sociedade Polônia de Porto Alegre, o qual, desde 2007 edita a *Revista Cekaw*.³¹

Esta imbricação entre o campo científico e o religioso demanda explicitar outro pressuposto que motiva estas reflexões, o qual diz respeito ao “distanciamento” como uma condição *sine qua non* da pesquisa científica. Distanciamento não apenas com relação a doutrinas religiosas ou políticas, mas diante de representações e imagens que devem ser problematizadas quando o que está em questão são as formulações étnicas. Os estudos étnicos conduzidos por imigrantes ou descendentes de imigrantes são favorecidos pelo fato de os “oriundi” serem melhor recebidos nas comunidades; por outro lado, isso acarreta mais compromissos, que são maiores no caso de os observadores serem sacerdotes.

Pesquisadores acadêmicos podem depender da mediação de religiosos para acesso a fontes, tanto documentos paroquiais, quanto acesso a fontes orais, no caso de comunidades do interior, nas quais os párocos são os elos de ligação com o campesinato oriundo da imigração. O relato abaixo foi feito por uma pesquisadora do Centro de Estudos Latino-Americanos (CESLA) da Universidade de Varsóvia, que foi coeditora da revista *Projeções*:

Durante minha estada no Brasil, tais encontros foram facilitados sempre pelos párocos locais da Sociedade de Cristo para a Comunidade Polônica, cuja ajuda na condução das pesquisas foi inestimável. Aproveitamos não só a sua hospitalidade, mas também os arquivos paroquiais, onde se encontram valiosas fontes de informação para o

³¹ Ver Centro de Estudos Polono-Brasileiros Karol Wojtyła [website], disponível em: <http://www.poloniapoa.org/revista.php>.

tema da chegada, da colonização e da sorte dos primeiros emigrantes poloneses (SIUDA-AMBROZIAK, 2000, p. 93).

A mediação dos religiosos no acesso a fontes escritas opera pelo menos de três modos: 1) na autorização do acesso a documentos paroquiais locais, como citado pela pesquisadora acima; 2) no acesso à documentação burocrática das organizações religiosas; 3) no acesso a acervos históricos mantidos por congregações. No que tange a acervos, os vicentinos dispõem de fontes preciosas até os dias de hoje porque, além de uma organização arquivística determinada hierarquicamente, sempre houve entre eles padres dispostos ao registro memorialístico, e outros com perfil característico de historiador (WEBER, 2015). Instituições religiosas com vínculos transnacionais, com sedes em países europeus favorecem intercâmbios, como ocorreu na mediação entre a Sociedade de Cristo e o CESLA.³² Missionários que transitam entre um continente e outro possuem um recurso para acesso a fontes que nem sempre está ao alcance dos descendentes de imigrantes, principalmente no caso de línguas não latinas, como ocorre com o polonês: o domínio do idioma em que estão redigidos documentos históricos importantes.

Concluindo, este artigo tentou apresentar ao leitor uma dada realidade, interpretando-a a partir de múltiplos fatores, assinalando circunstâncias históricas longínquas e outras mais próximas que redundam em configurações cujo traçado nem sempre é óbvio. O estreito contato dos padres com membros das comunidades às quais prestam assistência espiritual os predispõe à reflexão, e suas funções os aproximam de registros documentais das paróquias ou

³² Sobre intercâmbios em benefício do estudo da imigração italiana no Sul do país, envolvendo instituições religiosas gaúchas e fundações da Itália, ver Mocellin (2008).

dioceses onde atuam, ou seja, de modo empírico, eles dispõem do “campo de estudos” de historiadores e sociólogos. No início do século XX, entre os imigrantes, poloneses, sobretudo do Paraná, ativistas políticos e intelectuais confrontaram-se com os vicentinos, que já haviam estabelecido uma rede de atuação. A partir das últimas décadas do século XX, este gênero de rede religiosa pôde aproximar intelectuais e religiosos, unidos por um comum interesse pela história da imigração polonesa, constituindo um “ator coletivo” na acepção proposta por Giménez (1997, p. 17): uma “entidade relacional”, constituída por indivíduos vinculados por um sentido de pertencimento, os quais compartilham símbolos, representações sociais e orientação à ação.

A visão crítica de Kazimierz Gluchowski, primeiro cônsul polonês da Polônia renascida na década de 1920, captou a dupla posição da intelectualidade polonesa no Brasil: por um lado, eram “assolados pela praga do ‘provisório’, pelas miragens de uma urgente e em todo o caso rápida volta à Polônia”, por outro, eles “eram a força única e exclusiva que fecundava o pensamento da coletividade” (GLUCHOWSKI, 2005, p. 249). Os religiosos mantiveram instituições mais perenes e isto beneficiou a pesquisa histórica, quando o acesso aos documentos que estão em seu poder e quando a rede de relações constituídas foram facultados aos pesquisadores laicos.

Referências

BIERNASKI CM, Lourenço. *Quem foram, O que fizeram, Esses Missionários...* Curitiba, Gráfica Vicentina, 2003.

BRASPOL. Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil. [website]. BRASPOL - História [2008] Disponível em <http://www.braspol.org.br> Acesso em 14/06/2014.

BUDAKOWSKA, Elżbieta. *Etnicidade polonesa no Brasil à luz de pesquisas sociológicas*. Cidade: Paperback, 2014.

CEKAW – Centro de Estudos Polono-Brasileiros Karol Wojtyła [website]. Disponível em: <http://www.poloniapoa.org/revista.php>. Acesso em 13/02/2015.

CESLA. Centro de Estudios Latinoamericanos de la Universidad de Varsovia (Centrum Studiów Latynoamerykańskich Uniwersytetu Warszawskiego) [website]. In: AMÉRICA LATINA PORTAL EUROPEO. Disponível em <http://www.red-redial.net/centro-de-investigacion-1093.html>. Acesso em 13/02/2015.

DEMBICZ, Andrzej, MALINOWSKI, Mariusz. União das sociedades e organizações polonesas na América Latina – USOPAL. *Projeções*. Curitiba. n. 3, v. II/1. 2000, p. 126-131.

DEMBICZ, Andrzej. Sociedades em diálogo intercultural: Identidades, espaços sociais e integração na América Latina e Europa: Experiências e Projeções. *Projeções*. Curitiba. n. 3, v. II/2, 2000, p. 30-46.

ESTUDIOS LATINOAMERICANOS [website]. Revista da Sociedade Polonesa de Estudos Latino-americanos (Polskie Towarzystwo Studiów Latynoamerykanistycznych). Disponível em: <http://www.ikl.org.pl/Estudios/>. Acesso em 13/02/2015.

GERTZ, René. Notícias. Notas. 5 de junho de 2011. In: *René Gertz*. [Blog]. Disponível em <http://www.renegertz.com/noticias/notas/62-diferenca>, acesso em 15/06/2015.

GIMÉNEZ, Gilberto. Materiales para una nueva teoría de las identidades sociales. *Revista Frontera Norte*. México. v. 9, n. 18. Jul-dic, 1997, p. 9-28.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Intelectuais negros e formas de integração nacional. *Estudos Avançados*. v. 18, n. 50, 2004. p. 271-284.

IAROCHINSKI, Ulisses. Porque Polaco! *Projeções*. n. 10 v. V/2. 2003. p. 111-124.

INSTITUTO DE ESTUDOS IBÉRICOS E IBERO-AMERICANOS DA UNIVERSIDADE DE VARSÓVIA (Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich Uniwersytetu Warszawskiego). Disponível em <http://iberystyka-uw.home.pl/content/view/123/120/lang,pt/>, acesso em 29 de maio de 2015.

KUCZKOWSKI, Claudio. *O Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia e sua importância para o tema da integração na América Latina*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Integração Latino-Americana. Universidade Federal de Santa Maria. 2007.

LUD. Tygodnik Katolicki Społeczno-Kulturalny / LUD (O POVO). O maior jornal polonês da Amér. Latina. Kurytyba / Curitiba. 1978-1989.

MALCZEWSKI SChr, Zdzislaw. O caráter específico do serviço pastoral da Sociedade de Cristo no Brasil. *Projeções*. Curitiba. n.4 v. II/2. 2000. p. 74-88.

MALCZEWSKI SChr, Zdzislaw. A atuação da Sociedade de Cristo no Rio Grande do Sul. *Projeções*. Curitiba. n. 7, v. IV/1, 2002. p. 121-139.

MALCZEWSKI SChr, Zdzislaw. O quinquentenário da Sociedade de Cristo no Brasil: história, realidade e perspectivas para o futuro. *Polonicus*. Revista de Reflexão Brasil-Polônia. n. 16, v. IX/2, 2007.

MALCZEWSKI SChr, Zdzislaw. *Marcas da Presença polonesa no Brasil*. Varsóvia: Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos – Universidade de Varsóvia [Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich Uniwersytetu Warszawskiego], 2008.

MALCZEWSKI SChr, Zdzislaw. Editorial. *Polonicus*. Revista de Reflexão Brasil-Polônia, n. 1, v. II/1, 2010. p. 10-11.

MALCZEWSKI SChr, Zdzislaw. Missionários Poloneses. In: MISSÃO CATÓLICA POLONESA [website]. s/d. Disponível em:http://www.polska-misja.com.br/site/missionarios_poloneses.php. Acesso em 04/02/2015.

MAZUREK, Jerzy (org.). *Os poloneses sob o Cruzeiro do Sul*. INSTITUTO DE ESTUDOS IBÉRICOS E IBERO-AMERICANOS DA UNIVERSIDADE DE VARSÓVIA (Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich Uniwersytetu Warszawskiego) / MUSEU DA HISTÓRIA DO MOVIMENTO POPULAR POLONÊS (Muzeum Polskiego Ruchu Ludowego w Warszawie), Varsóvia, 2009.

MOCELLIN, Maria Clara. *Trajetórias em Rede: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul*. Programa de Pós-Graduação – Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas. Tese de doutorado. 2008.

PITÓN CM, João. Periódicos de língua polonesa no Brasil. In: SUPERINTENDÊNCIA DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO POLONESA NO PARANÁ. *Anais da comunidade brasileiro-polonesa*, v. III, 1971. p. 80-103.

POLONICUS. Revista de reflexão Brasil-Polônia [Website]. Redação. Disponível em <http://www.polonicus.com.br/site/redacao.php>. Acesso em 27/04/2014.

PROJEÇÕES. Revista de estudos polono-brasileiros. Curitiba: BRASPOL/SOCIEDADE DE CRISTO/ CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS DA UNIVERSIDADE DE VARSÓVIA. 1999-2009.

REVISTA DEL CESLA. In: AMÉRICA LATINA PORTAL EUROPEO. Disponível em: http://www.red-redial.net/revista-revista_del_cesla-206.html Acesso em 14/02/2015.

SCHALINSKI, Adalberto; RODYCZ, Wilson Carlos et al.(orgs.). *Colônia Lucena, Itaiópolis: crônica dos imigrantes poloneses*. Florianópolis; Itaiópolis: BRASPOL, 2002.

SEIDL, Ernesto. *A Elite Eclesiástica do Rio Grande do Sul*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese Doutorado em Ciência Política, 2004.

SIUDA-AMBROZIAK, Renata. Identidade dos meios polônicos locais nas estruturas das paróquias da Sociedade de Cristo no Sul do Brasil. *Projeções*, Curitiba. v. II, n. 1. 2000. p. 93-99.

WACHOWICZ, Rizio. Histórico da BRASPOL. *Projeções*. Curitiba. n. 3, v. II, n. 1. 2000. p. 122-125.

WACHOWICZ, Ruy C. A imigração e os botocudos (Xoklég) do Taió. In: SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 4., 1967, Porto Alegre. *Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. Colonização e imigração. São Paulo: [FFCL]-USP, 1969, p. 495.

WACHOWICZ, Ruy C.; MALCZEWSKI SChr, Zdzislaw. *Perfis polônicos no Brasil*. Curitiba, Vicentina, 2000.

WEBER, Regina; WENCZENOVICZ, Thaís. J. Historiografia da imigração polonesa: avaliação em perspectiva dos estudos sobre o Rio Grande do Sul. *História UNISINOS*. v. 16, n. 1. jan./abr. 2012. p. 159-170. Disponível em <http://www.unisinos.br/revistas/index.php/historia>.

WEBER, Regina. Líderes, intelectuais e agentes étnicos: significados e interpretações. *Diálogos* (Maringá. Online), v. 18, n. 2, p. 703-733, mai.-ago./2014.

WEBER, Regina. Agentes e intelectuais étnicos entre os poloneses. *Tempos Histórico*. v. 19, n.1, 2015. p. 253-273. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/issue/view/744/showToc>

WENCZENOVICZ, Thaís Janaina Wenczenovicz. *Pequeninos Poloneses: o cotidiano das crianças polonesas (1920-1960)*. Xanxerê: News Print, 2010.

RESUMO –STRESZCZENIE

Niniejszy artykuł przedstawia formy działalności etnicznej między „Polakami” (w większości między potomkami emigrantów polskich) w ostatnich dziesięcioleciach, odróżniając czynniki w zakresie świeckim i religijnym na południu Brazylii. W sposób bardziej specyficzny autorki starają się o uwydatnienie – oprócz liderów, którzy promowali rozwój instytucji i wydarzeń – akcji o cechach „intelektualnych”, obserwując ich potencjał mobilizacji społecznej.

LÍNGUA POLONESA - ASPECTOS DIACRÔNICOS

*Iraci José MARIN**

Primeiras palavras

O interesse em analisar aspectos diacrônicos da língua polonesa e a formação dos dígrafos e sinais diacrônicos deu origem a esta pesquisa.

A pretensão é mostrar a origem e a evolução da língua polonesa e alguns pontos de relação com outras línguas, as influências recebidas e as transformações ocorridas, com a indicação de características próprias, notadamente no campo fonético e no que se refere ao seu alfabeto.

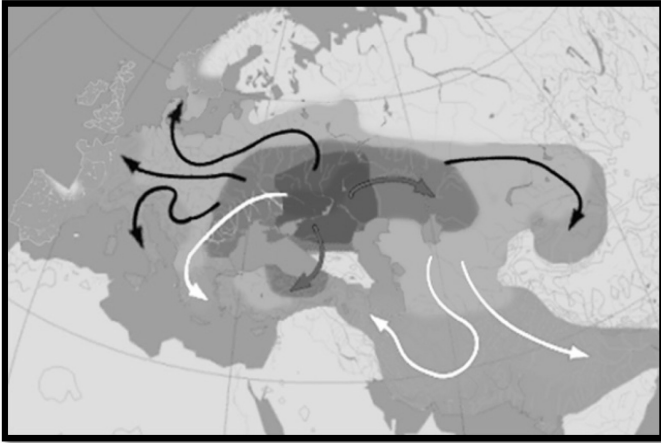
O eslavo

O eslavo nasceu após a diáspora do povo indo-europeu, que ocorreu na Idade do Cobre, entre 3.300 e 1.200 a. C., ou até antes disso; sua protopátria seria “uma região incerta da Europa oriental” (MATTOSO CÂMARA JR, 1968: 229), entre o norte do Mar Negro e o noroeste do Mar Cáspio.

Há outras hipóteses relativamente à origem do indo-europeu, mas dados arqueológicos confirmam a hipótese referida. Para fins de comparação, o Pentateuco da Bíblia foi

* Professor aposentado, advogado em Caxias do Sul – RS, autor de *Imigrantes poloneses afundados num mar italiano* (pesquisa, 2014), *À margem do rio* (ficção, 2015) e *Conrado* (ficção, 2017). Mail: advmarin@gmail.com

escrito por Moisés em torno de 1.200 a.C., em hebraico, língua semítica cuja origem é afro-asiática.



Região onde os indo-europeus habitavam e a diáspora

Além do indo-europeu, há outros grupos linguísticos - o semítico (árabe, hebreu, aramaico, etc.), o chinês, e ainda outros - cada um com características próprias e diversas do indo-europeu.

Não há vestígios (isto é, nada escrito foi encontrado) sobre a língua dos indo-europeus. Mas, em razão das semelhanças entre os diversos idiomas derivados, há o entendimento, hoje consolidado, a respeito da sua influência sobre inúmeros deles. Efetivamente, há semelhanças léxicas ou gramaticais entre diversos idiomas, o que leva ao entendimento de que provêm da mesma origem. Na verdade, o indo-europeu é a “língua-mãe” destes idiomas.

A família do indo-europeu é grande e diversificada: 50% dos povos, no mundo, têm ali a sua origem: albanês, anatólio, armênio, báltico, céltico, germânico, grego ou

helênico, itálico, tocariano e eslavo. Eles possuem algumas semelhanças.

Uma das características provindas do indo-europeu, e comuns entre as línguas advindas diretamente dele, são as declinações. Declinação, em linguística, é a flexão sofrida por nomes, adjetivos ou pronomes segundo os gêneros, números e casos.

Os verbos não se declinam, mas se conjugam.

As declinações possuem casos. O caso expressa ou denota a função sintática que a palavra exerce na frase. Cada caso corresponde a uma função sintática. Os casos, em regra, suprem a falta de artigos e preposições para marcar a flexão e a função das palavras (dos nomes: substantivos, adjetivos e pronomes) na frase.

O final das palavras (a desinência) é flexionado, indicando os diversos casos. Assim, uma palavra pode ser escrita com diferentes terminações (desinências), conforme a função sintática que exerce. Por exemplo: a palavra latina *liber* (livro) é nominativo (função de sujeito); *librum* é acusativo (função de objeto direto); *librorum* é genitivo plural (função de complemento). No polonês, também dá-se a mesma situação. Por exemplo: *Polska* (Polônia) é nominativo, função de sujeito, e *polskiego* (da Polônia) é genitivo, função de complemento; *karnawal* (carnaval) tem função de sujeito, e *karnawałowa* (de carnaval) aparece na frase com a função de complemento (*zabawa karnawałowa*); e assim com *żaba/żaby*; *samochód/samochodu*, etc.

Temos a considerar, ainda, que, embora as declinações e os casos, a língua polonesa possui algumas preposições. Alguns exemplos: *z* (=com/com a, de/da/do), *w* (=de; em/no/na), *do* (=para o/para a), *dla* (=para). Aqui há uma situação, a ver: sendo *dla*+pessoa, a tradução deve receber o artigo: *Dla Sidneja* = para o Sidnei.

O número de casos é diverso em cada língua: no indoeuropeu eram oito; no latim, seis; no alemão, quatro; no polonês e em outras línguas eslavas, sete; no russo, seis.

Os casos da língua polonesa são: nominativo (para o sujeito), genitivo (indica posse ou dependência), dativo (para o objeto indireto), acusativo (para o objeto direto), vocativo (para chamar pessoa), instrumental (para uso de instrumento ou companhia) e locativo (para indicar onde ocorre a ação, o lugar). O português não possui declinações e casos; a função sintática das palavras na frase é indicada por artigos e preposições.

A palavra ‘eslavo’ possui várias teorias quanto à sua origem. Uma delas diz que a palavra vem de *slawa*, que quer dizer ‘glória’; ou vem de *slowo*, que quer dizer ‘palavra, ‘os que falam claramente’’. Esta aceção é mais aceita. Nos tempos primitivos, teria existido uma língua arcaica mais ou menos confusa, mas ainda assim com sons mais compreensíveis do que os da língua de outros povos. Daí a teoria do *slowo*. (KAWKA, Ano VIII, 1/2017: 89).

Devido à origem comum, as línguas eslavas têm também algumas características comuns, sejam elas lexicais ou gramaticais, bem como palavras semelhantes ou até iguais. Algo como ocorre entre as línguas latinas. Alguns exemplos: *Aqua*, no latim, ficou „água“ em português, *agua* em espanhol e *acqua* em italiano. Em português, a palavra „letra“ tem sua correspondente *lettera* em italiano e *lettre*, em francês. A palavra “homem”, em português, é *homo* em italiano, *homme* em francês e *hombre* em espanhol. Em polonês e no eslovaco, “filho” é *syn*, na língua croata é *sin*. Em polonês, “avó” é *babka*, em eslovaco é *babička*, em esloveno é *babica* e na língua croata é *baka*.

O ramo das línguas eslavas é dividido em três grandes grupos:

- ocidental: tcheco, eslovaco e polonês;
- oriental: russo, ucraniano, bielorrusso;
- meridional: búlgaro, macedônio, croata e esloveno.

Há dois tipos de alfabeto nas línguas eslavas – e esta é a maior diferença entre elas. O alfabeto latino é utilizado pelo polonês, o tcheco, o eslovaco e o esloveno; o alfabeto cirílico é utilizado pelo russo, o ucraniano, o bielorrusso, o macedônio e o búlgaro. O caso dos servo-croatas é interessante: enquanto os croatas utilizam o alfabeto latino, os servos utilizam o alfabeto cirílico (KAWKA, Ano VIII, 1/2017: 88).

Por que ‘cirílico’?

Deve-se a expressão a Cirilo (depois São Cirilo), missionário cristão que viveu no século IX. São Cirilo e São Metódio inventaram o alfabeto, que leva o nome do primeiro (cirílico), para traduzirem a Bíblia e partes da liturgia (ortodoxa) na região da atual Bulgária. Com o passar do tempo, o alfabeto cirílico foi adotado por outros povos eslavos.

Apenas como curiosidade, anoto algumas palavras para exemplificar a escrita polonesa e as escritas em russo e bielorrusso (estas em cirílico):

dormir - *snać* - *спать* - *сон* (= sonhar);

dia: *dzień* – *день* - *дзень*;

domingo: *niedziela* – *воскресенье* - *Нядзеля*;

hoje está frio: *dziś jest zimno* - *сегодня холодно* – *сёння холадна*.

A influência do latim

A língua polonesa, em nossos dias, é falada por aproximadamente 40 milhões de pessoas na Polônia, além de ser língua falada na Lituânia, Bielorrússia e Ucrânia. Ela é utilizada também por muitas pessoas em países da América, onde há grande número de descendentes de poloneses.

Mas a língua polonesa não nasceu pronta ou foi consequência apenas do indo-europeu. Ela se formou sob a influência do latim em seu alfabeto. Ou seja: o alfabeto polonês se baseia no alfabeto latino. Isto ocorreu por conta dos missionários tchecos da região da Boêmia, que introduziram o cristianismo na Polônia. Foi uma influência no âmbito eclesiástico - e não bélico, como em outras regiões, onde o latim se consolidou e, na conjugação com os dialetos existentes, produziu as línguas ora denominadas latinas ou neolatinas.

O alfabeto latino foi 'adotado' pela língua polonesa devido ao fato histórico da adesão de Mieszko I ao cristianismo (966 d. C.). Ao aderir ao cristianismo, o povo polonês assumiu (ou teve imposta) a sua língua, o latim. Consequência disso foi que o alfabeto latino passou a ser a base do alfabeto da língua polonesa.

Inicialmente, os textos eram escritos apenas em latim. A primeira referência escrita contendo palavras em polonês que se conhece é a "Bula de Gniezno" (*Bulla Gnieźnińska*), de 07 de julho de 1136, e publicada em Pisa (Itália). Foi escrita pelo Bispo de Gniezno. O documento aboliu a autoridade do arcebispo de Magdeburgo (Alemanha) sobre o arcebispado de Gniezno (Polônia), ou seja: concedeu independência à Igreja polonesa, fato confirmado pelo Papa Inocêncio II. Além de ser importante documento religioso, é também um documento importante da língua polonesa porque, embora escrito em

latim, nele encontram-se 410 palavras em polonês. Foi o início da formação da ortografia polonesa. As palavras indicam nomes geográficos e de pessoas - castelos, províncias, aldeias, campos, cavaleiros, camponeses, artesãos... (Estes dados estão contidos no “*Codex diplomaticus majoris Polonia*”, da Sacrosancta Romana.)

Há registro de escrita em polonês no século XIII. Mas somente no século XVI aparecem textos literários em polonês, dentro de certas normas de expressão, sendo utilizados dialetos da região da Grande Polônia e também da Pequena Polônia. A língua polonesa foi sendo aperfeiçoada em livros de gramática; o primeiro dicionário da língua polonesa foi publicado no século XVI (STOWARZYSZENIE ‘WSPÓLNOTA POLSKA’, 2016:18). A influência do latim foi forte desde o século X e só no final do século XVIII a língua polonesa se solidificou como língua propriamente dita. (ENCICLOPÉDIA UNIVERSO, Vol. VIII - “Polônia-Literatura”.)

Como referido, a língua polonesa passou a utilizar o alfabeto latino. Então se verifica a existência de muitas palavras polonesas que se assemelham ou são idênticas ao português. Ou seja: mesmo sendo língua eslava, o polonês tem semelhanças com a nossa língua, de raiz latina, tanto na escrita quanto nos sons. Como exemplo, apontamos: *hotel, restauracja, biblioteka, fundacja, historia, ikonografia, informatyka, literatura, plastyka, mitologia, mechanika, medycyna, teatr, fizyka, filozofia, gramatyka, geografia, astronomia, botanika, typografia, metal, karnawal*, e outras.

Mas alguns sons do polonês não tinham correspondência na escrita latina, em suas letras. Pode-se dizer que o número de fonemas no polonês era (é) maior do que os síais do alfabeto latino. Então foram criadas marcas

diacríticas e dígrafos, possibilitando que os sons existentes na fala do povo (=fonemas) tivessem expressão escrita.

Marcas diacríticas e dígrafos, assimilados pelo alfabeto latino, tornaram-se elementos do alfabeto da língua polonesa.

Os sinais diacríticos são o *kreska* (traço; é o acento agudo); o *kropka* (ponto colocado em cima da consoante); e o *ogonek* (rabinho; é a cedilha).

Tais 'inovações' ou 'acréscimos' e transformações se fizeram necessários para expressar sons existentes no polonês e que não tinham consonância no alfabeto latino:

*C - som de TS - sozinho ou acompanhado de vogal, menos a vogal I (*recepta, dobranoc*);

*CI - tem som de TCHI; é semelhante ao **Ć** (*macica*);

***Ć** - tem som de TCHI (*spać, pić, pićć*) – sem que o I seja ouvido; poucas palavras iniciam com **Ć**;

*CZ - para o som de TCH, com pronúncia mais dura ou forte (*wieczór, czarnina, Rodycz*; como o "tchê" gaúcho);

*CH - se pronuncia como o H polonês - gutural (*socha*);

*DZ - soa normalmente como DZ, sendo mais suave do que DŻ (*dzban; dzwon*); quando a letra Z é acompanhada por I, terá som de Ż (*dziękuje, dzień*);

*DŻ - pronuncia-se como o D de 'cidade' ou 'tarde' – palatalizado (*dźwig, dźwięk*);

*DŻ - é o som de DI, mas mais duro (*dżungla, dżem*);

*DRZ - é som semelhante ao DŻ (*drzewo*);

*Y - é pronunciado com o som entre I e E (meio gutural); semelhante ao Ê português;

*Ń - é um N palatalizado - como o NH em 'manhã' (*Zieliński, dzień, dzieciństwo*);

*NI - tem som semelhante ao **Ń** (*niewola, nie*);

*Ó - se pronuncia U; assim também o Ł ou ł (*wieczór, łój, mój*);

*RZ - tem o som de Ż - como o som do G português (*rzeka, rzetelny*);

*SI - tem som de CHI (*książka*);

*Ś - é como o CH português - como em 'chamar' (*wejście, śpiewać*);

*SZ - é o som semelhante ao CH ou X em português - como 'chá', 'xícara' ou 'coxa' (*szafa, proszę*);

*ZI - tem som semelhante ao **Ż polonês e ao JI português (zima, zimno)**;

*Ź - é semelhante ao Ż e do J português, mas mais brando (*Woźniak*); poucas palavras iniciam com Ź;

*Ż - é o som do J português (como em 'jantar') e é pronunciado como RZ (*żyrafa, żaba, książkę*).

Outras peculiaridades da língua polonesa

As peculiaridades da língua polonesa são inúmeras. Aponto algumas apenas porque não é pretensão nem objetivo explorar todas as suas particularidades, só algumas que dizem respeito ao foco deste trabalho:

* os conjuntos GA, GE, GI, GO, GU são pronunciados GA, GUE, GUI, GO, GU;

* os conjuntos ZIA, ZIE, ZII, ZIO, ZIU são pronunciados JA, JE, GE, JI, GI, JO, JU;

* os conjuntos CA, CE, CI, CO, CU, CY têm os sons correspondentes a TSA, TSE, TCHI, TSO, TSU, TSY;

* os conjuntos CIA, Cią, CIE, Cię, CII, CIO, CIU se pronunciam TCHA, TCHON, TCHIE, TCHIEN, TCHII, TCHIO, TCHIU;

Artigos

* os fonemas *ć, ś, ź, ń* possuem grafia alternativa: quando estão na frente de uma vogal, têm os sons de *ci, si, zi, ni* (sons mais brandos);

* curiosa é a palavra *szczotka* (escova), onde o dígrafo é formado por quatro consoantes; são dois dígrafos juntos, SZ e CZ.

Faz sentido referir algo mais sobre o C polonês. Ele tem som de TS, como acima referido, e funciona como se fosse um dígrafo. Por certo, se trata de herança do polonês antigo que se manteve na fala. Este som (TS) foi “transferido”, através da letra C, para o alfabeto latino, onde suprir a falta de sinal para o fonema.

No polonês não existem RR e SS; o S, no polonês, substitui o SS e o Ç do português; nunca tem som de Z. O R polonês não muda de som; tanto no começo como no meio da palavra é o mesmo som, como o R (simples) do português; por exemplo, é o mesmo som em *rosół* como em *ogórek*.

As letras Q, V e X não existem no alfabeto polonês; só aparecem em palavras estrangeiras.

O J tem sempre som de I, certamente herança do latim.

O único sinal (letra) do alfabeto polonês antigo que permaneceu no alfabeto polonês posterior é o Ł ou ł (som de U): *łój, łąka, gałąz, słownik*.

O polonês e o cassúbio são os dois únicos idiomas eslavos que preservaram as históricas vogais nasais: A e E (a ou e) receberam o sinal da cedilha (*Ą e Ę – a ou e*) para os sons OM ou ON e EM ou EM: *dąb, Wałęsa, Książę, pieć*.

O alfabeto polonês

Em razão das influências sofridas, o alfabeto da língua polonesa passou a ter 32 caracteres: 09 vocálicos e 23 consonantais.

As vogais são:

A, Ą, E, Ę, I, Y, O, Ó, U
a, ą, e, ę, i, y, o, ó, u.

As consoantes são:

B, C, Ć, D, F, G, H, J, K, L, Ł, M, N, Ń, P, R, S, Ś, T, W,
Z, Ż, Ź
b, c, ć, d, f, g, h, j, k, l, ł, m, n, ń, p, r, s, ś, t, w, z, ż, ź.

Mikołaj Rej

Mikołaj Rej (1505-1569) é considerado (juntamente com Biernat de Lublin e Jan Kochanowski) um dos fundadores da escrita literária polonesa, sendo o primeiro a escrever exclusivamente em polonês. Até então, a língua em geral utilizada era o latim.

Mikołaj Rej foi político e músico, além de poeta e escritor; fez parte do grupo de escritores da 'idade do ouro' do Renascimento na Polônia. Dele é a afirmação: "Que as nações sempre se lembrem / que os poloneses não são gansos, e têm a sua própria língua" (SIEWIERSKI, 2000:25 e 30): os poloneses passavam a ter identidade de povo pelo fato de possuírem língua própria.

O dístico passou a ser referido popularmente assim:
Polacy nie gęsi, swój język mają.



Mikołaj Rej

Últimas palavras

Este estudo objetivou mostrar como a língua polonesa se originou, a sua evolução, quais suas referências históricas, suas transformações e adaptações. Não foi intenção abordar a língua sob o ponto de vista propriamente linguístico, embora não seja possível fugir totalmente da questão. De todo modo, estão aí referidos alguns pontos não só curiosos mas sobretudo pertinentes para o conhecimento e a compreensão da língua polonesa.

BIBLIOGRAFIA

ENCICLOPÉDIA UNIVERSO, Vol. VIII

WIKIPÉDIA – diversos *sites*.

KAWKA, Mariano. Polonês e português: o encontro de dois idiomas no dicionário.

Polonicus - Revista de reflexão Brasil-Polônia. Ano VIII, 1/2017, p. 82-94.

_____. *Dicionário Polonês-Português/Português-Polonês*. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2015.

MATTOSO CÂMARA JR., J. *Dicionário de Filologia e Gramática*. Rio de Janeiro: Ozon Editor, 5ª ed, 1968.

SALLES, Ricardo C. *O legado de Babel – as línguas e seus falantes*. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 1993.

SIEWIERSKI, Henryk. *História da Literatura Polonesa*. Brasília: UnB, 2000.

STOWARZYSZENIE WSPÓLNOTA POLSKA, "A to Polska". Warszawa, 2016.

RESUMO – STRESZCZENIE

W artykule autor omawia pochodzenie języka polskiego jako języka wywodzącego się ze wspólnoty językowej indoeuropejskiej i z grupy języków słowiańskich oraz niektóre punkty styczności z innymi językami, wpływy i zmiany stąd wynikające. Zaznacza cechy charakterystyczne języka polskiego, szczególnie pod względem alfabetu i fonetyki. Porusza na koniec wpływ języka łacińskiego i pierwociny literatury polskiej.

AINDA QUE POUCO, "MÓWIMY PO POLSKU"

*Sergio SECHINSKI**

É surpreendente como ainda se usa o pouco que sobrou da língua polonesa, (herdada dos nossos antepassados), quando nos encontramos com pessoas que também a conhecem, ou pelo menos a tem adormecida e ainda, através dela, conseguem se comunicar.

Para uma saudação ou uma brincadeira coloquial, uma pergunta ou até mesmo para "xingar brincando", dizer algo engraçado ou agradável - "po polsku" ainda se mantém como a melhor forma que os polônios se utilizam para demonstrar a afetividade e a emoção que os une – ou seja, a língua materna ainda é sempre presente nos encontros e no convívio da gente de descendência polonesa.

Se pararmos para observar as manifestações da vida da nossa comunidade polônica de Porto Alegre, em torno da Igreja Nossa Senhora de Monte Claro, nos deparamos com diferentes tipos de polonidade, no que se refere à língua polonesa – muitos receberam os primeiros ensinamentos ou ouviram a Língua Polonesa em casa, no convívio familiar (e não raro se encontra pessoas, cuja língua polonesa foi a primeira língua falada). Por outro lado, outros estão em constante “movimento e desafio” em torno do polonês. E, através da leitura, da expressão de religiosidade, da música, de cursos e outros meios diversos, buscam manter viva a língua herdada dos seus antepassados.

* Empresário, reside em Porto Alegre - RS.

Posso afirmar que minha língua-mãe foi a língua polonesa, pois que em casa, na época só se falava em polonês e, portanto, foi com esta língua que aprendi a falar e me comunicar quando criança.

Fui me acostumar, aprofundar na língua portuguesa quando fui para a escola, iniciando no pré-primário, e então a língua comum passou a ser o português, quando fiquei sabendo e falando em duas línguas distintas.

Fato curioso, na adolescência com amigos poloneses, ao pegarmos ônibus para nos deslocarmos, falávamos polonês, apenas para que nos ouvissem e ficassem admirados, muitas vezes só falávamos bobagens, mas como ninguém entendia, lá íamos nós.

Hoje, a língua polonesa é uma relíquia que precisamos proteger, pois ficamos muitos anos sem falar em polonês, então o nosso vocabulário foi diminuindo, mas hoje estamos buscando lembrar e preservar este nosso, hoje pequeno conhecimento, mas com a ajuda dos amigos da Capelania Polonesa, temos a certeza de que conseguiremos nos comunicar razoavelmente na língua polonesa.

Jorge Wojciech Tyska (neto de poloneses, Advogado)

Nos diferentes acontecimentos religiosos, por exemplo, que incluem cânticos sacros tradicionais, encontraremos aqueles polônicos que mantêm fortes os traços da sua polonidade, com a preocupação e uma motivação especial de cantar com fervor e até, por que não se admitir – com um pouco de orgulho. Talvez, por ainda lembrar o que aprendeu, ou então, por conseguir, através do cantar, entender o que diz e resgatar os primeiros ensinamentos recebidos na família.

Vamos conhecendo, à medida que se vai convivendo, pessoas que ainda falam a língua de seus avós, bisavós e, não raramente, descendentes de terceira ou quarta geração. Mas que, balbuciando ou pronunciando algumas palavras, mesmo

que um pouco desconfortáveis, conseguem se comunicar na língua e cultura trazidas pelos imigrantes poloneses. Língua esta, a polonesa, que foi transmitida através do tempo, sempre mais restrita aos pequenos núcleos sociais, mas que perduram até hoje. Pode-se até dizer que a língua pulsa viva, mesmo dentre a dificuldade fonética e as infundáveis fórmulas gramaticais.

Num simples "dzień dobry" ou "do widzenia", os polônicos, com uma satisfação muito grande, trazem em si, de forma intensa, o reconhecimento da sua herança étnica. É quase que um direito adquirido, um privilégio transferido, de geração em geração, que lhes atribui uma referência de origem, de raça, de identidade – a linguagem de comunicação, no grupo ou núcleo em que participa e atua com outros iguais, parece que concede a inserção à comunidade polônica. E, nesta direção, estas pessoas vivem e fazem a manutenção de uma "verdadeira cultura polônica", tornando-se, cada vez mais, quase que uma necessidade o aprendizado e a sintonia com o idioma – não somente no que tange à ortografia e gramática, mas acima de tudo no cultivar de uma herança cultural... que se apresenta como, quase "um jeito de ser".

Lembro que quando era garoto ouvia (e ouço ainda) os meus pais falando a língua polonesa. Pensava: "parece coisa de louco". Pois então. Tenho consciência de que a língua polonesa é difícil, o que me faz perguntar: por que estudá-la? Por que não o inglês? Ou o espanhol? Ou até mesmo se aprofundar no português?

E a resposta, será que sou louco (ou meio louco)? Até pode ser. No entanto, posso dizer que aprender o idioma polonês é se aproximar de uma cultura rica e diversificada. É conhecer a história sofrida da Polônia. É resgatar a minha infância.

Por sua vez, eu já me impressionava quando ouvia os meus pais falando, imaginem hoje participando ativamente de uma

comunidade de descendentes em que, seguidamente, se fala o polonês. Não parece loucura coletiva?

É preciso ter paciência e força de vontade para aprender uma nova língua. Aliás, precisa ter também um pouco de curiosidade e não ter medo de críticas. E, modéstia à parte, acho que reúno as condições para o aprendizado. O importante é não desistir. Ouvir muito e falar (tentar, pelo menos). Vamos em frente! Aprender sempre. Desistir Jamais!

Luis Antonio Bochenek (neto de poloneses,
contador e advogado)

Se nos restou, por vários motivos históricos, um conhecimento precário dessa língua que “não nos é, nem parece totalmente estrangeira”, não é impedimento de que ela seja, ainda, considerada comum e familiar, não somente aos ouvidos, mas também representa um vínculo de âmbito afetivo. As tentativas de conversas em polonês, que se originam, dentre nós, polônicos, não se constituem em grandes diálogos – na verdade, nos faltam as palavras certas e as colocações adequadas para cada situação. Mas, Afinal de contas, é importante se ressaltar que somos polônicos muito mais pelo reconhecimento da nossa descendência e pelas características e traços naturais da etnia do que por decorrência de qualquer aprendizado formal da língua e da cultura. Quem nós ouve, conhece e observa, certamente entende o nosso querer e o nosso desafio em manter vivo este verdadeiro legado, que é a língua cultivada nas nossas famílias, há mais de 120 anos. Pelo contrário, historicamente, se sabe que as oportunidades foram poucas, não fosse o empenho dos pais e avós, em casa, no dia a dia ou através da nossa vivência da religiosidade católica polonesa, através das congregações religiosas que sempre estiveram atuando junto aos polos polônicos.

Verifico a necessidade de trabalhar mais a pronúncia (ah, que desafio para brasileiros!) e tentar melhorar a gramática em uso – embora, é melhor falar sem conjugar corretamente do que não falar! Nos grupos de Whatsapp estou observando a escrita – de novo a minha leitura é bastante atrapalhada, pelos erros gramaticais e pela ortografia fraca, sem caracteres poloneses (mas vou dizer em segredo que me encanta ver as pessoas escrevendo, como soa aos ouvidos – a prova que não aprenderam a língua na sala de aula, mas lembram a fala dos seus pais). Eu recomendo fortemente a instalar o teclado polonês em seu smartphone e forçar-se a usar letras polonesas (a correção automática pode ajudá-lo com isso)...

Me sinto imensamente contente ao ver todos vocês falarem e tentarem escrever em polonês! Imagino que deve ser extremamente difícil encontrar vontade para aprender e usar a língua de um país que fica tão longe! É comovente observar as pessoas com tanto amor para com a pátria dos pais ou avós, que gostam da cultura e seguem os costumes dela, mas precisam lutar para usar a língua, para não esquecer as palavras que fogem. Eu desejo que todos vocês cheguem a um nível que vai permitir-lhes aproveitar a riqueza da cultura polonesa, porque vale a pena!!

Anna Filipek (Polonesa que morou dois anos no Brasil, hoje na Escócia - professora)

Mas, "jeśli mówimy dobrze, ou tentamos falar", é fato que todas essas investidas no idioma dos nossos ancestrais constituem um "jeito muito próprio" de falar em polonês. E, surpreendentemente, esse "modo ou jeito" acaba por inspirar e transmitir uma certa emoção de "pertencimento ou inclusão", no que podemos traduzir a nossa polonidade. Qualquer saudação em polonês, num "Dzień dobry" ou num "...na wieki, wieków. Amen!", carregam em si uma vontade carinhosa e de orgulho e um quase sentimento de propriedade desse convívio – como se ali fosse o momento e o lugar, reservados para se

vivenciar o quanto trazemos de polonidade, em nós, o quanto nos sentimos "descendentes de poloneses".

Quando nos encontramos com amigos da raça, gostamos de falar em polonês, de fazer comentários em polonês... se acontece uma festa em família, então, melhor ainda para demonstrar nosso profundo "cuidado" com a nossa língua materna. Então, cantamos todas as canções que conhecemos em polonês, dizemos todos os ditos populares poloneses que lembramos.... e a emoção vem com muita facilidade, permitindo muitas vezes a emoção, ao poder dizer ou cantar com outras pessoas, qualquer frase.... mas em polonês.

Tanto nos permite a língua polonesa, uma "certa liberdade de expressão polônica" – que, ao balbuciar uma ou duas palavras, construímos um verdadeiro contexto de afinidade, de sintonia, encontrando uma verdadeira referência polônica.

Essa liberdade pode chegar ao extremo da criatividade ou de um verdadeiro fenômeno linguístico – como é o caso dos poloneses da minha terra natal, Dom Feliciano, onde os descendentes de poloneses criaram (inventaram), ao longo do tempo, palavras que fundem a língua portuguesa com a polonesa.

Mas, não cabe aqui o mérito de defesa do correto, mas o destaque do significado da língua polonesa que nos restou e que, ao nosso jeito, falamos.

Arno Uszacki (neto de poloneses, contador,
professor universitário)

É inegável a riqueza e o diferencial que nos proporciona um idioma, principalmente quando este nos reporta a nossa própria história e a faz perdurar, tornando-a mais encantadora do que sofrida. Pois, muitos dentre nós, mesmo lamentando não conhecer, sente-se envaidecido com o pouco que aprendeu. Mas, pouco ou muito, estamos falando a língua de Copérnico, de São João Paulo II, a língua materna de

Chopin e de tantos outros poloneses célebres... o que nos motiva e entusiasma em falar em polonês, cada vez mais.

E, se nós, hoje, descendentes, encontramos dificuldades no domínio do polonês, procuremos olhar para trás e talvez consigamos imaginar a dificuldade que tiveram nossos pais e avós, em aprender a língua portuguesa. Certamente, os meios eram muito mais difíceis e escassos, enquanto que da necessidade de comunicação dependia, muitas vezes, a sobrevivência. Assim, é evidente que não podemos deixar passar nenhuma oportunidade de conhecer, tentar usar, corrigindo quando necessário, estudando sempre que possível.

Lenndo, cantando... e cultivando! A língua polonesa, para nós, além de ser um verdadeiro patrimônio herdado, também é canal e caminho de continuidade de reconhecimento da nossa identidade polônica, que tanto nos orgulha e nos une hoje a uma Polônia contemporânea, pujante e cada vez mais conhecida, pela sua gente e pela sua história.

RESUMO – STRESZCZENIE

Język polski wśród Polonii brazylijskiej z racji politycznego nacisku prawa nacjonalizacyjnego prezydenta Getúlio Vargasa (1938 r.), a także ze względu na urwane kontakty z krewnymi w Polsce zaczął powoli zanikać.

Przemiany polityczne w Brazylii i Polsce przyczyniły się do wzrostu zainteresowania się językiem przodków. Autor publikowanego artykułu przedstawia używanie, chociaż cząstkowe, języka polskiego przez Polonusów w Porto Alegre. W celu lepszego poznania bogactwa kultury, historii Polski, jak też swoich korzeni etnicznych, staje się koniecznym uczenie się języka polskiego – podkreśla autor.

**PERSONAGENS DE BRUNO SCHULZ
NO TEATRO DO BRASIL:
A TURMA DO DIONÍSIO ENCENA *SANATORIUM***

*Jerson FONTANA**

A primeira vez que estive na Polônia foi em 2005, quando o grupo de teatro que integro, A Turma do Dionísio, participou da programação do Ano do Brasil na França e a estada em Paris facilitou a ida a Varsóvia. Com isto, foi possível aceitar um antigo convite para realizar atividades culturais em universidades polonesas. Aquele país e sua gente me despertaram muitas curiosidades, o que me levou à história e à literatura polonesas e algumas dessas inquietações foram publicadas na Revista *Projeções* (2/2007) no artigo denominado “Polska”. Dentre as obras literárias com as quais tomei contato naquele momento estava Bruno Schulz, o qual já vinha com uma provocação, feita pelo seu tradutor para a língua portuguesa, o professor Henryk Siewierski: adaptar contos de Schulz para teatro e encená-los. Esse desafio levou à criação do espetáculo de teatro *Sanatorium* e foi com ele que estive neste ano de 2018 novamente na Polônia e, pela primeira vez, na Ucrânia.

A seguir serão tecidos comentários sobre a elaboração do texto teatral realizado por meio da adaptação de três contos de Schulz, sobre a proposta cênica, a qual tem como fundamentos a utilização do corpo e o gestual do ator, também são feitas ponderações sobre a elaboração do

* Ator e diretor teatral; encena o monólogo *Sanatorium*, adaptação de contos de Bruno Schulz.

espetáculo que considera o corpo do ator e o uso do espaço como elementos que ligam entre si as três histórias do escritor polonês. Posteriormente, são comentados os principais aspectos do original que se pretendia tivessem visibilidade na peça teatral e, por fim, a relação da obra cênica com os espectadores da Polônia e do Festival na Ucrânia.

O texto de teatro

Após leitura inicial da obra de Schulz passei então a considerar a possibilidade de realizar um espetáculo teatral, tanto pela proposta recebida e muito mais pelo encantamento que tive com a escrita de Bruno. Li novamente *Lojas de Canela* e *Sanatório*¹ agora decidido a selecionar contos que pudessem ser vertidos para a dramaturgia. “O Aposentado” e “Sanatório sob o Signo de Clepsidra”, ambos da publicação denominada *Sanatório*, revelavam personagens potentes, com características teatrais e ambos os contos indicavam, pelo modo como os personagens utilizam o espaço e pelo seu gestual, semelhanças importantes para a encenação teatral. Outras histórias de Schulz eram tentadoras pela narrativa singular, pelos personagens sempre intrigantes, pela ambientação clara e instigante. Mas, além de não ser possível adaptar mais do que dois ou três contos devido à duração presumida que deviria ter o espetáculo, as narrativas das histórias escolhidas precisariam estar inseridas num mesmo universo, tanto pela atmosfera geral como pela relação entre os diferentes personagens dos contos. E, então, além dos dois anteriores, fez-se a opção também pelo conto “Solidão”.

¹ SCHULZ, Bruno. *Sanatório*. Tradução de Henryk Siewierski. Rio de Janeiro: Imago, 1994; SCHULZ, Bruno. *Lojas de Canela*. Tradução de Henryk Siewierski. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

O texto teatral ficou pronto em meados de 2010, após alguns meses de escrita. Seu argumento central versa sobre a relações interpessoais, tais como entre colegas de trabalho e familiares, os quais têm necessidade de se encontrar, mas não conseguem conviver sem desajustes. Verticaliza nesse argumento com a criação de um outro que é sua própria imagem no espelho e, pela dificuldade de ver sua imagem cara a cara, tem dificuldade de compreensão desse outro que ele vê mais ao fundo. E com essa metáfora se evidencia que a dificuldade de interação com o outro deve-se, em boa medida, à precária compreensão de si. Os personagens possuem necessidade extrema de relacionar-se com o outro, para complementarem o seu eu precário. No dizer de Schulz: “Esse outro não sabe que, mesmo por poucos instantes, eu vivo à custa dele”, diz o aposentado fazendo referência ao toque de sua mão na mão do ex-colega de trabalho, o que, na sua compreensão lhe dá a força vital que lhe falta. Há desajustes na convivência, mas o texto não pretende tratar de personagens desajustados. Esses personagens de Bruno somos nós, é cada leitor ou espectador de sua obra. Somos incompletos e, talvez por isso mesmo, incapazes de sermos sós, por um lado e, de outro, de convivemos harmonicamente.

A narrativa do texto *Sanatorium* apresenta em sequência os contos “O Aposentado”, “Sanatório sob o Signo da Clepsidra” e “Solidão”. No primeiro um aposentado recorda a convivência com os colegas de trabalho, fala das pessoas e do lugar em que vive, revela seu interesse pelas moças que passeiam e mostra uma atitude inesperada para enfrentar a solidão.

No conto seguinte, um filho visita seu pai que está internado em um sanatório. Coisas extraordinárias acontecem ali: personagens com vida dupla e outros que somem do nada,

o estranho cachorro amarrado no pátio e o modo pelo qual o pai continua vivo. O relacionamento entre filho e pai ganha contornos singulares. Para finalizar a história da peça, no conto “Solidão” um velho solitário emparedado em seu quarto dialoga com sua imagem no espelho e tem uma ideia inusitada para sair daquele ambiente.

A proposta cênica

O monólogo *Sanatorium* possui como elemento principal **da encenação** a interpretação. Nela, dois aspectos podem ser destacados: o **gestual** de cada personagem e o modo de utilizar o **espaço**.

Para o **delineamento do desenho corporal** dos personagens foram utilizadas como referências as falas expressas no texto teatral, aspectos psicológicos dos mesmos e os ambientes nos quais se passa a narrativa. Pretende-se que o gestual de cada um dos nove personagens da peça possua consonância com o universo do espetáculo e com os elementos culturais da sociedade na qual ela é encenada. Pretende-se que cada personagem possua a sua identidade visual, por meio da expressão geral do corpo e de um conjunto de gestos singulares e, ao mesmo tempo, que o gestual de todos gere uma unidade cênica, visto que eles são parte de um todo: o espetáculo.

As ações físicas que definem cada um dos personagens foram estruturadas inicialmente como movimentos cotidianos, lógicos, regrados e reconhecidos pela sociedade e durante o processo de ensaios elas foram sendo estruturadas como movimentos simbólicos. Essa opção visa inserir o espectador num ambiente menos cotidiano e mais alegórico por acreditar-se que esse modo de expressão, que se propõe a ser a expressão recriada da vida em sociedade –

artística, portanto – pode contribuir com informações sobre a realidade. Tais informações podem ser, de um lado, impactantes e, com isto, chamar a atenção para situações que, por serem conhecidas, cotidianas, escapam do olhar mais acurado da sociedade e, de outro, aquelas simbólicas, as quais podem proporcionar diversas interpretações para uma mesma ação.

O **gestual** de cada personagem também possui relação com o **espaço cênico**. Isso se evidencia nos lugares de memória de Simão e nos labirintos percorridos por José, ambos personagens centrais do texto teatral, os quais repetem um conjunto de imagens corporais bem demarcados sempre no mesmo lugar. Contudo, no transcorrer da narrativa eles rompem com essa lógica e os gestos mudam de lugar. Assim, pela relação do gesto com o espaço, a encenação pretende potencializar conflitos interiores dos personagens e dificuldades de relacionamento entre eles.

Essa estruturação do gestual relacionado ao espaço permite depreender que o espetáculo pode levar o espectador a uma avaliação sobre o significado do gestual cotidiano. E que, independente do texto que naquele momento está sendo falado, uma ideia é reforçada ou negada por meio da força expressiva na comunicação visual. Como exemplo, um mesmo gesto é realizado para demonstrar alegria, num primeiro momento e, em seguida, retorna numa situação de náusea, porém a ideia da fala do personagem é a mesma em ambas as situações.

É importante destacar ainda que o espaço cênico é utilizado com níveis de altura diferentes tanto do gesto quanto do corpo do ator, propositalmente definidos. No plano do proscênio, de um lado, os gestos são sempre feitos da altura dos ombros do ator para cima e, do lado oposto, dos ombros para baixo, incluindo-se movimentos de agachar. No centro, o

corpo está sempre na altura em pé e os gestos ficam acima da cintura e abaixo dos ombros. Outra referência sobre o uso do espaço é que os deslocamentos se dão em sentido horário, com movimentos pela frente para um dos lados e quando vai para o lado oposto isto ocorre pelo fundo do palco. Estas situações são intercaladas, a cada período de tempo, visando não tornar a estética previsível e também para criar, em alguns momentos, elementos contraditórios.

A opção pelo uso destacado da ação física do personagem e o modo de utilizar o espaço pretende, em última instância, ressaltar a vida interior dos personagens, visto que esse aspecto possui dimensão de relevo na obra original.

O espetáculo

Possui um **modo de utilizar o espaço cênico e um conjunto de imagens corporais** que lhe conferem unidade, muito embora o texto teatral seja composto por três contos, o que quer dizer, por três narrativas distintas entre si. Personagens de diferentes histórias reproduzem determinadas **ações** em momentos nos quais a fala e o gesto parecem ter lógica entre si. Contudo, os mesmos **gestos** são também reproduzidos quando o texto parece deslocado daquele movimento, tanto por ser o gesto oposto ao que o personagem diz, quanto por não haver relação entre ambos. Desse modo, em um dado momento o gesto reforça a ideia verbalizada, noutro a contradiz, noutro ainda apenas reproduz um movimento que nada tem a ver com a fala, forjando assim um deslocamento entre o que é dito e o que é vivenciado.

Tal construção estética prevê que o **gestual** dos diferentes personagens possua semelhança entre si – e na verdade é o mesmo gesto que se repete com uma pequena

derivação – fornecendo com isto unidade ao espetáculo, pois tais gestos são elaborados de modo bem definido, aos moldes do que pode ser designado como partitura corporal. O espectador, mesmo de modo inconsciente, vai associando as diferentes partes da narrativa com uma mesma ideia geradora. Esse modo de elaborar os personagens e, por decorrência, o espetáculo, possibilita a potencialização do enredo. Sempre que o mesmo gesto retorna, na verdade um pouco diferente, mas mantendo os traços básicos, deixa claro para o espectador que ele está assistindo a algo elaborado, planejado pretendendo-se com isto que ele, público, possa receber a obra de forma clara. O espetáculo de teatro procura assim estabelecer conexões (apenas aquelas elaboradas pelo diretor do espetáculo, dentre tantas outras possíveis) entre as diversas situações vivenciadas por cada um dos personagens, da relação que estes estabelecem entre si, deles com os lugares centrais das suas ações e de tópicos da narrativa original que à primeira vista parecem carecer de lógica.

Para tanto, obviamente, o conjunto de **gestos** escolhidos deve possibilitar associação com o universo encenado, seja no seu sentido geral ou com aspectos específicos. Para tal, o elemento desencadeador dessas partituras está sempre associado ao elemento mais potente pelo qual alguém utilizaria esse gesto. Isso quer dizer que as partituras escolhidas, apesar de terem nexos de serem usados em todos os momentos escolhidos pelo encenador, deverão ter seu ápice numa situação que é a mais relacionada a ela, seja pela lógica do seu uso ou pela oposição entre fala e gesto.

E para inquietar o espectador esse ápice do gesto está sempre deslocado. Procurando melhor explicitar, esse ponto forte do gesto ora está no início do seu uso, ora no final e, no mais das vezes, em distintos pontos entre início e final. Há também um uso espaçado no tempo e outro concentrado, ou

seja, às vezes os gestos das partituras corporais demoram a ocorrer e por vezes em um curtíssimo período de tempo diversos deles são repetidos de modo quase frenético. Tais opções de uso das partituras auxiliam também a evidenciar o perfil psicológico dos personagens.

Também o uso do **espaço** possui peculiaridades que ligam entre si as três histórias do escritor polonês. Lugares específicos nos quais um dos personagens sempre refere a um tipo de assunto são, para outro personagem, os pontos de referência para fazer seu percurso sempre por labirintos. Cria-se assim uma espécie de jogo entre a cena e o público. A intenção é que o espectador perceba a cada período de tempo gestos bastante semelhantes e, com isto, além de passar informações sobre a narrativa por meio destas ações, desperte nele a curiosidade sobre como vai ocorrendo esse encadeamento do gestual com a história.

As referências para essa proposta estão nos contos de Schulz. Quando, por exemplo, um personagem que num momento descreve outro com características bem demarcadas e, adiante, refere a si como portador de tais características, parece indicar que, ainda que ambos não sejam o mesmo personagem, algo em comum possuem. Outro elemento é que distintos personagens dos diferentes contos referem a situações semelhantes dando a impressão, ainda que meramente especulativa, de que poderia tratar-se de uma mesma pessoa. Por fim, é importante salientar que há um gestual muito próprio de cada personagem, o qual não conta com nenhum tipo de desdobramento por outros personagens. Esse gestual específico de cada um dos personagens lhe confere singularidade.

Bruno Schulz e o espetáculo de teatro da Turma do Dionísio

Sanatorium propõe um encontro humano. É um espetáculo com a esmerada preocupação de acabamento artístico, característica do grupo de teatro A Turma do Dionísio, aliado ao texto de Bruno Schulz, o qual possui capacidade de arrebatamento do leitor, ainda que sua obra seja de difícil catalogação na literatura. Bruno é singular. Personagens densos em histórias envolventes desenvolvidas numa complexa estrutura narrativa, ainda que possam parecer simples. São situações cotidianas que mostram como o narrador se relaciona com os familiares, amigos, colegas de trabalho, com a moça que desperta sua libido; fatos que podem ser percebidos na vida de qualquer pessoa. Contudo esses acontecimentos no texto de Bruno são também fantásticos, como no caso do personagem que decide voltar a estudar na escola municipal, como o fizera há mais de meio século, porém, agora, ele é um velho e vai integrar a turma de crianças.

No processo de elaboração do espetáculo compreendeu-se que a dimensão humana dos personagens deveria preponderar em relação aos outros itens da encenação. Os ensaios foram então conduzidos por meio dessa ótica, seguindo, aliás, a ideia central do texto teatral. E no andamento do processo de elaboração da peça ficava evidente que diversos elementos técnicos do teatro precisavam ceder lugar aos personagens. Sonoplastia, iluminação, efeitos, maquiagem, objetos, cenários pareciam excessivos a cada experimentação cênica. Por esse motivo, o figurino possui poucas alterações para a caracterização dos diferentes personagens da peça. O cenário visa apenas ambientar o universo da narrativa, e a iluminação e a sonoplastia,

despretensiosas, buscam apenas ressaltar o ambiente schulziano.

A vida interna que pulsa no interior de cada personagem é o elemento materializador dos gestos, deslocamentos, movimentos, tom de voz, ações. E essa força interior, que aliás é arrebatadora, parece bastar para estruturar o universo de Schulz.

Personagens de Schulz voltam para casa

Drohobycz, que desde meados do século XX pertence à Ucrânia, é uma cidade da antiga Polônia, na qual Schulz nasceu e morreu e sedia, de dois em dois anos, o Festival Internacional Bruno Schulz. Na edição de 2018, que aconteceu entre os dias 1 e 7 de junho, o espetáculo *Sanatorium* encenado pelo grupo de teatro A Turma do Dionísio foi apresentado em duas oportunidades, nos dias 2 e 4, a convite de seus organizadores. Por ocasião desta participação, a referida peça teatral também foi apresentada na Polônia, para estudantes das universidades de Lublin e de Gdańsk.

Alguns aspectos muito semelhantes em ambos os países e outros nem tanto podem ser relatados sobre a experiência destas quatro apresentações. Entre aqueles com alguma semelhança estão o fato de o público dos dois países que assistiu à peça conhecer a obra original, está imerso no ambiente geográfico e político das narrativas e tem por Schulz um respeito muito grande. Dentre as diferenças, pode-se apontar que em Drohobycz o público, proveniente de diversos países, era composto, majoritariamente, por especialistas em Bruno Schulz, e na Polônia os alunos que assistiram ao espetáculo haviam lido a obra como preparação para assistir à peça. Sobre o fator linguístico, na Polônia o público compreendia a língua portuguesa na qual a peça é

apresentada e, na Ucrânia, nenhum dos espectadores compreendia esse idioma. Contudo, o público em ambos os países elogiou bastante a encenação e demonstrou compreender claramente as situações vivenciadas pelos personagens.

Na Polônia, talvez por tratar-se de pessoas jovens e que não são estudiosos do escritor, os comentários mais ouvidos foram que, com a encenação, haviam compreendido melhor a obra de Bruno e que determinados personagens que não ficaram claros pela leitura foram melhor compreendidos após se assistir à peça. Quanto ao público do festival em Drohobycz, além da percepção de que diversas pessoas se emocionavam durante a representação, houve comentários unânimes, talvez por gentileza, de que passavam a ver um Bruno muito mais teatral do que jamais haviam visto. Comentou-se, em ambos os países, sobre a clareza com a qual são apresentadas as narrativas dos contos que fazem parte da peça e de como são próximos da linguagem schulziana os personagens apresentados, não obstante tenham sido criados numa realidade geográfica e temporal bastante distantes.

Schulz continua vivo no teatro

Para concluir, salienta-se que o conjunto de apresentações realizadas até o momento, que chegam ao número de onze, considerando aquelas realizadas no Brasil, na Polônia e na Ucrânia, permite deduzir que a encenação cumpriu sua finalidade inicialmente prevista, qual seja, a de levar Bruno Schulz, por meio de seus personagens e histórias, ao convívio das pessoas nas salas de teatro. Por esse motivo, pretende-se que o espetáculo *Sanatorium* continue a ser apresentado, na perspectiva primeira de difundir esse ícone da literatura universal que parece carecer de maior inserção na

América, de modo particular, no Brasil. Também o grupo de teatro A Turma do Dionísio, sediado no município de Santo Ângelo – Brasil, procura, por meio de seus outros espetáculos e, no caso, pelos personagens de Schulz, levar a arte teatral com temáticas socialmente importantes aos mais variados perfis de público interessados, do seu país e do exterior.

RESUMO – STRESZCZENIE

Bruno Schulz, dzięki tłumaczeniom jego poezji na język portugalski, wzbudza zainteresowanie wśród Brazylijczyków. Aktor i dyrektor teatru w powyższym artykule dzieli się swoim doświadczeniem spotkania z poezją Schulza. Jego zainteresowanie Schulzem wzrosło jeszcze bardziej po pobycie w Polsce i na Ukrainie, w miejscach związanych z poetą.

SPK BRASIL: UMA SAGA DE VITÓRIAS, SUCESSOS E IMPORTANTES REALIZAÇÕES

*André DIAS**

O ano de 966 marca a origem da atual República da Polônia (em polonês *Rzeczpospolita Polska*), quando Mieszko I, primeiro rei da Polônia, em pleno século X, converte um território de dimensão semelhante ao existente na atualidade ao cristianismo. Deste então, a rica e movimentada história se encarrega de moldar e maximizar a têmpera guerreira e determinada de uma nação que é exemplo de patriotismo, persistência e superação ao mundo.

Democracia consolidada em sistema parlamentarista de governo, economia estável e grande potencial turístico, essa é, em síntese, a promissora Polônia da atualidade. No Brasil, o movimento migratório polonês ocorreu sobretudo nos séculos XIX e XX, com o estabelecimento de núcleos principalmente na região Sul do País, nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Outros grupos, menos numerosos,

* Tenente-Coronel do Exército Brasileiro. Foi declarado Aspirante-a-oficial em novembro de 1996 e diplomado Oficial de Estado-Maior pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército em 2013. Possui também o Curso de Estado-Maior das Forças Armadas do Reino da Espanha, concluído em 2016. É Mestre em Operações Militares e em Ciências Militares, ambas no Brasil, e em Política de Defesa e Segurança Internacional pela Universidade Complutense de Madrid (UCM), na Espanha. Atualmente integra o Estado-Maior do Comando Militar do Leste e foi nomeado Comandante do 29º Batalhão de Infantaria Blindada, em Santa Maria-RS, para o biênio 2019-20.

assentaram suas bases na região Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais) e também em Goiás. Hoje, o Brasil se orgulha de possuir quase 2 milhões de descendentes de poloneses, totalmente integrados, representando a terceira maior população com essa ascendência em todo mundo.

O país que trouxe ao mundo personalidades marcantes como o músico Fryderyk Chopin e o Papa João Paulo II (Karol Wojtyła) não passou despercebido aos efeitos devastadores de duas guerras mundiais, além dos reflexos resultantes das tensões produzidas durante a Guerra Fria, momento histórico em que o mundo se viu polarizado politicamente e dividido entre Ocidente e Oriente. Pelo contrário, os poloneses viveram cada um desses acontecimentos de forma muito intensa. Tendo por cenário o contexto apresentado, e com a lupa apontada para os efeitos e repercussões da Segunda Guerra Mundial, serão desenvolvidos os parágrafos seguintes.

O Brasil, do outro lado do Atlântico, teve ativa participação durante a Segunda Guerra Mundial, enviando ao continente europeu um efetivo de quase 26 mil, que, somando forças aos Aliados, contribuíram com sangue e suor para a vitória final. Inserida nesse feito marcante, ressalta-se a participação da colônia polonesa, já parte inseparável da sociedade brasileira, que voluntariamente empenhou seus filhos no esforço para a formação da Força Expedicionária Brasileira, na luta contra o nazifacismo e restabelecimento da liberdade e democracia.

Criada em 1946, e portanto somando mais de 70 anos de existência, a Federação Mundial dos Ex-Combatentes Poloneses, com base em Londres, projeta seus objetivos e propósitos em várias partes do mundo. Com a missão geral de difundir a história e tradições polonesas, rende em sentido

amplo justa homenagem a todas as pessoas que se sacrificaram na luta pela independência da Polônia durante a Segunda Guerra Mundial e em outros percalços até o ano de 1989, considerado marco de referência para os eventos que culminaram com o fim da Guerra Fria.

Tendo por alicerce as façanhas que irmanaram Brasil e Polônia na Segunda Guerra Mundial, em atmosfera de fraternidade e cooperação, funda-se no País uma representação da Federação Mundial dos Ex-Combatentes Poloneses na cidade do Rio de Janeiro, a denominada Associação dos Ex-Combatentes Poloneses no Brasil (SPK – *Stowarzyszenie Polskich Kombatantów – Brasil*), como resultado natural da integração brasileiro-polonesa em evidente e crescente desenvolvimento.

O Monumento Nacional dos Mortos da Segunda Guerra Mundial (MNMSGM) foi inaugurado em 1959, idealizado pelo marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes, comandante da Força Expedicionária Brasileira (FEB), com o fim de receber os restos mortais dos soldados brasileiros mortos na Itália. Desde 1960, 462 corpos de heróis brasileiros falecidos em solo italiano, 10 deles de descendência polonesa, repousam eternamente em mausoléu construído no subsolo deste monumento votivo.

No Monumento, uma das urnas, de mortos não identificados, simboliza o "Soldado Desconhecido". Ela foi entregue pelo marechal Mascarenhas de Moraes ao então Presidente da República, para ser depositada na base do Pórtico. Desde então, faz-se acompanhar por uma chama eterna que, mantida permanentemente acesa, representa o respeito e orgulho da Nação brasileira aos seus filhos tombados durante a guerra, no estrito e sagrado cumprimento do dever.

Desde 1964, o Dia do Soldado Polonês é comemorado anualmente no MNMSGM, em solenidade sempre marcada por emoção, tradição, respeito e beleza. Entretanto, salienta-se que mesmo antes dessa data os ex-combatentes poloneses, por já integrarem os quadros da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção Rio de Janeiro, têm participado ativamente dos mais variados eventos e desfiles cívico-militares no País.

A SPK Brasil tem hoje como Presidente o Ilustre Tenente-Coronel Engenheiro Ignacy Felczak, homem de notável distinção, que lidera pelo exemplo e conduz a Associação com grande patriotismo, abnegação, sentimento do dever e, sobretudo, muita competência. Soldado na mais pura e verdadeira acepção da palavra, trabalha incansavelmente em prol das causas e do bem-estar dos veteranos poloneses no Brasil, com compromisso e determinação.

O Tenente-Coronel Ignacy é pessoa extremamente educada e afável, que contagia a todos com sua energia juvenil e mantém acesa e em destaque a lembrança do ex-combatente polonês, sempre com muita habilidade. Promove todos os eventos planejados pela SPK com bastante eficácia e se encarrega de manter e fortalecer os laços de camaradagem com os demais ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial, brasileiros ou de nações amigas e aliadas do Brasil durante o conflito mundial e na atualidade.

Do exposto, torna-se intuitivo concluir que a SPK Brasil cumpre de forma extraordinária seu papel. Seu Presidente atual é incontestavelmente exemplo a brasileiros, poloneses e integrantes de toda comunidade internacional. Sob essa égide, o ano de 2018 reserva a todos a expectativa de mais um grande evento de comemoração do Dia do Soldado Polonês, quando será possível prestigiar e confraternizar com integrantes da SPK Brasil e demais autoridades polonesas residentes no País. A cobra fumou e continuará a fumar!

RESUMO – STRESZCZENIE

Nawiązując do historii Polski i polskiej imigracji w Brazylii, autor artykułu, podporucznik w wojsku brazylijskim, komentuje działalność SPK – Stowarzyszenia Polskich Kombatantów w Rio de Janeiro. Pod dowództwem obecnego prezesa podporucznika i inżyniera Ignacego Felczaka, SPK zgodnie współpracuje z organizacjami kombatantów brazylijskich i innych narodów zaprzyjaźnionych, którzy podczas II wojny światowej walczyli ramię w ramię w obronie wolności i godności człowieka.

UM PAPA ESLAVO

*Juliusz SŁOWACKI**

No meio das desavenças Deus toca
Sino monumental,
Prepara para um eslavo
O trono papal.

Este não foge dos inimigos
Como um italiano fez,
Sem medo de enfrentar as espadas,
Tem o mundo aos pés!

Seu rosto iluminado com a palavra
É a lâmpada que brilha,
Os numerosos povos o seguirão
Rumo à luz divina.

Se ele orar e der ordem
Ouve a terra toda,
Ouve também o sol,
O milagre é sua força!

* Juliusz Słowacki (1809-1849) é um dos maiores poetas e dramaturgos poloneses. O poema *Um papa eslavo* (*Słowiański papież*) foi por ele escrito em 1848, depois que o papa Pio IX deixou Roma e refugiou-se em Gaeta, no reino de Nápoles. É um dos mais misteriosos poemas do romantismo polonês, lembrado quando em 16 de outubro de 1978 foi eleito Papa João Paulo II, depois de 455 anos o primeiro Sumo Pontífice da Igreja Católica não italiano.

Já está chegando para repartir
Forças globais novas:
Com suas palavras o sangue
Nas nossas veias se revigora;

Nos corações a luz divina
Vai jorrar e por ele
A força do espírito dará vida
Ao que o pensamento conceber.

E é preciso força para sacudir
Este mundo inerte:
Eis vem o papa eslavo
Irmão das gentes;

Ele derrama doces bálsamos
Nos nossos colos;
O coro dos anjos varre com flores
O seu trono.

Vai repartir o amor como os poderosos
Repartem agora as armas
E mostrar seu poder sacramental
Com o mundo nas mãos;

A pomba da palavra do seu hino sairá
Levando a feliz nova,
De que o espírito já resplandece
Em sua glória;

O céu se abrirá de par em par,
Em cima

Poemas

Sobre quem veio ao mundo e ao trono
E os cria.

A sua voz nas nações irmãs,
Repercutindo,
Levará as almas ao fim supremo
Pelo martírio;

A força sacramental das cem nações,
Sua aliada,
Aqui diante do ataúde, nas almas
Será revelada.

Eis o espírito que verão em breve,
A sombra, depois a face,
Das chagas do mundo vai extirpar o podre,
Os vermes, o execrável,

Vai trazer a saúde, acender o amor
E salvar o mundo;
O chão das igrejas ele vai varrer,
Limpar a sacristia,
Vai mostrar Deus em criação toda,
Na luz do dia.

Tradução de Henryk SIEWIERSKI

SŁOWIAŃSKI PAPIEŻ

Juliusz SŁOWACKI

Pośród niesnasek Pan Bóg uderza
W ogromny dzwon,
Dla słowiańskiego oto papieża
Otworzył tron.

Ten przed mieczami tak nie uciecze
Jako ten Włoch,
On śmiało, jak Bóg, pójdzie na miecze;
Świat mu to proch!

Twarz jego, słowem rozpromieniona,
Lampa dla sług,
Za nim rosnące pójdą plemiona
W światło, gdzie Bóg.

Na jego pacierz i rozkazanie
Nie tylko lud
Jeśli rozkaże, to słońce stanie,
Bo moc to cud!

On się już zbliża rozdawca nowy
Głobowych sił:
Cofnie się w żyłach pod jego słowy
Krew naszych żył;

W sercach się zacznie światłości bożej
Strumienny ruch,
Co myśl pomyśli przezeń, to stworzy,
Bo moc to duch.

*A trzeba mocy, byśmy ten pański
Dźwignęli świat:
Więc oto idzie papież słowiański,
Ludowy brat;*

*Oto już leje balsamy świata
Do naszych łon,
A chór aniołów kwiatem umiata
Dla niego tron.*

*On rozda miłość, jak dziś mocarze
Rozdają broń,
Sakramentalną moc on pokaże,
Świat wzięwszy w dłoń;*

*Gołąb mu słowa w hymnie wyleci,
Poniesie wieść,
Nowinę słodką, że duch już świeci
I ma swą cześć;*

*Niebo się nad nim piękne otworzy
Z obojga stron,
Bo on na świecie stanął i tworzy
I świat, i tron.*

*On przez narody uczyni bratnie,
Wydawszy głos,
Że duchy pójdą w cele ostatnie
Przez ofiar stos;*

*Moc mu pomoże sakramentalna
Narodów stu,
Moc ta przez duchy będzie widzialna
Przed trumną tu.*

*Takiego ducha wkrótce ujrzycie
Cień, potem twarz:*

Poemas

*Wszelką z ran świata wyrzuci zgniłość,
Robactwo, gad,
Zdrowie przyniesie, rozpali miłość
I zbawi świat;
Wnętrze kościołów on powymiała,
Oczyści sień,
Boga pokaże w twórczości świata,
Jasno jak dzień.*

CONVERSA SOBRE O AMOR DA TERRA NATAL

Wisława SZYMBORSKA*

Sem esse amor é possível viver,
ter o coração seco como a noz,
a pequena sina num dedal beber
longe do consolo e do pesar atroz,
sentir que a esperança acontece,
um esconderijo no escuro tecer,
ao brilho do carcoma dizer “alvorece”,
mas ao brilho do sol nada dizer.

Que tipo de amor não lhes foi dado,
que são como a janela queimada,
a fumaça dispersa, o vidro quebrado,
como a árvore de repente tombada,
que na terra muito raso se entranhou,
que dela as raízes o vento arrancou,
e ainda vive fração de tempo fugaz
mas já perdendo seu esverdeado
e no coro do bosque não ciciza mais?

Terra natal, terra do resplendor,
não serei eu uma árvore tombada.
Todo dia cresço em ti com vigor,

* Poetisa polonesa. Ganhadora do Prêmio Nobel de literatura de 1996. (Nasceu 2 de julho de 1923 e faleceu 1 de fevereiro de 2012). Veja: Wisława Szymborska, *Poemas* (tradução de Regina Przybycien), Companhia das Letras, São Paulo 2011.

alegre, triste, orgulhosa e irada.
Não serei o fio que se deixa partir.
Palavras vazias não mais escuto.
É possível não te amar – e existir,
mas não é possível assim dar fruto.

A antiguidade nas profundas camadas...
Às vezes no meio do caminho emperro:
talvez algumas cantigas ignoradas
numa arca abarrotada de ferro,
quem sabe um arco, talvez um gral
no seio da terra se aqueça agora;
será da casa o primevo umbral
que na história cruzamos outrora?

O futuro em pensamento eu crio,
imaginações novas idealizo.
A pedra deitada no fundo do rio,
observo e sua forma pesquiso.
Dessa pedra, o futuro artista
a cabeça de um par vai esculpir.
A pedra descansa no rio Vístula,
e esconde um semblante do porvir.

Para que haja paz nesse semblante
e bondade e um sorriso inteligente,
minha nação com força vai adiante,
luta e cria, sem jazer dormente.
Anéis de anos-luz pairam sobre nós,
sob os pés a terra natal combatente.
Não serei a ave enxotada sem dó
nem seu ninho vazio completamente.

Tradução de Eneida FAVRE

GAWĘDA O MIŁOŚCI ZIEMI OJCZYSTEJ

Wisława SZYMBORSKA

*Bez tej miłości można żyć,
mieć serce suche jak orzeszek,
malutki los naparstkiem pić
z dala od zgryzot i pocieszeń,
na własną miarę znać nadzieję,
w mroku kryjówkę sobie wić,
o blasku próchna mówić „dnieje”,
o blasku słońca nic nie mówić.*

*Jakiej miłości brakło im,
że są jak okno wypalone,
rozbite szkło, rozwiany dym,
jak drzewo z nagła powalone,
które za płytko wrosło w ziemię,
któremu wyrwał wiatr korzenie
i jeszcze żyje cząstkę czasu,
ale już traci swe zielenie
i już nie szumi w chórze lasu?*

*Ziemi ojczyzna, ziemio jasna,
nie będę powalonym drzewem.
Codziennie mocniej w ciebie wrastam
radością, smutkiem, dumą, gniewem.
Nie będę jak zerwana nić.
Odrzucam pustobrzmiące słowa.
Można nie kochać cię – i żyć,
ale nie można owocować.*

*Ta dawność jej w głębokich warstwach...
Czasem pośrodku drogi stanę:
może nieznaną pieśń garstka
w skrzyni żelazem nabijanej,
a może dzban, a może łuk
jeszcze się w łonie ziemi grzeje,
może pradawny domu próg
ten, którym wkroczyliśmy w dzieje?*

*Stąd idę myślą w przyszłe wieki,
wyobrażenia nowe składam.
Kamień leżący na dnie rzeki
oglądam i kształt jego badam.
Z tego kamienia rzeźbiarz przyszły
wyrzeźbi głowę rówieśnika.
Ten kamień leży w nurcie Wisły,
a w nim potomna twarz ukryta.*

*By na tej twarzy spokój był
i dobroć, i rozumny uśmiech,
naród mój nie żałuje sił,
walczy i tworzy, i nie uśnie.
Pierścienie świetlnych lat nad nami,
ziemia ojczysta pod stopami.
Nie będę ptakiem wypłoszonym ani
jak puste gniazdo po nim.*

**INFORME DA CIDADE LETRADA
(NOVEMBRO 2017 – SETEMBRO 2018)**

*Piotr KILANOWSKI**

O presente texto é a continuação do relatório sobre o que se escreveu e publicou a respeito de temas relacionados com a literatura e a cultura polonesas ao longo dos últimos meses nas revistas acadêmicas, suplementos culturais e blogues ou páginas especializadas, e cuja primeira parte foi publicada na revista *Polonicus* número 15 (2/2017). Além das informações a respeito de publicações impressas, insiro aqui links para as publicações digitais, no intuito de aumentar a base digital de textos para os estudiosos da literatura polonesa. Alegro-me em poder afirmar que “a cidade” das letras polonesas, embora como sempre em estado de sítio contínuo, está longe de apenas resistir bravamente. Antes, muito pelo contrário, ao longo do último ano tivemos várias publicações significativas. Seguirei nesse relatório a ordem iniciada no anterior: primeiramente falaremos sobre os livros publicados, para depois falar dos artigos e traduções, tentando se ater à ordem cronológica dentro das seções. Desde já, peço desculpas, caso alguma publicação tenha escapado à minha atenção e peço que futuras publicações relacionadas ao tema e que os leitores desejem ver incluídas nos próximos informes me sejam comunicadas pelo e-mail que se encontra na nota de rodapé desta página.

* Professor de Literatura Polonesa na Universidade Federal do Paraná e tradutor de poesia. Pode ser contatado pelo correio eletrônico no endereço emaildopiotr@gmail.com. O autor agradece a revisão deste texto a Encida Favre.

Livros

Primeiramente cabe mostrar aqui alguns ecos do livro já apresentado na edição anterior do informe. Trata-se do livro de **Anna Świrszczyńska**, *Eu construía a barricada*, com minha tradução, publicado em meados do ano passado pela editor Dybbuk, de Curitiba. Além dos artigos a seu respeito mencionados anteriormente, o livro foi tema de mais algumas publicações. A primeira delas na página da rádio polonesa: <http://www.thenews.pl/1/11/Artykul/334950,Polish-poetry-published-in-Brazil>. Outra foi minha contribuição para a revista *Qorpus*, onde podemos encontrar o prefácio do livro, a nota sobre a autora e alguns dos poemas: <http://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e/edicao-n-25/notas-sobre-anna-swirszczyńska-e-a-poesia-contra-os-mitos-piotr-kilanowski/>. Além disso, no portal da Universidade Federal do Paraná, foram publicados poemas extraídos do livro e um artigo de Camille Bropp, baseado na entrevista com o tradutor:

<http://www.ufpr.br/portafulpr/blog/noticias/professor-de-letras-polones-traduz-primeira-versao-em-portugues-de-livro-de-poetisa-que-viveu-o-levante-de-varsovia/>. A UFPRTV também realizou uma entrevista com o tradutor:

<https://www.youtube.com/watch?v=A6MCB8m76Gw&t=6s>.

Por fim, o livro pôde contar com mais uma resenha importante escrita pelo poeta, tradutor e professor Sérgio Medeiros, que foi publicada no jornal *Opção*: <https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/cenas-das-cidades-dos-cadaveres-123221/>

Na primeira metade de 2018, saíram dois livros importantes, ambos publicados pela editora Âyiné, que planeja várias publicações da área de literatura polonesa para os próximos

anos. O primeiro deles foi escrito no campo soviético de Griażóviets por um dos prisioneiros que, por um milagre, escapou do massacre de Katyń promovido pela NKVD, no qual morreram dezenas de milhares de oficiais e intelectuais poloneses. Józef Czapski, pintor, escritor, ativista cultural entre 1940 e 1941, ministrou nesse campo palestras a respeito de Proust. As palestras eram uma forma de resistência cultural dos presos às condições da prisão unidas com ao trabalho extenuante. O livro foi traduzido de seu idioma original – o francês, uma vez que as palestras só puderam ser ministradas disfarçadas de aulas de francês. O livro *Proust contra a degradação*, de autoria de **Joseph Czapski (ou Józef Czapski)**, pode ser encontrado nas livrarias e no site da editora: <https://ayine.com.br/catalogue/proust-contra-a-degradacao-245/>

O segundo livro de um autor polonês publicado nessa leva pela Âyiné foi *A leitura das cinzas*, de **Jerzy Ficowski**, traduzido por mim. É um dos mais importantes livros de poesia a respeito do Holocausto escritos por um não judeu e talvez o mais importante dos livros dos poetas poloneses a respeito do assunto. Um dos poemas contidos no livro, *A carta a Marc Chagall*, foi uma das duas (ao lado da *Bíblia*) obras de ficção ilustradas por Chagall, algo que Ficowski considerava o melhor prêmio que poderia ter recebido por sua atividade literária. O livro pode ser encontrado nas livrarias e no site da editora: <https://ayine.com.br/catalogue/a-leitura-das-cinzas-242/>. O livro já motivou uma matéria na página da UFPR: <http://www.ufpr.br/portafulpr/noticias/poeta-polones-nao-judeu-que-testemunhou-ocupacao-nazista-tem-poemas-traduzidos-por-professor-do-depac/> e foi objeto de resenhas de Luiz Henrique Budant, no portal cultural Escotilha: <http://www.aescotilha.com.br/literatura/ponto-virgula/jerzy->

ficowski-a-leitura-das-cinzas-ayine-resenha/, de Maurício Duarte, na revista Rolling Stone: <http://rollingstone.uol.com.br/guia/livro/leitura-das-cinzas/> e de um artigo publicado no sexto número da revista *Voz da literatura*. A revista pode ser acessada pelo link inserido na sua página:

<https://www.vozdaliteratura.com/principal/lan%C3%A7ament-o-da-edi%C3%A7%C3%A3o-de-outubro>. A resenha encontra-se na página 13.

O terceiro dos livros acaba de entrar em pré-venda e deve ser lançado no início do mês de novembro. Trata-se de uma coletânea de ensaios de viagem de um dos maiores poetas poloneses, Zbigniew Herbert, intitulada *Um bárbaro no jardim*. O livro foi traduzido por Henryk Siewierski e publicado pela editora Âyiné.

Ainda em informe sobre os livros, cabe mencionar um que acaba de ser publicado na Polônia: a obra do Padre **Ignacy Posadzy**. *Na trilha dos peregrinos – Impressões de uma visita às colônias polonesas na América do Sul*. Poznań: Editora Agape, 2018. O livro, que é um relato pitoresco das viagens que o autor fez pela América do Sul (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai) nos anos 1929-1931, foi traduzido por **Mariano Kawka**, a pedido dos padres da Sociedade de Cristo (o autor é cofundador da Congregação), do original polonês intitulado: *Drogą pielgrzymów – Wrażenia z objazdu kolonii polskich w Południowej Ameryce*, Potulice, 1938. A obra está sendo divulgada pela Sociedade de Cristo.

O último dos livros apresentados é intitulado *Za horyzont* (Para além do do horizonte). Foi publicado na Polônia e é de autoria de **Tomasz Pindel**. O autor retrata nele histórias e

imagens de imigrantes poloneses nos países de América Latina, entre eles também o Brasil. Um gostinho do livro pode ser saboreado lendo seu trecho dedicado aos polônicos brasileiros e publicado na internet: <https://podroze.onet.pl/ciekawe/polonia-w-brazylji-osadnicy-historia-stereotypy/lcyhpns>

Revistas artigos e traduções esparsas

Nessa seção gostaria de dar todo o destaque possível a três produções. A mais importante delas é a publicação em agosto deste ano, na Polônia, do número 21(1/2018) da revista de estudos poloneses editada na Universidade da Silésia, *Postscriptum polonistyczne*, na sua integridade dedicado ao tema de contatos entre Polônia e Brasil e Polônia e Portugal. A revista pode ser encontrada no endereço: <http://www.postscriptum.us.edu.pl/wp-content/uploads/2018/08/Postscriptum-2018-21-TEXT.pdf>

Na parte polono-brasileira há vários artigos de extrema importância no campo, de modo que, em vez de destacar alguns deles, tentarei fazer uma apresentação resumida de todos eles. Marcelo Paiva de Souza faz uma leitura comparatista de poemas de dois grandes poetas: o brasileiro Murilo Mendes e o polonês Zbigniew Herbert: <http://www.postscriptum.us.edu.pl/wp-content/uploads/2018/08/7-Paiva-De-Souza.pdf>.

Minha contribuição para a revista são reflexões sobre o processo de tradução valendo-se da analogia do espelho e vários poemas poloneses e brasileiros que têm como tema a observação do reflexo no espelho:

<http://www.postscriptum.us.edu.pl/wp-content/uploads/2018/08/8-Kilanowski.pdf>.

Gabriel Borowski discute a presença de Carlos Drummond de Andrade na Polônia: <http://www.postscriptum.us.edu.pl/wp-content/uploads/2018/08/9-Borowski.pdf>.

Anna Wolny, unindo literatura e história, discorre sobre a figura da *polaca*: <http://www.postscriptum.us.edu.pl/wp-content/uploads/2018/08/10-Wolny.pdf>.

Aleksandra Pluta fala sobre a encenação da peça *Tango*, de Sławomir Mrożek, e a presença do escritor no Rio de Janeiro: <http://www.postscriptum.us.edu.pl/wp-content/uploads/2018/08/11-Pluta.pdf>.

Alicja Goczyła Ferreira discute alguns aspectos da história e da língua dos polônicos no Brasil: <http://www.postscriptum.us.edu.pl/wp-content/uploads/2018/08/12-Goczy%C5%82a-Ferreira.pdf>.

Marcin Raiman escreve sobre a possibilidade de oficialização do polonês como uma das línguas brasileiras: <http://www.postscriptum.us.edu.pl/wp-content/uploads/2018/08/13-Raiman.pdf>.

Władysław Miodunka revisita os protagonistas de seu livro sobre o bilinguismo polono-português no Brasil e conta seu percurso ao longo dos anos depois da publicação do livro: <http://www.postscriptum.us.edu.pl/wp-content/uploads/2018/08/14-Miodunka.pdf>.

Jolanta Tambor reflete sobre a consciência linguística dos polônicos no Brasil: <http://www.postscriptum.us.edu.pl/wp-content/uploads/2018/08/15-Tambor.pdf>.

Aleksandra Piasecka-Till relata as experiências relacionadas com o projeto *Licenciar*, dentro do qual os estudantes do curso de Letras Polonês na UFPR aprendem a ensinar o idioma polonês: <http://www.postscriptum.us.edu.pl/wp-content/uploads/2018/08/16-Piasecka-Till.pdf>.

A seção das entrevistas apresenta duas bem importantes: João Vianney Cavalcanti Nuto conversa com Henryk Siewierski sobre seu trabalho de introduzir a literatura polonesa no Brasil e Paulo Kochanny relata aos entrevistadores da revista a história, os desafios e os sucessos do curso de metodologia do ensino do idioma polonês organizado anualmente pelo Consulado Geral da Polônia em Curitiba desde 2007. O curso entre 2007 e 2011 contava com colaboração da Universidade Iaguielônica, nos anos 2012 e 2013 foi organizado em conjunto com o curso de Letras Polonês da UFPR e desde 2014 é fruto de uma colaboração entre a UFPR e a Universidade da Silésia. Finalmente, na parte de resenhas podemos ler a apresentação do livro de Aleksandra Pluta, *Droga do Rio. Historie polskich emigrantów*, e do livro de poemas de Zbigniew Herbert, traduzido por mim, *Podróż Pana Cogito. [A viagem do Senhor Cogito]*.

É algo raro e que deve ser celebrado e destacado haver um número de uma revista científica importante dedicada ao tema polono-brasileiro. Devemos, portanto, agradecer aqui pela iniciativa dos polonistas da Universidade da Silésia de planejar essa publicação dedicada ao tema e pelo esforço de conseguir finalizá-la com um resultado tão expressivo de contribuições de peso. Além de Magdalena Bąk e Agnieszka Madeja, responsáveis pela organização do volume, cabe mencionar aqui também os responsáveis pela revista e por grande parte dos contatos entre a Universidade da Silésia e a Universidade Federal do Paraná: Jolanta Tambor e Romuald Cudak. E cabe também dizer que, se não fosse pela iniciativa individual de Aleksandra Piasecka-Till, da Universidade Federal do Paraná, esses contatos e essa colaboração e, conseqüentemente, esse número da revista poderiam nunca ter acontecido.

O segundo destaque da seção vai para o trabalho de **Luiz Henrique Budant**, que nas páginas do portal de jornalismo cultural *Aescotilha*, desde abril de 2018, publicou por volta de vinte artigos, muitos deles dedicados à literatura polonesa, aproximando essa literatura, assim como outras literaturas eslavas, do leitor brasileiro. Seguem os links para os artigos relacionados aos temas que aqui apresentamos:

- sobre Stanisław Lem: <http://www.aescotilha.com.br/literatura/ponto-virgula/stanislaw-lem-maquina-que-criou-o-nada/>

- sobre Wisława Szymborska (dois artigos): <http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/alguns-gostam-de-wislawa-szymborska/>

<http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/wislawa-szymborska-sob-o-sol/>

- sobre Olga Tokarczuk e seu livro premiado *Os vagantes*: <http://www.aescotilha.com.br/literatura/ponto-virgula/olga-tokarczuk-os-vagantes-man-booker-prize-ressenha/>

- sobre Bruno Schulz: <http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/bruno-schulz-anna-csillag-literatura-polonesa/>

- sobre Jerzy Ficowski e seu livro *A leitura das cinzas*: <http://www.aescotilha.com.br/literatura/ponto-virgula/jerzy-ficowski-a-leitura-das-cinzas-ayine-ressenha/>

- sobre Zbigniew Herbert: <http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/zbigniew-herbert-o-ultimo-estoico/>

- sobre Anna Świrszczyńska e seu livro *Eu construía a barricada*: <http://www.aescotilha.com.br/literatura/ponto-virgula/eu-construia-a-barricada-anna-swirszczynska-ressenha/>

- sobre Bogdan Czaykowski: <http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/bogdan-czaykowski-uma-revolta-amargurada/>

- sobre as traduções polonesas da poesia de Paulo Leminski:
<http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/quando-paulo-leminski-aprendeu-polones/>
- sobre a figura do tirano nas prosas poéticas de Zbigniew Herbert e Carlos Drummond de Andrade:
<http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/historinha-s-do-leste/>
- sobre dois poemas poloneses (de Ficowski e de Broniewski), cujos protagonistas são crianças que enfrentam o Holocausto:
<http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/historinha-s-do-leste-parte-2/>

Congratulando o autor, esperamos que não lhe falte assunto e entusiasmo e que continue a nos apresentar e divulgar outros autores e obras desse rico universo.

O terceiro destaque do período relatado vai para a prolífica produção de **Olga Kempinska**, que, como de costume, nos brinda com numerosos artigos, nos quais usa de exemplos de autores poloneses. A autora publica na revista *Matraga* (edição de setembro/dezembro 2017) o artigo a respeito do "Diário" de Gombrowicz, no qual, além de analisar as encenações do "eu" do autor, tece um paralelo instigante entre os escritos de Joseph Conrad e o "Diário". O artigo "Traduzir-se. Diários de Gombrowicz" pode ser acessado no link: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/download/29562/23296>. Essa mesma autora, em seu artigo "Natação como metáfora da leitura", publicado na revista *Leitura: Teoria & Prática* número 72 (<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/662/440>), apresenta ao longo de suas reflexões exemplos de, entre outros, Witold Gombrowicz, Maria Kuncewiczowa e Maria Pawlikowska-Jasnorzewska, em sua tradução. A última poeta

citada, junto com Wisława Szymborska, Clarice Lispector, Virginia Woolf e Cecília Meireles, é uma das autoras estudadas por Olga Kempinska em seu outro artigo: "Uma poça d'água sublime. Representações da vertigem feminina", publicado no número 48 da revista *Moara* (<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/4771/4699>). A estudiosa, partindo das considerações a respeito das interações entre o *kitsch*, o humor e o sublime, reflete sobre as representações da vertigem feminina. Entre os artigos publicados por Olga Kempinska nos últimos tempos, cabe destacar ainda dois que versam sobre tradução e que se movimentam nas realidades relacionadas com a cultura polonesa. O primeiro deles, intitulado "Atravessando fronteiras: as imagens demoníacas da tradução" (<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/download/10476/7294>), publicado no número 2/2018 (20) da revista *Todas as letras*, debruça-se sobre o uso específico da linguagem e o multilinguismo da pessoa que vive na situação de emigrante. O objeto de seu estudo é o grande poeta polonês Czesław Miłosz e o imaginário angélico-demoníaco na sua obra. O segundo, publicado no número 38 (2/2018) de *Cadernos de tradução*, tem o título *Traduzir a poesia sonora* e aborda a teoria da tradução da poesia sonora do pensador polonês Roman Ingarden. Um dos poetas cuja discussão com Ingarden a autora apresenta é Julian Tuwim, ele mesmo um tradutor exímio da poesia sonora. O artigo, ao lado da poesia de Tuwim, ilustra ainda a teoria ingardeniana com os exemplos, entre outros, das traduções sonoras de Joyce feitas pelos irmãos Campos em seu *Panorama do Finnegan's Wake*.

A próxima notícia, embora não esteja dentro do escopo temporal deste informe, deixou de ser mencionada no relatório anterior, onde deveria estar, pois o material

comentado adiante saiu na metade do ano de 2016. Trata-se da revista *Candido*, que em seu número 60 publicou um especial sobre Wisława Szymborska. Dentro dele podemos encontrar, entre outras: uma matéria da tradutora de Szymborska, Regina Przybycien, que fala sobre a poeta e sua visão da vida como uma representação: <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1123>, uma entrevista com Henryk Siewierski sobre a literatura polonesa: <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1125> e a estante polonesa, ou seja, algumas informações sobre escritores poloneses: <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1127>

Para os que gostam de poesia e suas traduções, informo que no blogue *Poesia em casa*, o autor **Pedro Gonzaga** costuma publicar as poesias traduzidas por ele. Há entre os poetas ali traduzidos vários poloneses: Bronisław Maj, Wisława Szymborska, Czesław Miłosz, Tadeusz Różewicz, Anna Świrszczyńska (Anna Swir). Confirmam: <http://zelmar.blogspot.com.br/2016/11/poesia-em-casa-fidelidade.html>
<https://poesiaemcasa.wordpress.com/2017/06/26/uma-folha-bronislaw-maj/>
<https://poesiaemcasa.wordpress.com/2017/03/07/perspectiva-wislawa-szymborska/>
<https://poesiaemcasa.wordpress.com/2016/07/25/o-sobrevivente-tadeusz-rozewicz/>
<https://poesiaemcasa.wordpress.com/2015/10/13/uma-descricao-honesta-de-mim-mesmo-com-um-copo-de-whisky-num-aeroporto-digamos-em-minneapolis-czeslaw-milosz/>
<https://poesiaemcasa.wordpress.com/2015/05/10/agradeciment>

[o-wislawa-szymborska/](#)

<https://poesiaemcasa.wordpress.com/2014/09/22/maternidade-anna-swir/>

<https://poesiaemcasa.wordpress.com/2014/09/22/deusa-do-matriarcado-anna-swir/>

<https://poesiaemcasa.wordpress.com/2014/09/22/diga-me-anna-swir/>

<https://poesiaemcasa.wordpress.com/2013/11/16/amor-verdadeiro-wislawa-szymborska/>

<https://poesiaemcasa.wordpress.com/2012/05/16/consolacao-wislawa-szymborska/>

<https://poesiaemcasa.wordpress.com/2012/02/28/a-queda-czeslaw-milosz/>

Esse mesmo autor e tradutor, Pedro Gonzaga, publicou no *Estadão*, no segundo semestre do ano passado, algumas matérias a respeito da poesia polonesa. Os artigos são acompanhados por suas traduções. O primeiro deles é dedicado a Adam Zagajewski: <http://cultura.estadao.com.br/blogs/estado-da-arte/poesia-em-casa-o-detalhe-lirico-dois-poemas-de-adam-zagajewski/>, o segundo foca Wisława Szymborska e Czesław Miłosz: <http://cultura.estadao.com.br/blogs/estado-da-arte/poesia-em-casa-especial-polonia-czeslaw-milosz-e-wislawa-szymborska/> e o terceiro concentra-se em Tadeusz Różewicz e Zbigniew Herbert: <http://cultura.estadao.com.br/blogs/estado-da-arte/poesia-em-casa-especial-polonia-a-resistencia-poetica/>

Em novembro de 2017, foi publicado o número 15 da revista *Polonicus*, que, além do "O informe da cidade letrada" referente ao ano anterior, trouxe os artigos de Biagio D'Angelo, a respeito do teatro de Gombrowicz, de Iraci José Marin, sobre a história da literatura polonesa e o de

Aleksandra Pajek, sobre os ecos da obra literária de Reymont no Brasil. Em 2018, foi publicado o número 16. Além dos artigos relacionados com literatura, ainda há muitos outros que se relacionam com a cultura e o idioma. Mencionemos alguns: Renata Siuda-Ambroziak e Izabel Liviski escrevem sobre o Levante de Varsóvia, Mariano Kawka escreve sobre a língua e a identidade polonesa, Jerzy Mazurek fala sobre a queda do Império Austro-Húngaro e os novos países que surgiram depois dela e Schirlei Freder observa a influência dos imigrantes poloneses na construção das cidades brasileiras. O tema desse último artigo é também tema do artigo da mesma autora, Schirlei Freder, escrito em colaboração com Mario Procopiuck e Ketlen Viana e publicado na Polônia: <http://www.revistadelcesla.com/index.php/revistadelcesla/article/view/401>

Regina Przybycien, tradutora dos livros de poesia de **Wisława Szymborska**, apresenta ao leitor brasileiro na revista *Serrote* sua tradução de cinco dos ensaios da poeta a respeito de livros que ela leu. Os ensaios originais eram publicados nas revistas polonesas e posteriormente foram reunidos em livros chamados de *Leituras não obrigatórias*: <https://www.revistaserrote.com.br/2018/01/leituras-nao-obrigatorias-por-wislawa-szymborska/>

E, uma vez que estamos falando de Szymborska, vale a pena destacar a tradução de alguns de seus artigos publicados no livro *Poczta literacka (Correio literário)*. Alguns dos conselhos de Szymborska aos jovens escritores, ora conselhos cálidos, ora zombeteiros ou irônicos, foram traduzidos por Pedro Fernandes de Oliveira Neto a partir da versão espanhola e podem ser apreciados no link: <http://www.blogletras.com/2018/05/os-conselhos-de-wislawa->

[szymborska-aos.html](#). O mesmo blogue “Letras in.verso e re.verso” publica ainda mais um artigo sobre a poeta polonesa, “Wisława Szymborska, a poeta do acaso” de autoria de Fernanda Fatureto: <http://www.blogletras.com/2018/04/wislawa-szymborska-poeta-do-acaso.html>.

E, continuando as publicações sobre Wisława Szymborska, temos ainda: Rosalia Rita Evaldt Pirolli, que publicou na revista *Scripta Uniandrade* um artigo a respeito de trauma, lembrança e esquecimento em alguns poemas da autora: <https://uniandrade.br/revistauniandrade/index.php/ScriptaUniandrade/article/download/755/681>

Na edição de março do *Suplemento Pernambuco*, a poetisa é novamente mais um dos destaques. A revista publica algumas das traduções de suas brincadeiras poéticas feitas em dupla por Eneida Favre e por mim, acompanhadas de um artigo meu a respeito da escrita brincalhona da poeta. <http://www.suplementopernambuco.com.br/artigos/2060-a-poesia-sat%C3%ADrica-de-wislawa.html>
http://www.suplementopernambuco.com.br/images/pdf/PE_145_web.pdf

Assim como abrimos o bloco sobre Szymborska com informação sobre a contribuição de Regina Przybycien, encerramos com a notícia de uma outra tradução sua. Na revista *Piauí* de setembro de 2018, podemos encontrar alguns conselhos aos jovens escritores do livro já mencionado acima: *Correio literário. Como chegar (ou não chegar) a ser escritor*: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/correio-literario/>

A revista *Qorpus*, que sempre encontra nas suas páginas espaço para os artigos relacionados com a cultura polonesa, publica no número 26 um artigo de Andrea Carla de Miranda Pita, cujo tema gira em torno de Witkacy, sua teoria da forma

pura e sua vida refletida em uma de suas peças: <http://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e/edicao-n-026/5547-2/>.

Nesse mesmo número da revista pode ser encontrado também um artigo meu a respeito das tentativas de traduzir para o polonês o romance de Osman Lins "Avalovara": <http://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e/edicao-n-026/como-e-que-se-diz-em-polones-a-historia-da-traducao-nascida-e-nascida-piotr-kilanowski/>. E no número 27 é publicado o artigo sobre a representação de poloneses no romance gráfico *Maus*, de Art Spiegelman, de autoria de Aleksandra Pluta: <http://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e/5711-2/a-represetacao-dos-poloneses-no-maus-de-art-spiegelman-aleksandra-pluta/>

Na revista de estudos judaicos *Arquivo Maaravi*, publicada pela UFMG, encontramos uma reflexão de Raquel de Matos Andrade a respeito do livro de memórias de **Władysław Szpilman**, *O pianista*, que deu origem ao filme premiado com o Oscar: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/artic le/view/11382>

O *Suplemento Pernambuco* em sua edição de abril, comemorando o aniversário de 75 anos do Levante do Gueto de Varsóvia, publica um artigo meu sobre **Władysław Szlengel**, o poeta do Gueto de Varsóvia e alguns de seus poemas traduzidos. O livro com seus poemas e ensaios a seu respeito será publicado em breve pela Editora Dybbuk: <http://www.suplementopernambuco.com.br/in%C3%A9ditos/2077-wladyslaw-szlengel,-poeta-do-gueto-de-vars%C3%B3via.html>
http://www.suplementopernambuco.com.br/images/pdf/PE_146_web.pdf

O mesmo aniversário do Levante do Gueto foi comemorado pelo Museu do Holocausto, que em seu canal no You Tube veiculou uma entrevista comigo a respeito da construção da memória do Holocausto na Polônia:

<https://www.youtube.com/watch?v=ON4Ra8c5ec4>

A **Revista brasileira**, editada pela Academia Brasileira de Letras, em seu número 94, publica o artigo de Tomasz Łychowski: *A palavra – poetas poloneses contemporâneos*, no qual o autor apresenta traduções de poemas de **Ewa Lipska** e **Ryszard Krynicki**, refletindo sobre algumas das facetas da poesia polonesa contemporânea: http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/revista_brasileira_94_para_internet.pdf

Tomasz Łychowski, por sua vez, é protagonista do artigo de Magdalena Bąk. O estudo enfoca a multiculturalidade de sua poesia mostrando a beleza da diversidade e a força da hibridez nela presentes. O artigo em polonês pode ser acessado pelo link: http://www.postscriptum.us.edu.pl/pdf/ps2017_2_16.pdf e foi publicado pela revista da Universidade da Silésia, *Postscriptum Polonistyczne*, no número anterior ao apresentado acima (2/2017).

Entre as surpreendentes (de várias maneiras) traduções esparsas que aparecem em vários tipos de blogs, dessa vez consegui encontrar um poema de **Rafał Wojaczek**. A tradução de Gustavo Valdivino Silva, acompanhada do original, pode ser conferida no blog: <https://traducaoliteraria.wordpress.com/2017/06/07/este-processo-de-rafal-wojaczek/#comments>

Os interessados na obra de **Stanisław Lem** certamente já sabem, mas por via das dúvidas, segue o informe de que a obra *Solaris*, que foi traduzida diretamente do original polonês para o português brasileiro por Eneida Favre, há alguns anos, também ganhou sua versão em português de Portugal, com tradução do original pela exímia tradutora Teresa Fernandes Swiatkiewicz: <https://www.dn.pt/lusa/interior/solaris-traduzido-pela-primeira-vez-diretamente-do-polaco-publicado-na-antigona-9067643.html>

As revistas *Polonia Carioca* e *Tak!*, apresentadas no informe anterior, publicaram ao longo dos últimos meses suas novas edições, respectivamente 12 e 3, 4, 5, 6 e 7. Cabe dar o devido destaque à formidável atuação da Revista *Tak!*, que em tão curto tempo publicou tantas edições de fôlego e qualidade. Outra boa notícia é que tanto essas quanto as anteriores podem agora ser encontradas na página do Consulado da Polônia em Curitiba: http://www.kurytyba.msz.gov.pl/pt/comunidade_polonesa_no_brasil/publicacoes_e_jornais/

Cultura polonesa no Brasil (e no mundo)

Entre os acontecimentos culturais relacionados com a Polônia no Brasil e no mundo, apresentamos alguns acontecimentos de importância na área:

- Na quinta edição da Mostra Internacional de Teatro de São Paulo, foi apresentada a peça dirigida pelo diretor polonês **Krystian Lupa**. As traduções foram feitas por Marcelo Paiva de Souza e Luiz Henrique Budant. Algumas das repercussões da peça foram publicadas no Jornal *O Globo* e na *Folha de São Paulo*:

<https://oglobo.globo.com/cultura/teatro/destaque-da-mitsp-krystian-lupa-expoe-conflito-entre-os-mundos-da-arte-da-politica-22441887>

<https://oglobo.globo.com/cultura/teatro/mitsp-anuncia-programacao-dribla-corte-de-verbas-22342237>

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/02/na-polonia-teatro-volta-a-resistencia-diz-encenador-krystian-lupa.shtml>

- Como alguns de vocês provavelmente já sabem, uma das maiores escritoras polonesas da atualidade, **Olga Tokarczuk**, venceu no dia 22 de maio o International Man Booker Prize. Como alguns não sabem, o livro premiado está disponível em português. Publicado em 2014 pela Tinta Negra, foi uma das últimas traduções de Tomasz Barciński a sair em livro. No ano no qual provavelmente não teremos prêmio Nobel de literatura, o Man Booker Prize é certamente um excelente destaque para a literatura polonesa. Olga Tokarczuk agora junta-se a outros vencedores desse prestigioso prêmio, como: J.M. Coetzee, Salman Rushdie, Philip Roth, V.S. Naipaul, Nadine Gordimer, William Golding, Kazuo Ishiguro, Peter Carey, Arudhati Roy, Ian Mc Ewan, Margaret Atwood, Yann Martell, Kiran Desai, Eleanor Catton, Hilary Mantel, Ismail Kadare, Alice Munro e David Grossman, para mencionar alguns dos mais famosos entre os que ganharam o prêmio Booker ou Booker International. Certamente a polonesa está muito bem acompanhada.

Alguns ecos do acontecimento na imprensa:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/05/escritora-polonesa-olga-tokarczuk-vence-o-man-booker-international-prize.shtml>

<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/escritora-polonesa-olga-tokarczuk-ganha-premio-man-booker-international.ghtml>

<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/polonesa-olga-tokarczuk-a-vencedora-do-man-booker-international-prize-2018-22707386>

<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2018/05/escritora-polonesa-olga-tokarczuk-ganha-premio-man-booker-international-10352438.html>

<http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2018/05/28/booker-prize-cria-premio-para-celebrar-50-anos/>

<http://www.mtmais.com/2018/05/22/escritora-polonesa-olga-tokarczuk-vence-o-man-booker-international-prize-22-05-2018-ilustrada/>

Por fim, outro prêmio internacional importantíssimo concedido para a cultura polonesa. O diretor do filme "Ida", premiado com o Oscar de melhor filme estrangeiro, **Pawel Pawlikowski**, acaba de receber o prêmio de melhor diretor no Festival de Cannes pelo seu novo longa-metragem "Cold War" ("A guerra fria"). O filme, ainda antes de sua estreia no Brasil, já recebeu algumas resenhas:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/05/sensacao-de-deja-vu-domina-novo-filme-do-diretor-polones-de-ida.shtml>

<http://www.cineset.com.br/festival-de-cannes-pawel-pawlikowski-leva-premio-de-melhor-diretor-por-cold-war/>

A penúltima das notícias está relacionada com o registro escrito de uma tradição não escrita. A tese de doutorado de **Neli Maria Teleginski**, *Sensibilidades na cozinha: a transmissão das tradições alimentares entre descendentes de imigrantes poloneses no Centro-Sul do Paraná*, recebeu menção honrosa no I Prêmio da Associação Brasileira de História Oral. A tese foi produzida em 2016 no Programa de Pós-Graduação em História da

UFPR: <http://www.ufpr.br/portalfufpr/noticias/tese-sobre-tradicoes-alimentares-polonesas-no-parana-recebe-mencao-honrosa-no-i-premio-da-associacao-brasileira-de-historia-oral/>

Fecho esta edição do informe com uma informação que, por mais que seja relacionada com um reconhecimento pessoal, antes de tudo me parece um reconhecimento por parte das autoridades da República da Polônia ao trabalho de divulgar a cultura e a literatura polonesas no Brasil, concedido a dois tradutores que transpõem as fronteiras dos idiomas e servem como ponte entre as culturas. Entre os vários tradutores que se dedicam à tradução da literatura polonesa, **Marcelo Paiva de Souza** e eu, **Piotr Kilanowski**, ambos professores de literatura polonesa do curso de Letras-Polonês da Universidade Federal do Paraná, fomos condecorados, em setembro de 2018, pelo Ministro da Cultura e Patrimônio Nacional da República da Polónia, com medalhas de prata "**Gloria Artis - Por Méritos para a Cultura**": <http://mkidn.gov.pl/pages/posts/glorie-artis-w-dziedzinie-literatury-8734.php>.

RESUMO - STRESZCZENIE

W ramach tekstu autor omawia i prezentuje publikacje związane z literaturą i kulturą polską, wydane w Brazylii na przestrzeni od października 2017 do października 2018. Nowym książkom, tłumaczeniom, artykułom i czasopismom prezentowanym w tym sprawozdaniu towarzyszą linki do tych z nich, które dostępne są w internecie.

PLUTA, Aleksandra. *Droga do Rio. Historie polskich emigrantów*, PWN, Warszawa: 2017, pp. 248*

Anna JAMROZEK-SOWA**

UMA PARIS NOS TRÓPICOS

Droga do Rio (“Caminho para o Rio”) é o quinto livro de autoria de Aleksandra Pluta. A jovem autora, formada em jornalismo pela Università La Sapienza, em Roma, doutoranda no Instituto de Teoria Literária da Universidade de Brasília, reside em Brasília e visita regularmente a Polônia. Escreve livros em língua polonesa. O primeiro de sua autoria, *Na fali historii. Wspomnienia Polaków w Chile* (“Na onda da história: Recordações dos poloneses no Chile”) relata as histórias faladas de imigrantes de origem polonesa estabelecidos em Santiago do Chile. Foi publicado pela Embaixada da Polônia no Chile (em 2009 em polonês, em 2014 – em espanhol). Na Polônia, em 2013, foi publicado o segundo livro de Pluta, intitulado *Raul Nałęcz-Małachowski. Wspomnienia z dwóch kontynentów* (“Raul Nałęcz-Małachowski: Recordações de dois continentes”); em 2014 – o terceiro: *Długa podróż w bardzo krótkim czasie. Biografia Andrzeja Bukowińskiego* (na edição brasileira: “Andrés – Uma vida em mais de 3 mil filmes”); em 2015 – o quarto: *Ten piekielny polski akcent. Ziemiński na*

* O livro resenhado pela autora foi publicado no Brasil em 2018 com o título *Caminho para o Rio*.

** Instituto de Filologia Polonesa da Universidade de Rzeszów, Polônia. O texto original, em polonês, foi publicado em *Postscriptum polonistyczne*, 2018, n. 1 (21), pp. 275-281.

brazylijskiej scenie (na edição brasileira: “Ziembinski – aquele bárbaro sotaque polonês”).

O livro de estreia de Pluta, intitulado *Na onda da história*, contém o registro das histórias faladas de nove poloneses que após a II Guerra Mundial foram ao Chile e ali fixaram residência definitiva. Um dos seus heróis tornou-se o protagonista do livro seguinte, no relato biográfico apresentado em primeira pessoa e intitulado *Raul Nałecz-Malachowski: Recordações de dois continentes*. Falecido em 2014, Nałecz-Malachowski foi uma figura pitoresca da boemia chilena, pintor, gerente de um café artístico em Santiago do Chile e fundador de um teatro em Valparaíso.

Andrés Bukowinski, herói da narrativa biográfica *Andrés - Uma vida em mais de 3 mil filmes*, partiu da Polônia em 1946, aos seis anos de idade. Após alguns anos de permanência na Inglaterra, seus pais decidiram viajar à Argentina. Tendo atingido os primeiros sucessos na área da publicidade, Bukowinski mudou-se para o Brasil. Atualmente é diretor e produtor de filmes publicitários de fama mundial, ganhador de diversas distinções e prêmios, inclusive nos festivais de Cannes e Veneza.

Zbigniew Ziembinski, herói do quarto livro sucessivo de Pluta, é reconhecido como o “Pai do teatro brasileiro”. Fugiu da Polônia quando já era um experiente ator e diretor. Veio ao Rio de Janeiro em 1941. A peça *Vestido de noiva*, de Néelson Rodrigues, por ele montada em 1943, tornou-se um acontecimento crucial na história do teatro brasileiro. Ziembinski formou gerações inteiras de atores e diretores brasileiros. Foi uma personagem controvertida e legendária.

Caminho para o Rio consta de catorze entrevistas realizadas pela autora no Rio de Janeiro. Seus interlocutores são personalidades significativas no ambiente da emigração polonesa. O livro contém igualmente as fotos dos heróis e

cópias de documentos migratórios. Na introdução, a autora apresenta o contexto cultural e histórico. Faz uma breve revista da história da colonização polonesa no Brasil. Aludindo ao caráter predominantemente camponês dessa emigração, aponta para a excepcionalidade dos seus catorze interlocutores: pessoas bem educadas, artistas, empresários. Pela primeira vez introduz no livro os seus próprios comentários. Nas publicações anteriores, cita opiniões de outras pessoas. Por exemplo, a biografia de Ziembinski é precedida de um prefácio do notável estudioso da filologia polonesa Marcelo Paiva de Souza, da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba.

Como no caso dos livros precedentes (afora a biografia *Ziembinski – Aquele bárbaro sotaque polonês*, onde, buscando a verificação dos relatos escritos e orais a respeito de Ziembinski, realizou uma pesquisa em arquivos e bibliotecas), a autora se deixa conduzir pelos narradores dos relatos autobiográficos. Não espera deles um relato detalhado. Dá-lhes o direito de apresentar a verdade particular. A analogia de situações, a repetição das reações, a unidade do lugar de fixação (Santiago do Chile no primeiro livro, Rio de Janeiro no último) conferem aos destinos dos narradores individuais as marcas da tipicidade. Eles viajavam à América do Sul tendo apenas escassas informações a respeito do país que se tornaria o lugar de destino da sua jornada.

Aleksandra Pluta escolhe para heróis de todos os seus livros os emigrantes do pós-guerra que realizam pela sua vida os valores intelectuais neles inculcados pelas famílias, pelas escolas de antes da guerra e pelo escotismo: “Durante esses vinte anos educou-se uma geração realmente maravilhosa. Naturalmente, sempre em alguma parte há alguns defeitos, mas de maneira geral essa foi uma geração maravilhosa” – dirá um dos interlocutores, Cristóvão Gluchowski (p. 91).

Esses valores modelavam a forma de funcionar no mundo. Resultavam em honestidade interior, postura pró-social, prontidão a sacrifícios pessoais, ativismo em prol da comunidade. Os emigrantes transportaram esses valores interiorizados para uma outra dimensão geográfica e cultural. O legado deles é especialmente importante no contexto da degradação dos intelectuais na Polônia depois da guerra.

Os heróis dos livros de Pluta são indivíduos que se salvaram e que o vento da história encaminhou ao continente sul-americano. A salvação da vida na borrasca da guerra era uma questão de acaso e de milagre ao mesmo tempo. Liliana Syrkis, cujo pai foi assassinado em 1940 em Kharkov, relata: “Quando eu ia de casa para a escola, a NKVD já havia ido para pegar minha mãe [...]. Em Pinsk todos os judeus foram mortos, talvez uns três se tenham salvado. De maneira que foi um milagre termos podido viajar à Sibéria, onde, apesar da fome e do frio, conseguimos sobreviver” (p. 45). Os interlocutores de Pluta fugiam da Europa envolvida pela guerra ou, suspensos no vazio do pós-guerra, conscientemente escolhiam a vida no Novo Mundo. As suas narrativas se interligam pela aceitação do fato da própria emigração. O país em que se estabeleceram – Chile, Argentina e sobretudo Brasil – é avaliado por eles positivamente, como o lugar onde lhes foi permitido viver, onde, expulsos do dia a dia de antes da guerra, encontraram um porto seguro. Os recém-chegados encontravam ali a aceitação. Danuta Haczynska da Nóbrega, que após a vinda ao Rio de Janeiro ganhou uma bolsa que lhe possibilitou estudar na respeitada escola particular Colégio Sagrado Coração de Maria, recorda: “Tanto as colegas como as irmãs [...] eram muito carinhosas, porque sabiam que eu tinha vindo de um país em guerra” (p. 78-79). Ladislau Dzieciolowski dirá: “E quanto à minha vida de emigrado, estou satisfeito, não me posso queixar. Eu seria muito ingrato se me queixasse. [...] Os

brasileiros me receberam muito bem, desde o início o nosso relacionamento foi muito amigável. Todos me tratavam com gentileza, não havia preconceitos” (p. 40-41). Ana Dzieciolowska recorda que no Rio os poloneses não se fechavam num gueto étnico: “Os brasileiros nos aceitaram e por isso rapidamente ingressamos nessa sociedade. [...] Sempre nos convidavam para suas casas, para passarmos juntos as festas do Natal [...], sempre eram amistosos e hospitaleiros” (p. 232).

Os emigrados da Polônia eram tratados como componentes daquela multidão de imigrantes que a partir do século XVII começaram a estabelecer-se na América do Sul. Tinham a oportunidade do desenvolvimento pessoal e a possibilidade da realização profissional. Visto que haviam sobrevivido às agruras da guerra, a muitas situações que ameaçavam a vida, após a vinda ao Novo Mundo, envolvidos pela benevolência geral do ambiente e granjeando a sua aceitação, foram capazes de mais uma vez encontrar um espaço para a vida. Não se sentiam estigmatizados pela etiqueta da “estranheza”. Não foram reduzidos ao papel de “estrangeiros”. Os que tinham a maior consciência da perda, não somente das fontes psicológicas e culturais da identidade, mas também de quase todos os parentes, eram os judeus poloneses salvos do Holocausto. O Brasil lhes deu a oportunidade para uma recuperação pós-traumática.

Os que chegavam sentiam-se fascinados pela beleza da capital: “[O Rio] era limpo e tão belo como Paris... [...] Havia muita elegância. Uma Paris nos trópicos” (Danuta Haczynska da Nóbrega, p. 78): “A viagem foi horrível. Nós a fizemos de navio, na terceira classe, no porão, onde os passageiros sentiam fortemente o balanço, as crianças choravam, as pessoas vomitavam. Em toda a parte o mau cheiro e a sujeira. Isso era horrível. Mas chegamos ao Rio. Quando começamos a

nos aproximar, quando vi essa bela cidade, essas montanhas, esse mar!... Faltam-me palavras” (Liliana Syrkis, p. 51); “Apaixonei-me por esta cidade à primeira vista. Até hoje estou muito satisfeito por aqui morar” (Alexandre Laks, p. 64).

Como resulta dos pronunciamentos das personagens, os brasileiros contaminavam os emigrados com a sua alegria. Naturalmente, a respeito do que lembra a pintora Alícia Sikorska-Glass, ao chegarem eles se defrontavam com costumes que lhes eram estranhos. Por exemplo, era comumente aceito que as moças iam a festas, ao cinema ou ao teatro exclusivamente em companhia masculina.

Os relatos dos protagonistas de Pluta são histórias de sobrevivência, de salvasões milagrosas, de instinto de vida que fornece forças para superar sucessivos obstáculos. Coerentemente a autora constrói a narrativa sobre imigrantes poloneses espalhados pelo mundo como pessoas de sucesso. O Brasil, o Chile ou a Argentina que a envolvem são lugares mentalmente distantes da Polônia. Situam-se à margem da nossa percepção, acostumada a captar informações provenientes do círculo da cultura anglo-saxônica. Os imigrantes residentes nos Estados Unidos estão mais presentes na nossa reflexão do que aqueles que se fixaram sob o Cruzeiro do Sul. Basicamente, influenciaram essa exclusão os rigores introduzidos pelos regimes militares sul-americanos e a interrupção dos laços com o país de origem, também governado autoritariamente. Os livros de Pluta devolvem a lembrança dos Ausentes.

Os interlocutores de Pluta refazem e interpretam a própria experiência. Dirigindo o pensamento à sua existência que se desenvolveu no tempo, elaboram a própria identidade. A construção do próprio destino no relato é uma expressão do desejo de penetrar aquilo que “é inexplicável e imprevisível, que, subtraindo-se ao conhecimento e à clara compreensão, ao

mesmo tempo não deixa de inquietar a mente” (Buczyńska-Garewicz 2010, 7). Fazem uso dos modelos de autonarrativas que funcionam na cultura. Os seus pronunciamentos são realizados por esquemas de narrativas migratórias: o relato sobre a “base” (país de nascimento, cidade, família, peripécias dos primeiros anos de vida), o realce da importância do impulso exterior que determina a migração, o momento da vinda ao país de fixação e a descrição do processo do estabelecimento na nova realidade (busca de trabalho, fundação de uma família) e – finalmente – a visão da vida no contexto do significado das escolhas feitas. A autoanálise conduz à autodeclaração. Os heróis dos livros de Pluta não fazem isso *ad hoc*. A autodeclaração resulta da reflexão, com a qual envolvem várias dezenas de anos de uma vida em geral significativamente longa. A perspectiva intercultural os induz a um pensamento relativo, enriquece-os cognitivamente. Graças à realização desse trabalho mental, as narrativas por eles relatadas transformam-se em tratados sobre a memória e o esquecimento. Não podendo fazer um relato do transcurso de toda a vida, eles escolhem “pontos de orientação”, acontecimentos cruciais. Apontam para momentos dolorosos, mas os comentam com uma ou algumas frases apenas. De acordo com a intenção da autora, destacam os papéis por eles cumpridos de emigrantes e imigrantes. Levam em conta as diversas formas possíveis de interpretar a sua situação existencial: “Não sou emigrante – estou entre os emigrados” (p. 86) – dirá Cristóvão Gluchowski, antigo soldado polonês que até 1970 residiu em Londres, e a partir de 1988 no Rio de Janeiro, autor de dois volumes de memórias: *Polacy w Londynie: 1947-1970* (“Os poloneses em Londres: 1947-1970”) e *Śladami pradziadów* (“Na trilha dos antepassados”). Os sobrinhos de Mieczysław Lepecki, um conhecido repórter de antes da guerra, ajudante de campo de Józef Piłsudski,

afirmam que ser ao mesmo tempo brasileiro e polonês não encerra em si nenhuma contradição. Jorge Lepecki diz: “Na minha situação [...], sou uma coisa e outra. [...] Aqui sou tratado como um local. No Brasil há tantas pessoas de origem estrangeira que ninguém nem sabe se alguém é um imigrante recente ou antigo [...]. Eu não trato a minha emigração como uma perda. Para as pessoas mais velhas a emigração certamente pode ser uma perda, mas pra mim não foi” (p. 140-141). Seu irmão, Vitoldo Lepecki, confirma: “Sou meio polonês, meio brasileiro. Há pouco obtive a cidadania polonesa. Sou meio a meio, um pouco dividido, mas basicamente me sinto um cidadão brasileiro de origem polonesa” (p. 141). Alexandre Laks constata: “Eu me senti bem no Brasil e assim me sinto até hoje. [...] Não sentia que era judeu ou polonês, ninguém me perguntava isso. O Brasil é para mim uma nova pátria, embora não me tenha esquecido de que nasci na Polônia. Sou também membro da Sociedade ‘Polônia’ no Rio de Janeiro. Sou judeu e sou hoje muito respeitado no Brasil. Fui nomeado cidadão honorário da cidade do Rio de Janeiro. Não me sinto estrangeiro, visto que os brasileiros aceitam a todos, não têm quaisquer preconceitos” (p. 65). Contrariamente aos emigrantes do pós-guerra, tem uma grande dificuldade para definir a sua identidade Igor Cwajgenberg, de vinte anos de idade, neto de uma moradora do Rio salva do Holocausto: “Sou brasileiro, mas não pareço brasileiro. Sou um judeu. Meu pai casou-se com uma judia de origem polonesa, de maneira que tanto meu pai como minha mãe são judeus poloneses. No Brasil não me tratam como brasileiro, na Polônia não sou polonês. [...] Não tenho um país” (p. 221).

Um elemento constante abordado nas entrevistas é o projeto no final não realizado de uma eventual volta dos emigrantes à Polônia. As tentativas empreendidas resultaram

em insucessos, porquanto “o que é difícil na figura da volta é a continuidade. A falta de continuidade na experiência de permanecer não permite [...] reencontrar plenamente o que se abandonou, reassumir as coisas onde foram deixadas, reencontrar a si mesmo ainda não mudado” (Augé 2009, 73). A história da partida da família à Polônia nos anos 70, dos dramáticos efeitos dessa decisão e – no final – da reemigração ao Brasil é relatada por Aldona Kozłowski: “Tínhamos muita dificuldade, porque não falávamos em polonês. As crianças nos chamavam de imperialistas, porque havíamos vindo da América. Elas tinham incutido na cabeça que a América é terra de imperialistas” (p. 183).

Aleksandra Pluta olha para os seus protagonistas de uma perspectiva especial. Há catorze anos reside fora da Polônia, sucessivamente: na Itália, no Chile e no Brasil. Ao formular perguntas a compatriotas que há setenta anos aportaram no litoral da América do Sul, a respeito do que lhes ofereceu o país de fixação e a respeito da sua autoidentificação – adquire conhecimentos e perspectivas que lhe possibilitam olhar para as escolhas próprias e as da sua geração. Em *Caminho para o Rio* inscreve-se a tensão que existe entre a emigração imaginada e o seu formato real. Encontra-se também o elogio do multiculturalismo e da tolerância, o respeito às pessoas de mente aberta e energia inesgotável. As biografias dos protagonistas de Pluta testemunham que, residindo a milhares de quilômetros da pátria, alguém pode continuar a sentir-se polonês, que o ser brasileiro não apaga o primitivo “eu” e que a consciente aceitação dos condicionamentos do país de fixação resulta num sentimento de realização. Como declaram os interlocutores, o duplo enraizamento não é um obstáculo, mas um estímulo ao seu desenvolvimento. A autora destaca a posição deles, de emigrantes e imigrantes, bem como as consequências que

resultam do cumprimento desses dois papéis. Os livros precedentes de Pluta são o registro de histórias faladas ou assumem a forma de relatos autobiográficos e biográficos. Em seu último livro, ela reúne entrevistas realizadas com decanos da imigração polonesa no Rio de Janeiro.

Bibliografia

AUGÉ, M. *Formy zapomnienia*, trad. A. Turczyn, introd. J. Mikułowski-Pomorski. Kraków, 2009

BUCZYŃSKA-GAREWICZ, H. *Człowiek wobec losu*. Kraków, 2010.

BRUNO SCHULZ: O ENCONTRO ENTRE O LITERATURA POLONESA E O TEATRO BRASILEIRO

Natalia KLIDZIO*

O Brasil marcou mais uma vez a consagração da obra literária do escritor polonês Bruno Schulz. Desta vez, foi o teatro brasileiro que buscou um diálogo e aproximação com os contos de Schulz através do primoroso trabalho do grupo A Turma do Dionísio Produção de Espetáculos Culturais Ltda. O grupo realizou a montagem da performance *Sanatorium*, caracterizada pela adaptação de contos do livro *Sanatório*, de Bruno Schulz, que foram traduzidos e publicados no Brasil por Henryk Siewierski. O espetáculo é resultante dos trabalhos do ator e diretor Jerson Vicente Fontana, que fez a adaptação textual para o teatro, além da sua atuação, e da atriz Maristela Marasca Weirich, coordenadora técnica e produtora.

O ano 2018 foi quando o espetáculo estreou, no mês de março, em Santo Ângelo – RS, município sede do grupo. Posteriormente, realizou diversas apresentações, foi se firmando e hoje, o *Sanatorium* integra o conjunto de produções que A Turma do Dionísio disponibiliza ao público. O ponto alto foi o convite que o grupo recebeu e ao qual atendeu, vindo de Drohobycz, da Ucrânia, terra natal de Bruno Schulz, para participar, de 1 a 7 de junho de 2018, do VIII Festival Internacional Bruno Schulz, cujo tema foi A ARCA

* Universidade Maria Curie Skłodowska (UMCS) em Lublin, na Polônia.

IMAGINÁRIA DE BRUNO SCHULZ. O convite veio dos organizadores do evento, ou seja, do Centro Polonês de Educação e Informação na Universidade Pedagógica Ivan Franko em Drohobycz (Ucrânia) e da Associação de Apoio ao Festival Bruno Schulz, de Lublin (Polônia). O Festival em Drohobycz é um projeto multidisciplinar com atividades artísticas, conferências científicas e encontros com poetas, tradutores e outros. É o único projeto desse tipo no mundo realizado pelos entusiastas de Bruno Schulz. É um evento que ocorre a cada dois anos e conta com o apoio de várias instituições culturais e educacionais. A confirmação da vinda d'A Turma do Dionísio para a Ucrânia gerou também convites para se apresentarem na Polônia, nas cidades de Lublin e Gdańsk, que foram atendidos. Em suma, totalizando onze apresentações em 2018, o espetáculo cumpriu na sequência uma agenda, como segue, com um público representativo, que deu as garantias da qualidade e sucesso ao grupo:

Dia 02 e 03 de março de 2018 - Espetáculo *Sanatorium*, em Santo Ângelo/ RS, no Auditório da Escola Estadual Odão Felipe Pippi, para estudantes de Normal Superior.

Dia 18 de março de 2018 - Espetáculo *Sanatorium*, em Santo Ângelo/ RS, no Teatro Municipal Antônio Sepp.

Dia 05 de abril de 2018 - Espetáculo *Sanatorium*, em Brasília, DF, a convite da Cátedra Cyprian Norwid de Estudos Poloneses e do Instituto de Letras da Universidade de Brasília/UnB.

Dia 22 de maio de 2018 – Espetáculo *Sanatorium*, em Lublin, Polônia, a convite do Centro de Língua Portuguesa/Camões e

do Departamento de Estudos Portugueses da Universidade Maria Curie-Skłodowska/UMCS.

Dias 2 e 4 de junho de 2018 - Espetáculo *Sanatorium*, em Drohobycz, Ucrânia, a convite dos organizadores do VIII Festival Internacional Bruno Schulz: Centro Polonês de Educação e Informação na Universidade Pedagógica Ivan Franko em Drohobycz (Ucrânia) e da Associação de Apoio ao Festival Bruno Schulz, de Lublin (Polônia).

Dia 6 de junho de 2018 - Espetáculo *Sanatorium*, em Gdańsk, Polônia, a convite da Universidade de Gdańsk. Apresentado aos estudantes da Faculdade de Letras (Wydział Filologiczny/UG) e demais interessados.

Dia 21 de julho de 2018 - Espetáculo *Sanatorium*, no Museu do Doce, em Pelotas/RS, a convite do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas/PPGMP/UFPel.

Dia 27 de setembro de 2018 - Espetáculo *Sanatorium*, em Santa Rosa/RS, a convite dos organizadores da Semana Acadêmica de Psicologia da UNIJUÍ, teve início na noite de segunda-feira, 27, e se estendeu durante toda a semana no *Campus Santa Rosa*.

Dia 18 de novembro de 2018 (agendado) - Espetáculo *Sanatorium*, em Ijuí/RS, a convite do SESC/Ijuí e SINPRO-Sindicato dos Professores Particulares de Ijuí.

Fontes:

<https://www.polonicus.com.br>

<https://www.revistafinal.com/2018/03/13/a-turma-do-dionisio-estreia-a-peca-sanatorium/>
<https://www.youtube.com/watch?v=qlyzOMOuHJI>
<http://catedranorwid.unb.br/5>
<http://www.brunoschulzfestival.org/>
<https://www.youtube.com/watch?v=Mbe1Xkcf1q0>
<http://www.brunoschulzfestival.org/index.php?tpr=news&id=140>
<http://lublin.wyborcza.pl/lublin/7,48724,23554606,o-dostatni-festiwal-bruno-schulza-z-lublinem-w-tle.html>
<http://maydan.drohobych.net/?p=56955>
<http://www.diariomissoes.com.br/a-turma-do-dionisio-se-apresenta-na-polonia-e-na-ucrania/>
<https://www.umcs.pl/pl/2018,14430,spektakl-sanatorium-grupy-teatralnej-z-brazylji-a-turma-do-dionisio,65455.htm>
<https://www.umcs.pl/pl/galeria,5437,22-05-2018-spektakl-sanatorium-grupy-teatralnej-z-brazylji-a-turma-do-dionisio,65191.htm>
https://fil.ug.edu.pl/media/aktualnosci/76583/sanatorium_spektakl_brazyljskiej_grupy_teatralnej
<https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2018/07/19/peca-sanatorium-sera-apresentada-neste-sabado-21/>
<https://www.unijui.edu.br/comunica/cursos/196-presencial/psicologia-bacharelado/30477-espetaculo-sanatorium-abre-semana-academica-de-psicologia-na-unijui-campus-santa-rosa>

RESUMO – STRESZCZENIE

Literatura polska znajduje miejsce w teatrze brazylijskim. To za przyczyną Bruno Schultza, który staje się w tym kraju coraz popularniejszym. Autorka artykuła przedstawiła kalendarium przedstawię teatralnych „Sanatorium” w różnych miejscach Brazylii.

**VISITA DO BISPO WIESŁAW LECHOWICZ
ÀS COMUNIDADES POLÔNICAS BRASILEIRAS
60 anos da presença e atuação da Sociedade de Cristo
no Brasil**

*Zdzislaw MALCZEWSKI SChr**

A partir do dia 18 de agosto do ano corrente, o bispo Wiesław Lechowicz – delegado da Conferência do Episcopado da Polônia (CEP) para a Pastoral dos Emigrados Poloneses – visitou pela primeira vez as comunidades polônicas no Brasil. O hierarca polonês veio também ao País para participar das solenes comemorações dos 60 anos da presença e do ministério da Sociedade de Cristo em prol da comunidade polônica, bem como da Igreja local na América do Sul.

Correspondências especiais por ocasião do jubileu dos Padres da Sociedade de Cristo foram enviadas pelos hierarcas poloneses: arcebispo Stanisław Gądecki – presidente da CEP a arcebispo Wojciech Polak – primaz da Polônia.

Foram igualmente enviados votos e felicitações pelo presidente do Senado da Polônia Stanisław Karczewski e pelo presidente da Associação “Wspólnota Polska” (Comunidade Polonesa) Dariusz Piotr Bronisławski.

Eis o texto da carta do presidente do Senado da Polônia:

Varsóvia, 11 de agosto de 2018.

* Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil.

Padre Dr. Zdzislaw Malczewski SChr
Reitor
Missão Católica Polonesa
Porto Alegre, Brasil

Reverendo Padre Reitor, Prezados Senhores e Senhoras,
Caros Compatriotas,

Agradeço cordialmente pelo convite para as solenidades dos 60 anos do ministério da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados no Brasil. Lamento imensamente que compromissos anteriormente assumidos tenham impossibilitado a minha participação num evento tão significativo e importante para os ambientes polônicos e pastorais no Brasil, que manifestam o apego da comunidade polônica à Polônia e ao país dos antepassados.

Esse significativo aniversário demonstra como é essencial para a integração dos ambientes dos Compatriotas no exterior e para a assistência e o amparo ao polonismo o papel do clero polonês e a comunidade de fé. A importância que no decorrer dos 60 anos da sua presença no Brasil a Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados tem atribuído e continua a atribuir ao trabalho pastoral e à moldagem e ao cultivo da identidade das sucessivas gerações dos descendentes dos emigrantes de terras polonesas merece o mais elevado respeito e reconhecimento.

Com o seu árduo trabalho os emigrantes poloneses trouxeram uma notável contribuição para a edificação do Brasil moderno. Os seus descendentes, brasileiros conscientes das suas raízes polonesas, constituem uma importante parcela das coletividades locais, merecendo o respeito e o reconhecimento. Através do cultivo das tradições pátrias, da língua e da ação em organizações sociais, a comunidade polônica no Brasil enriquece a cultura e a diversidade desse país.

O papel singular da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados para a história e a vida corrente dos ambientes poloneses e polônicos no mundo inteiro é mui acertadamente abordado pela mensagem do fundador da Congregação, o inquebrantável Primaz da Polônia Cardeal Augusto Hlond: “No exterior, almas polonesas estão perecendo”. É justamente pensando nos nossos Compatriotas, aos quais a situação econômica e política das terras polonesas forçou a abandonar a Pátria, e que pela participação em sucessivos levantes patrióticos, guerras mundiais e lutas contra sistemas totalitários pagaram o preço da perda da Pátria, que os padres e religiosos da Sociedade de Cristo atuam ininterruptamente desde 1932. Como Presidente do Senado da República da Polônia e, sobretudo, como polonês, enche-me de grande alegria e orgulho o Decreto Pontifício promulgado no dia 21 de maio de 2018 sobre o Heroísmo das Virtudes do Cardeal Augusto Hlond, que constitui um importante passo no processo de beatificação desse grande Patriota e incansável mestre do amor à Pátria. Torna-se extremamente eloquente e simbólico o fato da promulgação do Decreto no ano do Centésimo Aniversário da Recuperação da Independência pela Polônia.

Ao analisarmos a história da pastoral polonesa no Brasil, não nos podemos esquecer da figura do Pe. Inácio Posadzy, cofundador da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados, autor de Na trilha dos peregrinos, que constitui uma característica inspiração para o trabalho em meio aos ambientes polônicos da América do Sul. Estou convencido de que a edição do livro em português contribuirá para ajudar a promover no Brasil a história da emigração polonesa.

Em nome do Senado da República da Polônia e em meu próprio, desejo aos Anfitriões e aos Hóspedes vindos a Curitiba, capital da comunidade polônica brasileira, para as solenidades das comemorações dos 60 anos da atividade da sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados no Brasil impressões repletas de emoções. Que essa bela solenidade, que ocorre no ano do insigne Jubileu dos

100 Anos da Recuperação da Independência pela Polônia, forneça novas energias e motivações para o trabalho hoje tão importante e necessário em prol do devotamento e do amor à Pátria.

*Atenciosamente,
Stanisław Karczewski*

Por sua vez o presidente da Associação “Wspólnota Polska” (Comunidade Polonesa) escreveu assim:

Varsóvia, 23 de agosto de 2018.

*Reverendo
Pe. Dr. Zdzisław Malczewski
Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil*

Prezado Padre Reitor,

Por ocasião do Jubileu dos 60 anos do trabalho pastoral da Sociedade de Cristo no Brasil, em nome da Associação “Wspólnota Polska” e em meu próprio quero apresentar através do Padre Reitor os melhores votos a todos os Padres da Sociedade de Cristo que trabalham junto aos nossos compatriotas.

Envio as minhas profundas felicitações em razão dos grandes méritos na propagação da cultura polonesa e das realizações no trabalho missionário. Asseguro a constante benevolência da Associação “Wspólnota Polaska” diante da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados.

Sessenta anos de trabalho pastoral, organizacional, científico e social significam muita coisa. Além de se empenharem para que nas comunidades polônicas reine o espírito da fé e do amor, os Padres da Sociedade de Cristo têm cumprido um papel crucial na edificação da

identidade polônica no Brasil. Graças aos Padres e ao seu ministério sacerdotal, repleto de dedicação e envolvimento, para muitos poloneses no Brasil a Igreja tem se tornado a casa onde eles se encontram, onde preservam as suas tradições e a cultura polonesa.

O balanço dos 60 anos do trabalho pastoral não pode ser avaliado com uma medida e transformado em valores perceptíveis. No entanto existe ainda um outro balanço, o balanço da vida sobrenatural, conhecido somente do próprio Deus, que não pode ser captado por nenhuma medida nem percebido pelo mais destro olhar de um arguto pesquisador. Esse balanço é a maior alegria e a razão de um justo orgulho para todo Aniversariante com méritos.

Gentilmente peço, portanto, que sejam transmitidos os votos mais cordiais ao Pe. Casimiro Długosz SChr, superior da Província de Nossa Senhora Imaculada na América Latina. Faço votos de abundantes graças divinas para os anos subsequentes do ministério sacerdotal. Que Deus proporcione a todos os Padres que trabalham no Brasil a saúde, a energia e a força, e que Maria Imaculada interceda por Eles e Lhes alcance as necessárias graças, envolvendo-Os com o manto da Sua proteção.

*Atenciosamente,
Dariusz Piotr Bonisławski
Presidente*

Para as solenidades, veio especialmente de Varsóvia o deputado Jan Dziejczak, da Comissão do Senado para a União com os Poloneses no Exterior.

Durante a sua estada no Brasil, o bispo Wiesław Lechowicz teve a possibilidade de familiarizar-se com a fé e as condições de vida dos colonos de origem polonesa que se dedicam à agricultura em Rio Claro do Sul, no estado do Paraná. Para os descendentes dos pioneiros imigrantes

poloneses ele celebrou uma Missa em polonês. O hierarca polonês encontrou-se também com a comunidade polônica que vive e atua em alguns municípios (São Mateus do Sul e Quedas do Iguaçu, no Paraná), bem como em metrópoles como Porto Alegre, Curitiba, Rio de Janeiro.

Nos últimos dias da sua estada no Brasil, o delegado da CEP para a Pastoral dos Emigrados Poloneses devia fazer uma visita de cortesia à sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em Brasília e conhecer a Seção do Episcopado do Brasil para a Mobilidade Humana, que cuida dos migrantes e das pessoas a caminho, mas infelizmente essa visita não se realizou, em razão da morte do arcebispo Szczepan Wesoły, por muitos anos delegado do primaz da Polônia para a Pastoral Polônica no mundo. Após se encontrar com a comunidade polônica no Rio de Janeiro, o bispo Wiesław Lechowicz voltou à Polônia para participar das solenidades de sepultamento do arcebispo Szczepan Wesoły em Katowice.

O bispo Wiesław Lechowicz iniciou a sua visita ao Brasil com um encontro com a comunidade polônica em Porto Alegre. No sábado à noite, 18 de agosto, o bispo polonês foi recepcionado pela coletividade polônica na sede da Sociedade Polonia, e a seguir, no domingo, 19 de agosto, celebrou uma Missa solene na igreja polonesa de Nossa Senhora de Monte Claro, durante a qual dez pessoas receberam o sacramento da confirmação. Anteriormente, em 1984, polônicos nessa cidade haviam recebido o sacramento da confirmação através do primaz da Polónia cardeal Józef Glemp. Desde então, algumas pessoas adultas aguardaram conscientemente por 34 anos a visita de um hierarca polonês para poder receber esse sacramento.

No domingo, 26 de agosto, na solenidade de Nossa Senhora de Częstochowa, o bispo Wiesław Lechowicz presidiu uma Missa solene em língua portuguesa concelebrada na igreja dos Padres da Sociedade de Cristo de S. Pedro e S. Paulo em Curitiba. Foram concelebrantes o arcebispo emérito da arquidiocese de Curitiba, de 92 anos de idade, Dom Pedro Fedalto, o bispo sênior de Łomża Stanisław Sefanek SChr, o Pe. Casimiro Długosz – provincial dos Padres da Sociedade de Cristo na América do Sul, alguns provinciais dessa Congregação vindos de outras regiões do mundo onde vivem compatriotas nossos, bem como padres da Sociedade de Cristo que exercem o seu ministério em prol da comunidade polônica no Brasil. Durante a Missa, pronunciou a homilia o bispo Lechowicz.

No final da Missa, o deputado Jan Dziejczak, vindo especialmente ao Brasil para as solenidade jubilares, em nome do presidente da Polônia, Andrzej Duda, condecorou com a Cruz de Cavaleiro da Ordem do Mérito da República da Polônia o Pe. José Wojnar, um padre da Sociedade de Cristo que comemora neste ano os 60 anos de sacerdócio e que serve à comunidade polônica brasileira há 54 anos. A seguir Marta Olkowska, representante da Embaixada da Polônia, leu uma carta do ministro Adam Kwiatkowski, da Chancelaria da Presidência, que em nome do Chefe de Estado expressou os votos e os agradecimentos à Congregação fundada pelo Venerável Servo de Deus cardeal August Hlond, primaz da Polônia, que se preocupava com o bem espiritual e cultural da coletividade polônica no Brasil.

Eis o texto da carta do ministro Adam Kwiatkowski:

*CHANCELARIA DO PRESIDENTE
DA REPÚBLICA DA POLÔNIA*

*Secretário de Estado
Adam Kwiatkowski*

Varsóvia, 16 de agosto de 2018.

*Aos organizadores e participantes
das solenidades por ocasião dos 60 anos do ministério
da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados
Curitiba - BRASIL*

*Reverendíssimos Padres,
Reverendas Irmãs,
Caros Compatriotas,
Prezados Senhores,*

Agradeço cordialmente pelo convite para a participação do Jubileu dos 60 anos do ministério da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados no Brasil. Esse importante evento, organizado com grande investimento de trabalho e envolvimento de pessoas religiosas e da coletividade polônica da cidade de Curitiba e do estado do Paraná, relembra a presença e a contribuição do clero polonês e de grandes contingentes de emigrados da Polônia para o desenvolvimento do Brasil, que se tornou a sua segunda Pátria. Alegro-me porque esse Jubileu se inscreve no programa das comemorações do Centésimo Aniversário da Recuperação da Independência da Polônia, que ocorre neste ano.

Asseguro o apoio do Presidente da República da Polônia Senhor Andrzej Duda à missão da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados, que proporciona a assistência espiritual e a múltipla ajuda aos Compatriotas no distante Brasil e em outras regiões do mundo. Graças à ação dos padres poloneses e das congregações religiosas masculinas e femininas, nas sucessivas gerações são cultivam-se a língua polonesa, a cultura, a tradição e os

costumes poloneses. Cada encontro com os Compatriotas do Brasil e cada diálogo com eles permanecerão em minha memória como um testemunho indelével da história da Polônia longe da terra pátria dos antepassados.

Por ocasião do Jubileu, em nome do Presidente da República da Polônia Senhor Andrzej Duda e em meu próprio, por intermédio do Reitor da Missão Católica Polonesa, Pe. Dr. Zdzislaw Malczewski, apresento a todos os Padres os melhores votos de muitos sucessos na continuidade do seu ministério pelo bem da comunidade polônica brasileira. Saúdo mui cordialmente os meus Compatriotas e todos os presentes nas comemorações jubilares, desejando-lhes todo o sucesso no trabalho social e na vida pessoal.

Com expressões de consideração,

Adam Kwiatkowski

O conjunto de canto e dança “Pilsko”, de Żywiec, abrilhantou com os seus cânticos a solene celebração da Missa.

À tarde, no Parque João Paulo II, situado na parte central de Curitiba, houve eventos de caráter cultural, dos quais participaram representantes oficiais da Igreja e do Governo da Polônia, bem como políticos locais: a governadora Maria Aparecida Borghetti e o prefeito de Curitiba Rafael Greca – um grande e tradicional amigo da comunidade polônica.

Nos encontros do bispo Wiesław Lechowicz com as comunidades polônicas no Brasil inscreveram-se igualmente as comemorações dos 100 anos da recuperação da independência da Polônia e, através da oração comum com o bispo polonês, as pessoas de origem polonesa expressaram a sua afetuosa lembrança do país de sua origem.

RESUMO – STRESZCZENIE

Biskup Wiesław Lechowicz – delegat Konferencji Episkopatu Polski ds. duszpasterstwa Polskiej Emigracji odwiedził, po raz pierwszy, wybrane ośrodki polonine w Brazylii. Równocześnie wziął udział w uroczystości 60. lecia posługi Towarzystwa Chrystusowego w Ameryce Południowej.

**V ENCONTRO MUNDIAL DOS POLÔNICOS
E POLONESES DO EXTERIOR.
REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA***

*Everly GILLER***

*André HAMERSKI****

Aconteceu em Varsóvia entre os dias 20 e 23 de setembro o V Encontro Mundial dos Polônicos e Poloneses do Exterior realizado juntamente com as comemorações do 100º aniversário da reconquista da independência da Polônia.

No primeiro dia foi celebrada Santa Missa na catedral de Varsóvia nas intenções da Pátria. A seguir foi depositada coroa de flores junto ao Monumento ao Soldado Desconhecido, entre outros, por representação da BRASPOL. A sessão inaugural do V Zjazd foi no plenário do Sejm (Congresso Nacional da Polônia). Logo após houve o encontro com o Presidente da República da Polônia. À noite aconteceu o Concerto de Gala “Nossa Independente 1918-2018”, (“Nossa Pátria Independente”, em português) em alusão aos 100 anos de reconquista da independência pela Polônia.

No segundo dia iniciaram os debates, mais de 600 representantes de comunidades polonesas de todo o mundo tiveram a oportunidade de discutir assuntos diversos distribuídos em 7 fóruns: Ciências, Organizações polônicas,

* Artigo originalmente publicado em *BoletimTAK!*, n. 7, p. 22-23.

** Casa da Cultura Polônia Brasil – Curitiba-PR.

*** Vice-presidente da Braspol para Rio Grande do Sul.

Educação, Cultura, Mídia, Pastoral, Esporte e Turismo. Representando o Brasil, participaram os padres da congregação Sociedade de Cristo Zdzisław Malczewski e Kazimierz Długosz, a integrante da Casa de Cultura Polônia-Brasil Everly Giller e os BRASPOLinos Arlindo Waczuk e André Hamerski. As reuniões aconteceram no Parlamento e tiveram como objetivo o desenvolvimento conjunto de um modelo melhor de cooperação, para que o apoio do Senado seja ainda mais efetivo. Outro ponto importante foi procurar respostas sobre como construir a identidade nacional polonesa no exterior e como agir para melhorar e defender o bom nome da Polônia.

No dia 22 foram as conclusões em nível de cada fórum e a conclusão geral, novamente no plenário do Sejm, sempre com a presença do Presidente do Senado da República da Polônia, donde flui o amparo da Polônia aos polônicos agremiados em organizações polonesas no mundo. Nosso empenho permanente foi deixar no V Zjazd as impressões reais da situação, com vistas à vitalidade de nossas organizações polônicas no Brasil. No final do dia, conagraçamento na sede da Stowarzyszenie “Wspólnota Polska”, executor do V Zjazd por delegação da Rada Polonii Świata (Conselho Mundial dos Polônicos).

O V Zjazd encerrou com celebração de Santa Missa na Świątynia Opatrzności Bożej (Santuário da Providência Divina) na intenção dos Polônicos e Poloneses do Exterior. No final do evento saímos positivos e confiantes de que cada vez mais os poloneses e descendentes de poloneses no Brasil e no mundo continuarão tendo apoio da Pátria Mãe Polônia.

Para mais informações:

<http://www.wspolnotapolska.org.pl/zjazdpolonii/index.php>

RESUMO – STRESZCZENIE

We wrześniu 2018 r. odbywał się V Zjazd Polonii i Polaków z Zagranicy w Warszawie. W Zjeździe uczestniczyło 5 osób reprezentujących społeczność polonijną w Brazylii. Autorzy opisują swoje spojrzenie na to niecodzienne wydarzenie.

PROFESSORES DO BRASIL SÃO HOMENAGEADOS NA POLÔNIA

No dia 22 de setembro de 2018, 22 eminentes literatos, estudiosos e pesquisadores ligados com a obra de Zbigniew Herbert receberam das mãos do Vice-Presidente do Conselho de Ministros, Ministro da Cultura e da Herança Nacional, Prof. Piotr Gliński, a mais elevada distinção atribuída na Polônia na área da cultura – as medalhas “Benemérito da Cultura Gloria Artis”. A solenidade se realizou no Castelo Real, durante a inauguração do I Congresso Internacional da Moderna Literatura Polonesa e da XV edição das Oficinas de Herbert.

Foram agraciados com a Medalha de Prata “Benemérito da Cultura Gloria Artis”: o Prof. Piotr Kilanowski, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba, e o Prof. Marcello Paiva de Souza, da mesma Universidade.

Fonte: www.mkidn.gov.pl (25.10.2018)

RESUMO – STRESZCZENIE

22 września 2018 r. dwaj wykładowcy z Parańskiego Uniwersytetu Federalnego w Kurytybie: Piotr Kilanowski i Marcello Paiva de Souza otrzymali brązowy medal „Zasłużony dla Kultury Gloria Artis” Ministerstwa Kultury i Dziedzictwa Narodowego.

ENCONTRO POLÔNICO EM CURITIBA

*Mariano KAWKA**

A XIV Assembleia Geral Ordinária da Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil (BRASPOL), realizada em Curitiba nos dias 20 e 21 de outubro, reuniu um número representativo (cerca de 70 pessoas) de membros da comunidade polônica, primordialmente para a eleição da Diretoria Executiva Nacional e do Conselho Fiscal Nacional. Mas o evento serviu também de ocasião para uma frutuosa troca de ideais a respeito do passado e do futuro dessa comunidade às vésperas do sesquicentenário da vinda dos primeiro grupo de imigrantes poloneses ao Brasil.

Abriu-se o evento com uma mensagem da vice-presidente da BRASPOL pelo estado do Paraná, Maria de Lourdes Kuchenny, que fez um pronunciamento sobre o papel e a ação dessa instituição nesses vinte e oito anos de sua existência. Falou também da sua experiência pessoal como colaboradora da organização polônica desde a sua fundação, no dia 27 de janeiro de 1990.

A palestra do Prof. Rhuan T. Zaleski Trindade teve por tema aspectos da história da Polônia. O palestrante direcionou a sua atenção à Polônia do tempo das partilhas, período em que os primeiros imigrantes buscaram uma nova sorte no Brasil. Abordou também o período da Primeira Guerra Mundial, que possibilitou a independência do país. Comentou, enfim, o significado das comemorações dos 100

* Professor, tradutor, analista de assuntos polônicos.

anos da recuperação da independência da República da Polônia no final da Primeira Guerra Mundial.

O Romualdo Pietrowski, vice-presidente da BRASPOL pelo estado de Santa Catarina, falou das ações que estão sendo programadas para a comemoração dos 150 da vinda dos primeiro grupo de imigrantes poloneses a Brusque. Informou ele que a data oficial da vinda desse grupo foi definida por um critério simbólico, o dia em que foi batizado Estêvão Sieniowski, o primeiro polono-brasileiro ali nascido e batizado no dia 25 de agosto de 1869.

Alexandre Matias Gardolinski apresentou a palestra intitulada “Os soldados poloneses de Vargas”. Com projeção de imagens, falou da participação e da ação de soldados de origem polonesa na Força Expedicionária Brasileira (FEB), que atuou na Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Participaram daquela campanha 25.334 brasileiros, dos quais 443 morreram na guerra. Desse contingente, 29 eram de origem polonesa e, destes, 9 foram vitimados pela guerra.

Em seguida se pronunciou o Marek Makowski, Cônsul Geral da Polônia em Curitiba. Na véspera de deixar o posto e de voltar à Polônia, destacou alguns aspectos do seu trabalho realizado no Brasil, pediu que a comunidade polônica demonstrasse o seu apoio ao novo diplomata que a partir do próximo ano deverá assumir essa função, bem como garantiu a continuidade do seu apoio aos polono-brasileiros, pondo-se à disposição deles para continuar a apoiá-los junto ao governo polonês.

O Dr. João Kopytowski, desembargador emérito, ao abordar a imigração polonesa ao Brasil, destacou a importância do registro histórico dessa migração, especialmente através de publicações. Destacou também o cuidado pela preservação da narrativa honesta e da boa fama do grupo étnico polonês no nosso país.

André Hamerski, vice-presidente da BRASPOL pelo Rio Grande do Sul, abordou a questão das relações da comunidade polônica brasileira com a Polônia. Ele, que havia poucas semanas tinha participado do *V Światowy Zjazd Polonii i Polaków z Zagranicy* (V Encontro Mundial dos Polônios e Poloneses no Exterior), realizado em Varsóvia nos dias 20-23 de setembro, falou das possibilidades de apoio à comunidade polônica por parte do governo polonês, especialmente através do Senado da Polônia e da Associação *Wspólnota Polska* (Comunidade Polonesa). Comentou que esses organismos têm demonstrado a disposição de oferecer apoio aos polônicos no Brasil, incentivando associações, instituições, grupos folclóricos e programas de ensino da língua polonesa. Ao abordar a questão da preservação da língua polonesa, foi secundado por Arlindo Walczuk, da BRASPOL de Áurea-RS, que, como já havia feito no encontro em Varsóvia, também falou sobre isso em polonês, num típico dialeto do polonês preservado pelos descendentes dos imigrantes poloneses no Brasil. O Sr. Hamerski destacou ainda a importância de conhecer a história da Polônia, mas também de conhecê-la ao vivo, através do intercâmbio turístico.

Os trabalhos da XIV Assembleia Geral da BRASPOL prosseguiram depois do almoço. O seu presidente nacional, Rizio Wachowicz, insistiu na necessidade de todos os núcleos adaptarem os seus estatutos às exigências atuais do Código Civil Brasileiro. Essa questão foi também reforçada por André Hamerski e Maria de Lourdes Kuchenny.

Houve então um espaço aberto para a apresentação e a análise de diversas questões organizacionais, financeiras etc., com a participação e as sugestões de diversas pessoas.

Seguiu-se a eleição para a Diretoria Executiva da Braspol Nacional, das Secretarias e do Conselho Fiscal. A seguir Rizio Wachowicz, o presidente reeleito, apresentou um

relatório administrativo da Diretoria Executiva Nacional, destacando o que foi realizado e os planos para o futuro, em especial os relacionados com as comemorações do sesquicentenário da imigração polonesa no Brasil, programadas para três etapas (em Santa Catarina em 2019, no Paraná em 2021 e no Rio Grande do Sul em 2025).

Foi apresentado depois o balanço financeiro com o parecer do Conselho Fiscal Nacional, acompanhado dos questionamentos e pedidos de esclarecimento de alguns presentes.

Na parte final do encontro, a Marlei Maria Turski, presidente do núcleo da BRASPOL de Getúlio Vargas-RS, falou do empenho do núcleo por ela representado para a instauração do processo de beatificação do cônego Estanislau Kostka Olejnik. Esse sacerdote polonês nasceu na Polônia em 1909. Já como padre, durante a Segunda Guerra Mundial foi uma das vítimas dos campos de concentração da Alemanha nazista. Em 1952 veio ao Rio Grande do Sul e no período 1959-1978 desenvolveu trabalho pastoral em Getúlio Vargas. Falecido em 1978, ele é cultuado pela população local em razão da obra beneficente que ali realizou, dos seus poderes de cura e até – como assegurou a Marlei M. Turski – de três milagres comprovados. O cônego Olejnik foi um amigo de S. João Paulo II, e a população de Getúlio Vargas pretende se empenhar pela sua elevação aos altares.

O segundo dia do encontro, domingo 21 de outubro, foi marcado pela celebração de uma Missa em polonês, na igreja de S. Estanislau, em ação de graças pela BRASPOL do Brasil. Foi celebrante o Pe. Casimiro Długosz, da Sociedade de Cristo par os Poloneses Emigrados. Essa Missa foi abrilhantada pelo Coral João Paulo II, que neste ano (no dia 28 de outubro) está completando os 90 anos da sua existência. Regido inicialmente pela Sra. Helena Skalski, com o nome de

Coral S. Cecília, assumiu a sua nova denominação em 1980, por ocasião da visita do papa S. João Paulo II a Curitiba e atualmente é regido pela maestrina Maria Helena Kantor. Por essa razão o celebrante, Pe. Casimiro, felicitou as duas entidades pelo profícuo trabalho desenvolvido no seio da comunidade polônica, incentivando-as a prosseguir nessa bela caminhada sob a proteção de Deus e o patronato de Nossa Senhora e de S. João Paulo II. No final da Missa, o José Gorski, um dos integrantes do Coral João Paulo II, apresentou aos presentes um relato histórico dessa benemérita agremiação.

Um café servido no salão da igreja após a Missa reuniu os participantes para a confraternização final e a despedida.

RESUMO – STRESZCZENIE

20-21 października 2018 odbywało się XIV walne zebranie „Braspolu” w Kurytybie. Autor opisuje przebieg tego ważnego wydarzenia polonijnego.

FILMES DO EXÉRCITO BRASILEIRO SÃO EXIBIDOS EM FESTIVAL INTERNACIONAL NA POLÔNIA

O Exército Brasileiro (EB), por meio do CCOMSEX, participou do 9º Festival Internacional de filmes históricos e militares, ocorrido na cidade de Varsóvia – Polônia, no período de 22 a 26 de outubro de 2018, concorrendo com três filmes de curta metragem: *Brasil e Haiti – um encontro pela paz*; *Uma vida de desafios – o trabalho do Exército Brasileiro nos Pelotões de Fronteira*; e *O trabalho do Exército Brasileiro em apoio ao povo nordestino*.

O Conselho Artístico do Festival, após apurada análise, selecionou, dentre os 64 filmes internacionais inscritos inicialmente, 34 como finalistas, dentre eles o filme: *Uma vida de desafios – o trabalho do Exército Brasileiro nos Pelotões de Fronteira*.

Na noite do dia 22 de outubro, em cerimônia de gala, realizada no Forte Sokolnickiego, o Coronel Wellington Silva Lousada recebeu um diploma, por ter sido o filme acima mencionado selecionado entre os melhores em sua categoria.

Como forma de reconhecimento, o filme brasileiro foi exibido, no dia 25 de outubro, na Sala Multimídia do 10º Pavilhão da Cidade de Varsóvia, para uma seleta plateia.

Em Varsóvia, o Coronel Lousada e o Subtenente Ivanildo Negreiro Coelho, do Centro de Comunicação Social do Exército, foram recebidos pelo Coronel Vieira Silva, Adido de Defesa e do Exército, e também pelo Embaixador brasileiro, Sr. Alfredo Leoni.

(Fonte: CComSEx - Israel Blajberg)

RESUMO – STRESZCZENIE

22-26 października 2018 r. odbywał się 9 festiwal filmów historycznych i wojskowych w Warszawie, podczas którego przedstawiono trzy filmy krótkometrażowe wojska Brazylii. Jeden z tych filmów otrzymał nagrodę.

A COMUNIDADE POLÔNICA DE PORTO ALEGRE PRESTA HOMENAGEM AO PAPA POLONÊS

Zdzislaw MALCZEWSKI SChr

Há cerca de três anos a comunidade polônica em Porto Alegre reúne-se no dia 26 de cada mês para uma oração comum, entregando-se à proteção de Nossa Senhora de Monte Claro, que é a Padroeira da Igreja Polonesa e da Capelania Polonesa nessa cidade.

Em razão do quadragésimo aniversário da eleição do cardeal Karol Wojtyła como papa e da solene inauguração do pontificado, no dia 26 de outubro os fiéis polônicos, juntamente com amigos nossos fascinados pela nossa espiritualidade e pelas nossas tradições, fizeram uma oração comum à noite, agradecendo a Deus pelo grande Papa Polonês.

Para familiarizar os presentes com a figura e as orientações que S. João Paulo II encaminhou à comunidade polônica durante os seus encontros com os compatriotas em diversos países, foi organizada uma exposição dedicada a ele. A mencionada exposição foi preparada pela Associação “Wspólnota Polska” (Comunidade Polonesa) para a comunidade polônica brasileira. Nas pranchas foram apresentados os pronunciamentos de João Paulo II em língua polonesa e portuguesa. As fotos apresentam o Papa Peregrino durante as suas visitas apostólicas a diversos países do mundo.

No dia da oração comum infelizmente o tempo não foi favorável. Desde o meio-dia começou a cair uma chuva torrencial, que continuou até altas horas da noite. Se alguém

esteve na cidade durante essa chuva torrencial percebeu que em tais condições a comunicação urbana se torna caótica e dificulta às pessoas o deslocamento de um bairro a outro. Mas, apesar do tempo chuvoso, reuniram-se na Igreja Polonesa cerca de 60-70 pessoas. Iniciamos a celebração em honra de S. João Paulo II entoando um cântico comum que foi composto para saudá-lo em 1980, durante a sua primeira visita apostólica ao Brasil. Um grupo de crianças e de adultos que se apresentou em trajes populares regionais poloneses trouxe a imagem de S. João Paulo II ao presbitério, deixando-a num lugar especialmente para isso preparado.

Neste ponto vale a pena enfatizar que graças ao engajamento pessoal do senhor Estanislau Karczewski – presidente do Senado da República da Polônia, a Associação “Wspólnota Polska” transferiu por intermédio da Capelania Polonesa uma adequada soma em dinheiro para a aquisição de trajes para o conjunto polônico em Porto Alegre. Durante as mais importantes solenidades organizadas na Igreja Polonesa, o conjunto participa em seus trajes, adicionando colorido aos nossos encontros religiosos.

Após a saudação do sacerdote aos presentes no santuário, recitamos conjuntamente a oração composta por S. João Paulo II a Nossa Senhora de Monte Claro. O sacerdote polônico, numa prolongada exposição, apresentou aos presentes alguns fatos da história da Polônia, da Igreja na Polônia, bem como da vida do Papa João Paulo II e recitou um trecho do poema de Juliusz Słowacki “Um papa eslavo”. Seguiram-se os cânticos comuns em língua polonesa em honra de Nossa Senhora de Monte Claro, e da já tradicional canção “Barca”, conhecida em muitos países e a predileta de S. João Paulo II. Eu gostaria de aqui enfatizar que na minha vida de emigrado não tenho encontrado uma comunidade polônica no Brasil capaz de executar tão belos e comoventes cânticos em

polonês como justamente aqui, em Porto Alegre. Para mim, polonês, esses cânticos executados pelos polônicos locais significam momentos de grandes emoções, quando me conscientizo de que essas pessoas nasceram no Brasil já em sucessivas gerações dos imigrantes. A maioria deles, embora tenha educação superior, não esteve na Polônia. Lembro neste momento como no ano passado, por ocasião da festa da Independência da Polônia, após o encerramento da santa Missa foi entoada a canção “Deus, que a Polônia”. Num momento daqueles, até um velho emigrante se deixou levar pelos sentimentos e pela emoção...

Após o encontro comum para a oração, houve um tempo para tirar fotos. É uma pena somente que nem todos os presentes na igreja quiseram posicionar-se para a foto comum. Não final, não eram as fotos as mais importantes, mas o encontro comum, que despertou nos presentes um respeito e uma gratidão maior ao Papa que com orgulho enfatizava que era polonês, estimulando os compatriotas que encontrava nas suas peregrinações apostólicas à fidelidade na fé e à manutenção da riqueza da nossa cultura e tradição.

RESUMO – STRESZCZENIE

Polonia brazylijska ma wielki dług wdzięczności wobec papieża Jana Pawła II. W związku z 40. rocznicą wyboru kardynała Karola Wojtyły na papieża wspólnota polonijna w Porto Alegre 26 października 2018 r. na wspólnej modlitwie wyrażała wdzięczność za długi, bogaty w wydarzenia dla Kościoła, świata i społeczności polonijnej pontyfikat Papieża – Polaka.

| Crônicas